



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO PREFACIADOR

Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro

Natal/RN
2015

Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro

LUÍS DA CÂMARA CASCU DO PREFACIADOR

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
ao Estudo da Linguagem, da Universidade Federal
do Rio Grande do Norte para a obtenção do título
de DOUTORA EM LETRAS, com a área de
concentração em Literatura Comparada, na linha
de pesquisa Literatura e Memória Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de
Araújo

Natal/RN
2015

Seção de Informação e Referência
Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Monteiro, Maria da Conceição Silva Dantas.
Luís da Câmara Cascudo Prefaciador / Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro.
– Natal, RN, 2015.
167 f.

Orientador: Humberto Hermenegildo de Araújo.

Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Programa de Pós-graduação em
Estudos da Linguagem.

1. Estudos literários - Tese. 2. Prefácio – Tese. 3. Luís da Câmara Cascudo – Tese.
4. Memória – Tese. I. Araújo, Humberto Hermenegildo de. II. Título.

PÁGINA DE APROVAÇÃO

A Tese intitulada: **LUÍS DA CÂMARA CASCU DO PREFACIADOR**, apresentada por Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro foi aprovada e aceita como requisito para obtenção do grau de Doutor em Letras em _____ , _____ , _____.

Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo
Orientador/UFRN

Profa. Dra. Cássia de Fátima Matos dos Santos
Examinadora/UERN

Profa. Dra. Franselma Fernandes de Figueirêdo
Examinadora/UFERSA

Prof. Dr. José Luiz Ferreira
Examinador/UFRN

Profa. Dra. Edna Maria Rangel de Sá Gomes
Examinadora/UFRN

AGRADECIMENTOS

A Deus, Ser Supremo, responsável pela minha existência e sem o qual essa Tese não teria sido idealizada, escrita, defendida e aprovada;

Ao Professor Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo, um ser humano raro por suas qualidades; um mestre como poucos pela capacidade de partilhar seu conhecimento, um eterno incentivador da pesquisa sobre o dado local, um orientador com quem se aprende até quando ele permanece em silêncio;

Aos Professores do PPgEL: Derivaldo, por indicar e sugerir leituras; Ilza Matias, por me proporcionar deleite com suas leituras filosóficas; Andrey, que mui generosamente me aceitou como ouvinte em sua disciplina, para que eu pudesse refazer o meu projeto;

Aos Professores da Qualificação, José Luiz e Cássia Matos, pela leitura atenta e pelas sugestões dadas;

À Banca Examinadora, Cássia Matos, José Luiz, Edna Rangel e Franselma Figueiredo, pela atenção ao convite e pela dedicação à leitura da Tese;

Ao Departamento de Letras/UERN/Açu, que me permitiu tirar licença para fazer o doutorado;

Ao Instituto Câmara Cascudo - Ludovicus, representado por Daliana Cascudo, por me acolher, incentivar e auxiliar imensamente no decorrer da pesquisa;

À Daliana Cascudo, por abrir as portas do Instituto Câmara Cascudo – Ludovicus para a pesquisa e por ajudar a saciar a minha curiosidade sobre o seu “espirituoso” avô;

Aos funcionários do Ludovicus Gê, Maria, Paulo e Cilene, pela atenção nos momentos da pesquisa de campo;

Às instituições que possibilitaram a coleta de dados: o Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses (UFRN), a Biblioteca Câmara Cascudo, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, o Memorial Câmara Cascudo, a Biblioteca Central Zila Mamede (UFRN), a Academia Norte-rio-grandense de Letras e o Instituto Câmara Cascudo – Ludovicus;

Ao Professor Dr. João Bosco Figueiredo-Gomes, exemplo de pessoa e profissional, em quem me inspiro;

À Professora Dra. Risleide Rosa Freire de Oliveira, com quem muito aprendi sobre a vida;

À Professora Dra. Cássia Matos, por me ensinar como ser uma professora competente;

À Professora Dra. Lílian Rodrigues, com quem tenho aprendido sobre cultura popular;

Aos Professores de sempre, Josineide, Vicente, Zélia, Batista, Isaque, Mocinha, Ermínio, Helena, entre outros;

À Franselma Fernandes de Figueirêdo, pela amizade e por estar presente nos momentos mais importantes da minha vida;

À Professora Nádia Costa, por me lembrar que ainda há espaço para a ingenuidade no mundo;

À Professora Veralúcia Figueiredo pela parceria estabelecida e por partilharmos ideias e a disciplina Prática de Ensino;

Ao Professor Deny Gandour pela amizade e pelo apoio concedido nos momentos finais da escritura da Tese;

Ao Casal Aldeíza Moura dos Santos e Ermínio Clementino de Melo Neto, pela enorme ajuda que me permitiu concluir a Graduação;

Ao casal Patrícia Rejane Lopes Diniz e Agnaldo Lopes Tavares, pelo privilégio de tê-los como amigos, pelo espaço cedido em sua casa e suas vidas;

À Zoraide de Fátima Linhares, por me oportunizar conhecer outros mundos;

À Elizabeth Dantas, pela simpatia e pelos constantes esclarecimentos;

Aos meus alunos, por me fazerem acreditar que vale a pena estudar/ensinar Literatura;

A Alexandre Alves, por me fornecer prefácios que eu ainda não tinha;

A Francisco Martins, por me ceder prefácios que enaltecera a qualidade da minha pesquisa;

A Thiago Gonzaga, pelos prefácios disponibilizados;

À Aparecida Rego, pela amizade e enorme ajuda que me permitiu agilizar a catalogação dos prefácios;

Aos revisores, que com zelo, esmero e competência tornaram meu texto mais enxuto e didático;

Às meninas do grupo de oração: Irmã Lirinha, Leila, Talita e Mércia, pela acolhida, amizade, carinho e pelas orações;

A Manoel Monteiro, por partilhar a sua vida comigo e por acreditar que ainda é possível realizar grandes projetos ao meu lado;

Aos meus filhos Icaro Matheus e Erico Thiago, por me oferecerem a oportunidade de me tornar um ser humano menos egoísta.

A Manoel,
Icaro e Erico.

Todo o “material”, utilizado nessa viagem, foi
aparecendo num percurso de setenta anos, **o**
Tempo e eu, andando juntos, inseparáveis, vendo
a Vida passar com suas multidões.

Luís da Câmara Cascudo
(Prefácio de *O Tempo e Eu*)

RESUMO

Apresentar uma leitura de prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo, a obras literárias e não literárias a partir da década de 20 do século XX (1921-1984), é o objetivo desta Tese. Considerando o vocábulo no seu significado: “Latim *praefatio*, ação de falar no princípio. Sinônimo de ‘prólogo’, no sentido de texto que precede ou introduz uma obra” (MOISÉS, 1999, p. 416). Nesta pesquisa, entende-se como prefácio o texto escrito e publicado com o intuito de fornecer informações que facilitem a leitura e/ou o entendimento da obra à qual ele faz referência, independentemente de vir nas páginas iniciais, quando recebe o nome de prólogo, carta ao leitor, proêmio, introito, preâmbulo, introdução, etc., ou quando aparece apenas nas últimas páginas do livro e passa a intitular-se posfácio. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter biobibliográfico e interpretativo, tendo em vista que parte da análise de textos e utiliza-se do método indutivo, foca na profundidade do entendimento que o pesquisador tem sobre o objeto pesquisado. Para o estudo desse gênero recorreremos a Sales (2003), Teles (1986/1989/2010), Clemente (1986) e Candido (2005); quanto à noção de tradição, nos reportamos a Eliot (1997) e Candido (1997/1980). O conjunto de prefácios constitui um vasto material de pesquisa que permitirá aos estudiosos das culturas norte-rio-grandense e brasileira darem continuidade ao trabalho iniciado por Luís da Câmara Cascudo, ainda em 1921, quando principiou sua trajetória como prefaciador.

Palavras-chave: Estudos literários. Prefácio. Luís da Câmara Cascudo. Memória. Século XX.

ABSTRACT

Presenting a reading of prefaces written by Luís da Câmara Cascudo, related to literary and non-literary books from the early 20TH century (1921-1984), is the goal of this thesis. Considering the word in its meaning: "Latin *praefatio*, the action of speaking in the commencement. Synonym for 'prologue ', in the sense of text that precedes or introduces a work" (MOISÉS, 1999, p.416). In this research, a preface is understood as the text written and published with the intent to provide information to facilitate reading and/or understanding of the work to which it refers, regardless it is set at initial pages, when it is named as 'prolog', 'letter to the reader', 'proem', 'prelude', 'preamble, forewords, summary, etc., or when only appears in the last pages of the book and turns to be named as 'afterword'. It is a qualitative research, with a bibliographic and interpretive feature, considering that part of the analysis of texts employs the inductive method, focuses on the depth of understanding that the researcher has on the researched object. For the study of this genre we recourse to Sales (2003), Teles (1986; 1989; 2010), Clemente (1986) and Candido (2005); as for the notion of tradition, we resort to Eliot (1997) and Candido (1997; 1980). The set of prefaces is a wide material for research that will allow scholars of Brazilian culture to continue work started by Luís da Câmara Cascudo, still in 1921, when he started his career as a prefacer.

Keywords: Literary studies. Preface. Luís da Câmara Cascudo. Memory. The 20th Century.

RESUMEN

Presentar una lectura de prefacios escritos por Luís da Câmara Cascudo, desde obras literarias y no literarias, a partir de la década de 20 del siglo XX (1921-1984), es el objetivo de esta tesis. Considerando el vocablo en su significado: “Latín *praefatio*, acción de hablar en el principio. Sinónimo de ‘prólogo’ en el sentido de texto que precede o introduce una obra” (MOISÉS, 1999, p.416). En esta investigación, se entiende como prefacio el texto escrito y publicado con el intuito de fornecer informaciones que faciliten la lectura y/o el entendimiento de la obra a cual él hace referencia, independiente de venir en las páginas iniciales, cuando recibe el nombre de prólogo, carta al lector, proemio, introito, preámbulo, introducción, etc., o cuando aparece apenas en la última página del libro y pasa a intitularse epílogo. Se trata de una investigación cualitativa, de carácter bio-bibliográfico e interpretativo, tiendo en vista que parte del análisis de los textos se utiliza del método inductivo, centra en la profundidad del entendimiento que el investigador tiene sobre el objeto investigado. Para el estudio de ese género recorrimos a Sales (2003), Teles (1986/1989/2010), Clemente (1986) y Candido (2005); cuanto a la noción de tradición, nos reportamos a Eliot (1997) y Candido (1997/1980). El conjunto de prefacios constituye un vasto material de investigación que permitirá a los estudiosos de las culturas norte-rio-grandense y brasileña a dar continuidad al trabajo iniciado por Luís da Câmara Cascudo, aun en 1921, cuando empezó su trayectoria como escritor de prefacios.

Palabras Clave: Estudios literarios. Prefacio. Luís da Câmara Cascudo. Memoria. Siglo XX.

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
1	DA REFLEXÃO À CONCEPÇÃO	20
	1.1 Do caos à ordem	24
	1.2 Listagem dos prefácios	27
2	DO TRADICIONAL AO MODERNO: A TENSÃO ESTABELECIDADA	44
	2.1 O prefácio e a formação da tradição	45
	2.2 O conjunto de prefácios de Luís da Câmara Cascudo	58
3	LUÍS DA CÂMARA CASCUDO PREFACIADOR	66
	3.1 1920-1940: prefácios de estreia	68
	3.2 1950-1980: o prefácio pela via da memória	87
4	A AUTORIA NOS PREFÁCIOS DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO	99
	4.1 Marcas do ser autoral em prefácios cascudianos	99
	4.2 O discurso do prefaciador da sua própria obra - o exemplo de <i>Locuções Tradicionais do Brasil</i>	108
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
	REFERÊNCIAS	126
	ANEXOS	145
	Anexo I (Prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo para outros autores)	
	Anexo II (Prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo para sua própria obra)	

Considerações Iniciais

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Falarei da minha viagem que ainda não terminou...

Luís da Câmara Cascudo
(Prefácio de *Ontem*)

Dentre os gêneros acadêmicos, a Tese é um dos mais tradicionais, não admitindo, portanto, mudanças inesperadas em sua forma, e todos os que se propõem a elaborá-la partilham desse entendimento. Mas ela pode dispor de determinado espaço para explicações necessárias que facilitem o entendimento do leitor, mesmo se este for especializado. Fazendo uso desse recurso e por se tratar de uma pesquisa de caráter exploratório, isto é, por estarmos estudando algo até então pouco ou que ainda não foi estudado, eis que lançamos mão de reflexões e questionamentos com o intuito de inquietar quem está lendo esta Tese: ainda se escrevem prefácios nos dias atuais? Há tempo para a leitura dos prefácios? Por que alguém escreveria uma Tese sobre prefácios, mesmo estes sendo considerados textos marginais e periféricos?

Há quem acredite que a leitura de textos introdutórios, tais como prefácios, prólogos, proêmios etc., está fora de moda, que é pura perda de tempo e já não é exatamente o tipo de leitura capaz de aguçar a curiosidade do leitor de modo geral. Entretanto, temos motivos para pensar que esses textos valem a pena ser lidos, pois acreditamos que eles podem guardar dados e/ou revelar informações relevantes para os estudiosos das mais diversas áreas, sobretudo das Letras. Podem ainda fornecer dados sobre a obra, o autor, o contexto social, dentre outros aspectos que o envolvem. Por esse motivo, decidimos estudar alguns prólogos escritos por Luís da Câmara Cascudo e transformar a leitura desses textos em uma Tese, porque acreditamos que essa investigação nos permitirá conhecer melhor e mais profundamente a produção literária do Rio Grande do Norte do século XX pela via do prefácio.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, de caráter biobibliográfico e interpretativo, tendo em vista que parte da análise de textos e utiliza-se do método indutivo, que foca na profundidade do entendimento que o pesquisador tem sobre o objeto pesquisado – no caso específico desta Tese, os prefácios cascudianos. Ao optar pelo método indutivo, tínhamos ciência de que correríamos o risco de permanecer na superficialidade ou na análise pautada apenas em nossas impressões pessoais, mas isso não se tornou possível devido ao caráter de intertextualidade do gênero em estudo, que estimula o pesquisador a estabelecer relações estreitas e profundas com outros gêneros literários, favorecendo, desse modo, as leituras e promovendo as análises.

E, em resposta aos questionamentos iniciais, eis três fortes motivos que nos levaram a nos dedicar ao trabalho de pesquisa sobre o gênero prefácio e a refletir sobre a sua função: a capacidade que ele tem de estabelecer uma relação de proximidade entre a obra, o autor e seu leitor; a possibilidade oferecida por ele de saber sobre a obra antes de lê-la; a contribuição dada por ele no sentido de fortalecer a manutenção da tradição literária, porque ler o texto introdutório era, no passado, uma forma, quiçá a única, de o leitor aproximar-se do todo do texto (autor/obra/contexto).

Na atualidade, o leitor pode obter informações sobre o livro que pretende ler nos jornais (resumos ou resenhas destinados ao leitor), nas revistas (na lista dos mais vendidos) ou ainda na internet, e por esse motivo os textos introdutórios teriam perdido sua função. Discordamos desta perspectiva e nos propomos a mostrar o quanto esses documentos podem ser relevantes para os estudos literários. Por isso, apresentar uma leitura de prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo a obras literárias e não literárias a partir da década de 20 do século XX (1921-1984) é o objetivo desta Tese.

Mas antes de continuarmos essas reflexões trataremos de conceituar o gênero em discussão. De acordo com Ferreira (2010, p. 606), prefácio é o “Discurso ou advertência que antecede obra escrita; prólogo, preâmbulo, introdução”. Caracterizando-se como um registro híbrido, ele se molda ao formato dado pelo prefaciador ou pelo prefaciado, no caso em que o texto foi escrito com outra finalidade e foi utilizado como prefácio.

O conjunto de textos de onde retiramos o *corpus* da análise é composto por aproximadamente 100 (cem) documentos: prefácios, proêmios, apresentações, notas, orelhas, posfácios, cartas-prefácios e tantos outros textos introdutórios usados pelo escritor-prefaciador para apresentar e/ou analisar as obras de autores diversos. No conjunto do *corpus* representado, os prefácios, que também nomeamos de paratexto, foram catalogados, digitalizados, lidos, resumidos, previamente analisados e, em seguida, separados em dois grupos: de 1920 a 1940; e de 1950 a 1980. Dividimos desse modo porque a quantidade de documentos com a qual estávamos trabalhando dificultava o manuseio e logo entendemos que nas primeiras décadas a produção era menos extensa e apresentava características mais gerais e no segundo momento tratava-se de uma obra mais densa e, portanto, necessitaria de mais cautela no trato com os textos. Essa mesma dinâmica de organização foi mantida para os prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo para a sua própria obra.

Os critérios utilizados para análise foram, a princípio, a cronologia, pois precisávamos nos familiarizar com a escrita do autor, conhecer a sua obra, nos apropriar dela; depois utilizamos a afinidade temática – por exemplo, como já estamos há muito tempo trabalhando com as questões relacionadas à tradição, essa é uma das temáticas que mais nos interessam, portanto nosso olhar, naturalmente, já está adaptado a captar nos textos tal assunto. Outros critérios também foram levados em conta na seleção dos textos, tais como observar se o prefácio foi escrito para um livro de Literatura ou se o assunto tratado na obra era de interesse literário – por exemplo, o livro *O Calvário das Secas* (1938), de Eloy de Souza (1873-1959), não era da área da Literatura, mas a temática tratada por ele estava diretamente relacionada por causa do Romance de 1930.

Optamos por estudar esses documentos seguindo a sequência cronológica, antes de qualquer outro critério, porque acreditamos que essa linearidade permitir-nos-ia observar detidamente o processo de criação do autor, para ver se havia um aperfeiçoamento da técnica empregada. Possibilitando também conhecer melhor e compreender mais profundamente a dimensão do pensamento do prefaciador,

facilitando assim o entendimento do discurso prefacial cascudiano, isso nos auxiliou a ver, ainda, que existe uma linha tênue usada pelo pesquisador Luís da Câmara Cascudo para estabelecer relação entre os mais diversos prefácios. Portanto, os textos são analisados levando em consideração não só o ano da publicação da obra, mas, sobretudo, o da sua escritura, o qual é registrado quase sempre pelo prefaciador, juntamente com sua assinatura, ao final de cada prólogo escrito.

Levando em consideração os inúmeros aspectos que chamam a atenção na obra de Luís da Câmara Cascudo, buscamos explicar o porquê e justificar a nossa opção pela temática escolhida. Decidimos estudar os prefácios porque eles impressionam pela quantidade (temos a hipótese de que foi o gênero que ele mais produziu¹); perpassam toda a obra do autor (1921-1984), por isso apresentam um caráter de continuidade e reforçam a sua proximidade com a tradição, pois mostram um pensador em sua totalidade (social/político/literário); pelo conteúdo que revela detalhes do pensamento do autor sobre sua própria obra e sobre a do escritor prefaciado; por ser um gênero periférico, marginalizado, pouco estudado – muitos leitores estão habituados a ver o gênero prefácio ser tratado com certo preconceito; porque ele dialoga com o todo da obra cascudiana; e, por fim, acreditamos que ele poderá dar uma contribuição no sentido de compreender melhor a obra do autor.

Optamos por adotar uma abordagem dialética, discutida pelo crítico literário Antonio Candido, tendo em vista a forma como os prefácios estão relacionados às obras prefaciadas e pela forma como elas dialogam com a sociedade. Acreditamos, portanto, que ela nos permitirá estabelecer esse elo entre o literário e o social. Para isto, devemos lançar mão de todas as informações disponíveis acerca do texto, tais como dados da biografia do autor, as motivações que o levaram a produzir tal obra, as condições de produção, bem como o contexto histórico e social no qual ela foi produzida. Nesse raciocínio, os fatores externos se tornam internos e os internos ganham mais sentido quando postos em contato com o contexto social.

¹ O artigo “Viajando o sertão: Câmara Cascudo e o solo da tradição”, da Profa. Dra. Margarida de Souza Neves, registra o gênero crônica como sendo do autor a sua maior produção.

Fazendo o uso dessa abordagem, constatamos, em nossa pesquisa, por exemplo, que muitos desses textos, ora estudados, eram publicados em jornais e revistas do Rio Grande do Norte e de outros estados do Brasil antes de serem transformados em prefácios². O fato de Luís da Câmara Cascudo ter iniciado sua trajetória de escritor em jornais, mais especificamente em *A Imprensa* (1914-1927), periódico criado pelo seu pai para que ele pudesse exercer o ofício de escritor, demonstra a relação estreita existente entre sua obra e essa ferramenta de divulgação.

No que se refere à organização da Tese, detalhamos a sequência dos capítulos de modo didático para que facilite sua leitura e posterior entendimento. Para tanto, distribuimos desta forma os assuntos discutidos ao longo do texto: no Capítulo Inicial, descrevemos a trajetória da pesquisa e mostramos de que modo a ideia foi se transformando, gerando novas ideias, as fases pelas quais o trabalho passou e a sua culminância em forma de Tese.

No Capítulo Segundo, propomos uma reflexão sobre o conceito de tradição e sobre o gênero prefácio. Ainda na perspectiva de lançar um olhar mais aguçado sobre essa produção, refletimos também sobre a função dos prólogos, e apresentamos um breve histórico da crítica literária, o papel exercido por ela nesse contexto e o espaço destinado na construção desse gênero, tendo em vista que, em diversos momentos, o ofício do prefaciador se aproxima da tarefa do crítico.

No Capítulo Terceiro, buscamos construir um perfil de Luís da Câmara Cascudo enquanto prefaciador e abordamos também a sua postura de escritor, mostrando o homem, o mito, o autor. Apresentamos ainda, nesse capítulo, uma leitura de prefácios (textos introdutórios) escritos por ele para livros de autores diversos.

O Quarto Capítulo é formado pela leitura dos textos introdutórios, ou seja, os prólogos escritos por Luís da Câmara Cascudo para a sua própria obra. Discutimos também sobre autoria, mostramos de que modo o autor-prefaciador deixa as marcas do

² Sobre essa temática, leia-se: DANTAS MONTEIRO, Maria da Conceição Silva. “Luís da Câmara Cascudo: prefácios publicados em jornais e revistas”. In: *Memórias de contiguidades: leituras sobre textos de autores potiguares em periódicos do século XX*. ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; SANTOS, Derivaldo dos (Org.). João Pessoa/Natal: Ideia/EDUFRN, 2013.

ser autoral em seus prefácios e o modo como o discurso autoral se apresenta nos textos.

Nas Considerações Finais, discorreremos sobre os achados da nossa pesquisa, apontando as constatações e descobertas feitas ao longo da trajetória desta Tese e ainda apresentamos algumas sugestões de investigações futuras.

Os Anexos estão distribuídos em duas seções: na primeira, constam os prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo para autores diversos; e na outra seção os prefácios escritos para obras de sua própria autoria.

Em uma tentativa de facilitar a leitura e o manuseio da Tese, optamos por atualizar a escrita dos prefácios estudados, com a finalidade de dinamizar a sua leitura.

Decidimos que, ao longo da Tese, o nome de Luís da Câmara Cascudo apareceria completo, pois era desse modo que ele assinava ao final de cada prefácio e que deveria ser escrito apenas uma vez em cada análise; nas outras vezes, iríamos substituí-lo por “o escritor de”, “o autor de” e citar os títulos de suas obras, pois, deste modo, estaríamos informando ao leitor sobre sua vasta produção. Mas, como foram realizadas diversas análises, provavelmente o nome dele aparecerá repetidas vezes ao longo do texto.

Capítulo I

DA REFLEXÃO À CONCEPÇÃO

1 DA REFLEXÃO À CONCEPÇÃO

No princípio era o verbo...

Luís da Câmara Cascudo
(Prefácio de *Na Ronda do Tempo*)

A esta Tese importa, em parte, dar continuidade ao trabalho realizado no Mestrado (UFRN, 2003). A dissertação intitulada “Crônica Literária: registros da modernização no Rio Grande do Norte na década de 20” é resultado de uma pesquisa sobre crônicas literárias, de autores diversos, publicadas no jornal natalense *A República*, na década de 20 do século XX. O interesse em temas relacionados à literatura produzida especificamente no Rio Grande do Norte, contudo, surgiu ainda na graduação em Letras, quando nos tornamos voluntários na pesquisa a respeito dessa temática e assim entramos em contato com os arquivos que guardam esses documentos até hoje. Portanto, destacamos o caráter de continuidade da pesquisa sobre o dado local iniciada na graduação, concretizada em forma de dissertação de mestrado e mantida para o doutorado.

A ideia da pesquisa surgiu quando, no período do Mestrado³, entramos em contato com a escritura de Luís da Câmara Cascudo, por meio dos textos do registro de uma viagem pelo Rio Grande do Norte, realizada em 1929, por ele, Antônio Bento de Araújo Lima e Mário de Andrade. A série de textos intitulada “Diário dos 1.104 klmts” foi catalogada por aquela pesquisa e posteriormente analisada. Movidos pela curiosidade, iniciamos desde então o contato com a obra cascudiana. A partir de uma leitura detida dos textos que compõem o diário de viagem, sentimo-nos estimulados a realizar um trabalho sobre Luís da Câmara Cascudo, e motivados a fazer um estudo mais

³ A dissertação intitulada “Crônica Literária: registros da modernização no Rio Grande do Norte na década de 20” foi defendida em 2003 pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem/PPgEL/Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O subitem 3.5.2, “Luís da Câmara Cascudo: ‘Diário dos 1.104 klmts’”, ao qual fizemos referência, ocupa as páginas 67 a 74 do trabalho de pesquisa.

aprofundado acerca de sua obra, tendo em vista a necessidade que temos em dialogar com a sua produção, pois acreditamos que ela auxilia no entendimento de outras obras da literatura produzidas neste estado.

Seguindo a tradição dos estudos acadêmicos, consultamos os bancos de teses da Capes e das grandes Universidades do país e constatamos diversos estudos sobre Luís da Câmara Cascudo pelo Brasil – muitos deles contemplam o etnógrafo, o historiador, o sociólogo, o folclorista e até o integralista.

Observamos, contudo, que não havia nenhum trabalho de pesquisa sobre os prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo durante toda a sua vida intelectual (1921-1984), então decidimos por enfrentar esse desafio e realizá-lo. Optamos, portanto, por iniciar a partir do livro *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual (1918-1968): bibliografia anotada* (MAMEDE, 1970).

Acreditando ser esse o caminho mais seguro para atingir nosso objetivo – estudar os prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo –, principiamos a busca pela obra de autoria de Zila Mamede. Nosso primeiro desafio foi encontrar a obra completa, que é composta por três volumes. A coletânea apresenta um panorama da produção intelectual do autor a partir de 1918, ano em que iniciou sua vida de escritor, até 1968 quando comemorava, conforme cita o subtítulo, “50 anos de vida intelectual”.

A obra reúne informações relevantes acerca da produção do autor: lista, de forma bastante didática, os livros publicados, faz um apanhado dos diversos gêneros exercitados por ele (contos, romances, crônicas, prefácios, textos de críticas, diários, etc.), organiza e direciona o olhar do pesquisador que porventura deseja estudar sobre algum gênero produzido por Luís da Câmara Cascudo.

Como a nossa intenção era construir um acervo para a pesquisa, não poderíamos desistir da aquisição da obra que daria início a esse intento. Por se tratar de uma obra cuja única edição encontra-se esgotada, tivemos dificuldades para localizar nos sebos todos os exemplares, o que nos tomou bastante tempo; enquanto isso, fomos utilizando os que estão disponíveis na Biblioteca Central Zila Mamede (UFRN) e/ou nas bibliotecas particulares de amigos.

Com a aquisição daquela que se tornaria a obra-referência, partimos para a pesquisa de campo. Para a realização da coleta de dados, visitamos o Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses (UFRN), a Biblioteca Câmara Cascudo, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, o Memorial Câmara Cascudo, a Biblioteca Central Zila Mamede (UFRN), a Academia Norte-rio-grandense de Letras e o Instituto Câmara Cascudo – Ludovicus.

Para a realização da pesquisa, foram necessárias inúmeras visitas aos locais nos quais os acervos permitiam a construção dos dados. Dentre eles, merecem ser citados a Biblioteca Central Zila Mamede (UFRN), o Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses (UFRN), o Instituto Câmara Cascudo – Ludovicus, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a Academia Norte-rio-grandense de Letras.

É importante destacar o apoio do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses, do Instituto Câmara Cascudo – Ludovicus e da Academia Norte-rio-grandense de Letras ao disponibilizarem todo o acervo, pois sem a contribuição dessas instituições esta pesquisa, decerto, não teria ocorrido.

O trabalho de catalogação dos prefácios, realizado por Mamede (1970), que contempla as páginas 587 a 595 da obra consultada, registra a existência de 53 (cinquenta e três) textos introdutórios escritos entre os anos de 1927 e 1965. Ao nos depararmos com um *corpus* tão extenso – 53 títulos –, começamos a nos preocupar com a dimensão da pesquisa e a nos questionar sobre como seriam feitas a coleta dos textos e a seleção para análise.

Contudo, ao iniciarmos a pesquisa de campo, para nossa surpresa, constatamos que o *corpus* já considerado extenso era muito mais amplo do que havíamos previsto e com o qual estávamos nos preparando para lidar. Nesse momento, surgiram inúmeros questionamentos: como juntar tantos textos dispersos em tantos livros? Onde estarão localizados os livros prefaciados? Como faremos para catalogar os prefácios? Que critérios serão utilizados na seleção dos prefácios a serem analisados?

1.1 Do caos à ordem

Quando observamos o quanto Luís da Câmara Cascudo gostava de escrever prefácios, passamos a desconfiar que ele poderia ter escrito esse tipo de texto para a sua própria obra, então fomos buscar diretamente na fonte, isto é, nos livros de autoria do próprio autor para verificar essa informação: constatamos assim que o autor prefaciou boa parte de seus livros. Iniciamos, a partir de então, a coleta dos prefácios do autor para a sua própria obra, o que constituiu uma pesquisa paralela para localizar, catalogar e estudar esses textos.

A consulta à fonte, isto é, aos livros de Luís da Câmara Cascudo nos permitiu ver que vários de seus livros haviam sido prefaciados por ele, mas como eram muitos livros (aproximadamente 150) e nem todos estavam disponíveis para pesquisa, decidimos tentar outras fontes. Consultamos Mamede (1970) e constatamos que a autora havia registrado os prefácios que o autor escreveu para seus livros, ou seja, para a sua própria obra. Partimos dessa informação e aprofundamos a nossa pesquisa. Descobrimos, por exemplo, que, ao contrário dos demais prefácios, aqueles produzidos pelo autor para sua própria obra ganharam um destaque especial, pois foram listados juntamente com os seus respectivos livros.

Isso causou uma certa confusão, pois a princípio, como não os localizamos juntos como prefácios, pensamos que o autor não havia fornecido as informações acerca deles para que a autora os registrasse, tendo em vista que, como já foi citado, eles inicialmente não apareceram listados juntamente com os demais. Mas finalmente, ao examinar os livros publicados, eis que fomos surpreendidos com todos os textos introdutórios que o autor escreveu para as obras de sua autoria.

Nosso interesse por esse material está centrado no fato, como já mencionamos anteriormente, de acreditarmos que esses documentos podem conter e oferecer

informações relevantes que permitam ao pesquisador da temática local um melhor e mais aprofundado entendimento dos prólogos e, quiçá, da obra cascudiana como um todo, pois a forma como o escritor Luís da Câmara Cascudo vê, lê e trata sua obra poderá auxiliar na sua compreensão.

Consultamos os acervos dos locais visitados e constatamos que o Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses, o Instituto Câmara Cascudo e a Academia Norte-rio-grandense de Letras concentravam a maioria dos livros cujos prefácios foram catalogados por Mamede (1970), e foi precisamente nesses três ambientes onde concentramos o levantamento de dados da nossa pesquisa.

A construção dos dados ocorreu de forma lenta e laboriosa. Íamos aos locais da pesquisa diariamente e examinávamos detidamente os catálogos dos acervos. Como os livros prefaciados são muito antigos, muitos deles foram editados uma única vez e estão, portanto, no setor de obras raras, motivo pelo qual não tínhamos acesso direto a eles. As más condições dos acervos também foram responsáveis por inúmeras pausas na constituição de dados.

A partir dos catálogos consultados, listávamos os livros nos quais os prefácios haviam sido publicados. A listagem dos prefácios catalogados, realizada a partir dos catálogos fornecidos, era entregue a funcionários das instituições – Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses, Instituto Câmara Cascudo ou Academia Norte-rio-grandense de Letras – para que os livros fossem disponibilizados, o que geralmente ocorria só no dia seguinte ou em alguns dias, nos casos em que o livro pretendido não era localizado de imediato.

A consulta aos livros prefaciados acontecia para confirmar, ou não, a existência do texto introdutório. Houve situações nas quais o livro foi localizado, o texto estava no livro, mas o seu estado de conservação não permitia a sua reprodução através da digitalização. Em outros livros, o prefácio estava ilegível ou faltando páginas – isso ocorreu diversas vezes –, pois alguns livros são muito antigos, foram confeccionados em papel de má qualidade, ou talvez não fosse a apropriada, além do desgaste natural da ação do tempo.

Acreditamos que o fator responsável pela aceleração desse processo foi o fato de os livros não estarem acondicionados em locais apropriados para o armazenamento desse tipo de material. Para que isso aconteça, faz-se necessária uma mudança urgente na estrutura física daqueles espaços, incluindo-se o controle da temperatura ambiente, que é fundamental para a conservação adequada. Em se tratando de documentos antigos, incluindo-se aí os livros, é necessária uma série de cuidados que vão desde a forma como guardá-los, no local adequado, ao jeito como devem ser manuseados, pois o papel é naturalmente frágil e se estraga muito mais rapidamente se não forem observadas tais recomendações.

Um acervo, um arquivo, muitos livros

Por uma questão de limitação temporal e espacial, optamos por estudar os prefácios mais representativos de cada década, ou seja, usamos a cronologia – a princípio – como um dos critérios adotados para a pesquisa, bem como aqueles prefácios cujos autores do livro prefaciado já tinham sido objeto de estudo de pesquisas acadêmicas na área de Letras, no âmbito da UFRN, e produzidas dissertações e/ou teses sobre eles, como é o caso de Jorge Fernandes, Zila Mamede, dentre outros. Quanto aos prólogos do próprio autor, selecionamos aqueles que julgamos mais significativos do ponto de vista da época e da relevância da obra prefaciada para o conjunto da obra cascudiana.

As nossas anotações, apresentadas ao longo da construção da Tese, estão diretamente relacionadas, tendo como referência o discurso prefacial cascudiano; logo, quaisquer comentários a respeito da obra à qual pertence o prefácio devem ser considerados como mais uma informação com o objetivo de facilitar a compreensão do sentido daquilo que o prefaciador quis dizer no seu texto. Destacamos que a análise foi realizada mediante a leitura do gênero prefácio e não da obra à qual ele pertence,

tendo em vista que não é nossa intenção, nesse momento, estudar as obras prefaciadas.

Apesar da disponibilidade das instituições – Instituto Câmara Cascudo e Academia Norte-rio-grandense de Letras –, alguns livros estão sem as capas, faltando páginas ou com o papel muito amarelado, e como a sua tiragem, naquela época, era muito pequena diversas vezes só conseguimos localizar um único exemplar, correndo o risco de não mais poder consultá-lo.

É mister ressaltar, ainda, o apoio incondicional dos amigos pesquisadores que auxiliaram e contribuíram para com a constituição dos dados, fornecendo e/ou enviando por e-mail os prefácios às obras que não conseguimos localizar; por esse motivo fomos surpreendidos, muitas vezes, com a descoberta da existência de outros prefácios.

1.2 Listagem dos prefácios⁴

Disponibilizamos, a seguir, a listagem das obras prefaciadas por Luís da Câmara Cascudo, com o intuito de apresentar esses documentos ao leitor e para valorizar essa extensa produção. Optamos, ainda, por repeti-la no item Referências desta Tese.

Prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo para autores diversos

1927

AÇUCENA, Joaquim Eduvirges de. *Versos*. 2. ed. Natal: Tipografia da Imprensa, 1986.

⁴ Os comentários resumidos, com a referência de cada texto, seguem o mesmo padrão adotado por Mamede (1970). Listamos as obras levando em consideração a data da escritura do prefácio.

“Introdução de Luís da Câmara Cascudo”, datada de 9 e 11 de setembro de 1927, Natal, p. 17-29.

FERNANDES, Jorge. *Livro de Poemas de Jorge Fernandes*. 3. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1997 (Edição fac-similar de 1927).

“Depoimento de Luís da Câmara Cascudo sobre o ‘Livro de Poemas’ de Jorge Fernandes”, p. I-VII.

1930

BEZERRA, Afonso. *Ensaios, contos e crônicas*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1967. “Afonso Bezerra”, publicado originalmente no *Diário de Natal*, Natal, 16 mar.1930, p. 363-4.

1938

SOUZA, Eloy de. *O Calvário das Secas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL; Natal: Fundação José Augusto, 1983.

“Prefácio”, datado de outubro de 1938, Natal, p. 11-17.

1939

MELO, M. Rodrigues de. *Várzea do Assú*. São Paulo: Agir Editora, 1940. “Prefácio à 1ª edição”, datado de out. 1939, Natal, p. 5-6.

1939

FERREIRA, Ascenso. *Catimbó e outros poemas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. “Cana Caiana”, prefácio, 1939, p. 25-9.

1940

MELO, Manoel. Rodrigues de. *Várzea do Assú: paisagens, tipos e costumes do Vale do Assú*. São Paulo: Caderno da Hora Presente. Prefácio, p. 7-9.

SOBRINHO, Gabriel Gomes. *Crepúsculo (versos)*. Natal: [s.e.]⁵.

Prefácio, p. 3-6.

1941

KOSTER, Henry. *Viagens ao nordeste do Brasil*. Tradução e notas de Luís da Câmara Cascudo. São Paulo: Editora Nacional.

“Prefácio” do tradutor, p. 7-27.

1945

CALDAS, Renato. *Fulô do Mato*. Natal: Clima, 1945.

Carta-Posfácio, datada de 18 de agosto de 1945, p. 155.

CALDAS, Renato. *Fulô do Mato*. Natal: Clima, 1945.

Carta-Posfácio, datada de 18 de agosto de 1945, p. 156.

1952

PRAXEDE, Zé. *Luiz Gonzaga*. São Paulo: Continental Artes Gráfica.

“Prefácio ‘Acta Diurna’ por Luís da Câmara Cascudo”, p. 2-4.

1954

ROMERO, Silvio. *Cantos populares do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954.

“Edição anotada por Luís da Câmara Cascudo”, p. 387-9/657-9.

1955

WANDERLEY, Segundo. *Poesia*. 3. ed. Natal: Tip. Galhardo.

⁵ Sem Edição.

Alguns títulos não informam a editora.

“Prefácio ‘Lembrando Segundo Wanderley’ por Luís da Câmara Cascudo”, p. I-IX.

NAVARRO, Newton. *ABC do cantador Clarimundo*. Natal: Sebo Vermelho, 2011.

“Prefácio”, p. 13-17.

1958

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Trad. Almir de Andrade e Milton Amado. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora (v. I).

“Prefácio ‘Com Dom Quixote no Folclore do Brasil’ de Luís da Câmara Cascudo” datado de Natal, dezembro de 1951, p. XXXIX- LV.

1959

MAMEDE, Zila. *O Arado* (1959). Natal: EDUFRN, 2003.

“Notas de Luís da Câmara Cascudo”, datadas de junho de 1959, Natal, p. 123-5.

1960

MOTA, Leonardo. *Cantadores*. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará.

“Prefácio de Luís da Câmara Cascudo”, datado de Natal, junho de 1960, p. 2-24.

PRAXEDE, Zé. *O Sertão é assim*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória LTD.

“Depoimento de Luís da Câmara Cascudo”, p. 94.

1961

AMORIM, Francisco. *Eu conheci Sesyom*. Assú/RN: [s.e.].

“Um retrato de Moysés Sesiom” por Luís da Câmara Cascudo, Natal, datado de 9-IV-1961, p. 3-4.

AMORIM, Francisco. *Eu conheci Sesyom*. Assú/RN: [s.e.].

Prefácio: “Moisés Lopes Sesiom, o Bocage rio grandense”. “Acta Diurna”, datado de 11 de abril de 1942, p. 9-11.

1963

MELO, Severino Bezerra de. *Para errar menos: conversa com estudantes*. Natal: DEI, 1963.

“Meu caro professor Severino Bezerra”, datado de Nata, 20 de setembro de 1963. p. 9-11.

1962

MONTENEGRO, Maria Eugênia M. *Saudade, teu nome é menina*. [s.e.].

“Prefácio de Luís da Câmara Cascudo”, datado de maio de 1962, Natal, p. 7-9.

OLIVA, Menezes de. *Você sabe por que*. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Laemmert LTD.

“Prefácio de Luís da Câmara Cascudo”, datado de 1961, Natal, p. 11-20.

1963

FERREIRA, Ascenso. *Catimbó e outros poemas*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio.

“Prefácio de Luís da Câmara Cascudo”, datado de 1939, *A República*, Natal, p. 25-9.

1966

WANDERLEY, Walter. *Família Wanderley: história e genealogia*. Rio de Janeiro: Pongetti.

“Apresentação de Luís da Câmara Cascudo”, datada de maio de 1966, Natal, p. 11-12.

ONOFRE JUNIOR, Manoel. *Martins: sua terra, sua gente*. Natal: Departamento Estadual de Imprensa.

“Prefácio de Luís da Câmara Cascudo”, datado de dezembro de 1965, Natal, p. 9-11.

1967

BEZERRA, Afonso. *Ensaíos, contos e crônicas*. Rio de Janeiro: Pongetti.

Apresentação “Afonso Bezerra” de Luís da Câmara Cascudo, datada de 16 de março de 1930, Natal, p. 363-4.

NUNES, Romilda. *Ontem, hoje, amanhã*. Natal: Gráfica do SAR.

“Prefácio de Luís da Câmara Cascudo”, datado de novembro de 1967, [s.p.]⁶.

CAMPOS, Eduardo. *Medicina Popular do Nordeste: superstições, crendices e mezinhas*. 3. ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro.

Prefácio datado de dezembro de 1964, Natal, p. 13-16.

1968

LIMA, Diógenes da Cunha. *Lua 4 vezes sol*. Natal: Imprensa Universitária.

“Prefácio de Luís da Câmara Cascudo”, datado de novembro de 1967, Natal, p. 3-5.

OLIVEIRA, Lucimar Luciano de. *O Mar e Outras Descobertas*. [s.e.].

“Prefácio de Luís da Câmara Cascudo”, datado de 1º de fevereiro de 1968, Natal, [s.p.]

AVELINO, Edinor. *Síntese* (poesias). Rio de Janeiro: Pongetti.

“Prefácio de Luís da Câmara Cascudo”, datado de fevereiro de 1967, Natal, p. 9.

1969

WANDERLEY, Romulo C. *História do Batalhão de Segurança*. Natal: Edições Walter Pereira S/A.

“Prefácio de Luís da Câmara Cascudo”, datado de 31-III-1969, Natal, p. IX-X.

⁶ Sem Página.

Alguns títulos não informam a página.

1970

FERNANDES, Jorge. *Livro de Poemas de Jorge Fernandes*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto (Edição fac-similar de 1927).

Prefácio “Jorge Fernandes”, datado de outubro de 1969, Natal, p. I-VII.

SILVA, Davi Francisco da. *Alecrim Real*. Natal: [s.e.].

“Prefácio do historiador Luís da Câmara Cascudo”, datado de outubro de 1970, Natal, p. 11-12.

ANDRADE, Jaumir. *Demopoesia*. Natal: [s.e.].

“Introdução de Luís da Câmara Cascudo”, datada de 13 mar. 1970, Natal, [s.p.].

1972

TRINDAD, Socorro. *Os Olhos do lixo*. Fortaleza: Editora Jurídica Limitada.

“Prólogo de Luís da Câmara Cascudo”, datado de janeiro de 1972, Natal, [s.p.].

VASCONCELOS, José Mauro de. *Banana brava*. São Paulo: Edições Melhoramentos.

“Apresentação de Luís da Câmara Cascudo”, datada de junho de 1944, Rio de Janeiro, [s.p.].

MELO, Veríssimo de. *Patronos e Acadêmicos: Academia Norte Riograndense de Letras (Antologia e Biografia): vol. I*. Rio de Janeiro: Pongetti.

“Prefácio de Luís da Câmara Cascudo”, datado de fevereiro de 1971, Natal, p. 7-8.

1975

SOUZA, Eloy de. *Memórias*. Natal: Fundação José Augusto.

“Prefácio de Luís da Câmara Cascudo”, datado de 11 de novembro de 1973, Natal, p. 5-6.

1976

PINTO, Lenine. *Natal, EUA*. Natal: Art Print LTDA, 1995.

“Prefácio de Luís da Câmara Cascudo”, datado de 4 de março de 1976, Natal, p. 3.

1977

HARTT, Charles Frederik. *Mitos Amazônicos da Tartaruga*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva (1988).

“Prefácio de Luís da Câmara Cascudo”, datado de fevereiro de 1977, Natal, p. 9-11.

1978

BOPP, Raul. *Mironga e outros poemas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; INL/MEC.

“Oitenta Agostos” de Luís da Câmara Cascudo, p. 127-8.

1979

AZEVEDO, Rubens de. *No Mundo da Estelândia*. 3. ed. São Paulo: Editora do Brasil; Brasília, INL.

“Prefácio de Luís da Câmara Cascudo”, datado de XI, 1968, Natal, [s.p.].

1980

FERNANDES, Raul. *A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró*. Natal: Editora Universitária.

“Prefácio” de Luís da Câmara Cascudo, datado de janeiro de 1978, Natal, p. 17-9.

PIRES, Meira. *História do teatro Alberto Maranhão*. Natal: Fundação José Augusto.

“Apresentação vida de um teatro” de Luís da Câmara Cascudo, [s.p.].

SILVA, Zelma Bezerra. *No ritmo da chuva*. [s.e.].

“Prefácio de Luís da Câmara Cascudo”, datado de 27 de janeiro de 1980, Natal, [s.p.].

1983

LAGÓRIO, Eduardo. (Coord.) *100 Kixti (estórias)Tukano*. Brasília: FUNAI.

Prefácio “Antes do Tukano”, p. 11-2.

1984

PEDROZA, Sylvio Piza. *Pensamentos e Ação*: marcos de uma trajetória de governo.

Natal: Fundação José Augusto.

“O permanente Sylvio Piza Pedroza por Luís da Câmara Cascudo”, p. 1-5.

1985

GURGEL, Deífilo. *Manual do Boi Calemba*. Natal: Nossa Editora.

“Prefácio de Luís da Câmara Cascudo”, datado de fevereiro de 1980, Natal, [s.p.].

Prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo para sua própria obra

1921

CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma Patrícia*. Natal: Atelier Typ. M. Victorino

“Em vez de prefácio”, datado de julho de 1921, Natal, p. 7-8.

1933

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dois ensaios de história*. Natal: Imprensa Oficial.

“Prefácio” da 2ª ed. 1965, datado de maio de 1964, Natal, p. 3-7.

CASCUDO, Luís da Câmara. *No caminho do avião: notas de reportagem aérea (1922-1933)*.

“Preliminar”, datado de fevereiro de 1933, Praia de Areia Preta, p. 17-8.

1936

CASCUDO, Luís da Câmara. *Em memória de Stradelli*. Manaus: Livraria Clássica Manaus.

“Prefácio” (carta) a Álvaro Maia, datada de 4 de janeiro de 1936, Natal, p. 5.

1944

CASCUDO, Luís da Câmara. *Os melhores contos populares de Portugal*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro (Coleção Prestígio).

“Prefácio”, p. 9-32.

1946

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. 2. ed. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955.

“Prefácio”, datado de abril de 1943, Natal, p. 3-18.

1947

CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora (Coleção documentos brasileiros).

“Prefácio”, datado de XII, 1940, Natal, p. 7-9.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*. 2. ed. Natal: IHG/RN, 1999.

“Prefácio”, datado de 2 de abril a 29 de julho de 1946, Cidade do Natal do Rio Grande, p. 37-40.

1951

CASCUDO, Luís da Câmara. *Anúbis e Outros Ensaios: mitologia e folclore*. 2. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF; Achiamé; Natal: UFRN, 1983.

“Prefácio”, datado de janeiro de 1951, Natal, [s.p.].

1952

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

“Nota da 2ª edição”, p. 11.

“Introdução”, datada de 8 de março de 1949, Natal, p. 15-20.

1953

CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco Livros do Povo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

“Prefácio”, p. 9-34.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Em Sergipe del Rey*. Movimento Cultural de Sergipe.

“Prefácio”, p. 13-4.

1954

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 5. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1983.

“Nota” da 5ª ed., datada de dezembro de 1983, Natal, p. XV.

“Nota” da 4ª ed., datada de agosto de 1979, Natal, p. XVI.

“Nota” da 3ª ed., datada de abril de 1972, Natal, p. XVII.

“Nota” da 2ª ed., datada de 1959, Natal, p. XVIII-XX.

“Nota” da 1ª ed., datada de março de 1954, Natal, p. XXI-XXIV.

1955

CASCUDO, Luís da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. Ministério da educação e Cultura: serviço de documentação.

“Prefácio”, p. 2.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Notas e documentos para a história de Mossoró*. 4. ed. Coleção Mossoroense, série C, v. 1207, 2001.

“Prefácio”, datado de 10 de outubro a 3 de dezembro de 1953, Natal, p. 5-7.

1956

CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia do Folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Livraria Martins Editora.

“Prefácio”, datado de agosto de 1943 a setembro de 1956, Natal, p. 11-2.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradições populares da pecuária nordestina*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura.

“Introdução”, p. 7-17.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Vida de Pedro Velho*. Natal: Departamento da Imprensa.

“Prefácio”, datado de 12 de junho de 1956, Natal, p. 7-12.

1957

CASCUDO, Luís da Câmara. *Jangada: uma pesquisa etnográfica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

“Prefácio”, datado de 6 de novembro de 1954, Natal, p. 3-5.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Jangadeiros*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura.

“Preliminar”, datado de 29 de junho de 1955, Natal, p. 9-10.

1959

CASCUDO, Luís da Câmara. *Canto de muro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

“Nota do autor”, datada de dezembro de 1957, Natal, [s.p.].

CASCUDO, Luís da Câmara. *Rede de dormir*. 2. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF: Achiamé; Natal: UFRN, 1983.

“Prefácio à vista”, datado de 1 de novembro de 1957, Natal, p. 11-7.

1961

CASCUDO, Luís da Câmara; ALMEIDA, Vieira (Org.). *Grande Fabulário de Portugal e do Brasil*. Portugal: Lisboa Fólio, Ed. Artísticas.

“Notas”, p. 11-28.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dante Alighieri e a tradição popular no Brasil*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

“Comme dit le renard chacun joue de son”, datado de fevereiro de 1959 a novembro de 1961, Natal, p. 13-20.

1963

CASCUDO, Luís da Câmara. *Flor dos romances trágicos*. Editora do Autor.

“Preliminar”, datado de dezembro de 1964, Natal, p. 11-4.

1964

CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia da alimentação no Brasil*. Rio de Janeiro/São Paulo: JC Editora.

“Abertura”, datada de último de julho de 1964 e final de novembro de 1974, Natal, p. 1-2.

1965

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da República no Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Edições do Val.

“Prefácio”, datado de abril de 1965, Natal, p. 11-3.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Nosso Amigo Castriciano*. Natal: Imprensa Universitária.

“Nota”, p. 15-21.

“Depoimento”, p. 23-30.

1967

CASCUDO, Luís da Câmara. *Folclore do Brasil*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1980.

“Informação indispensável”, datada de outubro de 1964, Natal, p. 252-8.

1968

CASCUDO, Luís da Câmara. *Coisas que o povo diz*. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.

“Prefácio”, p. 13-4.

CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu*. Imprensa Universitária.

“Prefácio”, datado de 1 de novembro de 1967, p. 17-20.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Prelúdio da cachaça*. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool.

“Abrideira”, p. 7.

“Saideira”, datada de maio de 1967, Natal, p. 97-8.

1969

CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno Manual do doente aprendiz*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 1998.

“Prefácio”, datado de 26 de abril de 1968, p. 13-4.

1970

CASCUDO, Luís da Câmara. *Gente viva*. Recife: UFPE.

“Preliminar” datado de novembro de 1969, p. 9-10.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Locuções Tradicionais do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Itatiaia, 1984.

“Prefacial”, datado de novembro de 1984, p. 21⁷.

“Em 1977” (2ª edição), datado de maio de 1977, p. 33.

“Prefácio” (1ª edição), datado de fevereiro de 1970, p. 35-6.

1971

CASCUDO, Luís da Câmara. *Na Ronda do Tempo (Diário de 1969)*. Natal: Imprensa Universitária.

“No princípio era o verbo...”, datado de 1 de janeiro de 1970, Natal, p. 7-8.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, Ciência do Povo*. São Paulo: Perspectiva.

“Prefácio”, datado de março de 1970, Natal, p. 9-10.

1972

CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem*. Natal: Imprensa Universitária.

“Princípio”, datado de outubro de 1968 a março de 1972, Natal, p. 5-8.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Uma história da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte*. Natal: Fundação José Augusto.

“A história desse livro é a seguinte”, datado de 29 de novembro de 1971, Natal, p. 1-3.

⁷ Esse prefácio, conforme constatou nossa pesquisa, encerra a produção, de quase sete décadas, de textos introdutórios do autor para sua própria obra.

1973

CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e cultura*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio; Brasília: INL/MEC.

“Preliminar”, datado de março de 1962, Natal, p. XI-XVIII.

“Nove anos depois...”, datado de outubro de 1971, Natal, p. XIX-XX.

1974

CASCUDO, Luís da Câmara. *Meu amigo Thaville: Evocações e Panorama*. Rio de Janeiro: Pongetti.

“De Amicitia”, p. 7-18.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Religião no povo*. João Pessoa: Imprensa Universitária da Paraíba.

“Introito”, datado de julho de 1972, Natal, p. XV-XIX.

1976

CASCUDO, Luís da Câmara. *História dos Nossos Gestos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP.

“A voz do gesto”, datada de dezembro de 1973, Natal, p. 9-11.

1977

CASCUDO, Luís da Câmara. *O Príncipe Maximiliano no Brasil (1815-1817)*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora.

“Ao amigo e mestre Roquete Pinto (1884 – 1954) este ensaio é dedicado”, datado de 6 de agosto de 1976, Natal, p. 7-8.

1978

CASCUDO, Luís da Câmara. *Mouros e Judeus*. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura.

“Prefácio”, datado de janeiro de 1978, Natal, p. 7-9.

O conjunto de prefácios ora apresentado ilustra o esforço realizado pela nossa pesquisa no intuito de catalogar o máximo possível de textos introdutórios escritos por Luís da Câmara Cascudo, no entanto acreditamos que ele – o conjunto – não representa a totalidade dos prólogos produzidos pelo autor.

Em uma viagem realizada para um evento científico em Belém (PA), com o propósito de apresentar a nossa pesquisa sobre os prefácios, aproveitamos o contexto para visitar a conhecida Biblioteca Pública Arthur Vianna⁸ naquela cidade. Instigados pela curiosidade de pesquisador, buscamos informações com funcionários e tal foi a nossa surpresa ao descobrir que no setor de obras raras do acervo da Coleção Haroldo Maranhão havia a obra praticamente completa de Luís da Câmara Cascudo. Dado o pouco tempo de que dispúnhamos para consultar os documentos, não foi possível verificar todo o acervo, mas observamos que havia ali prefácios que ainda não haviam sido catalogados por Mamede (1970), nem pela nossa pesquisa. Consideramos, portanto, esse fato como um indício de que pode haver outros prólogos, naquele ou em outros acervos de outras bibliotecas espalhadas pelo Brasil, quiçá pelo mundo, tendo em vista que o prefaciador viajou para o exterior realizando suas pesquisas; logo, não seria exatamente uma surpresa se ele tivesse escrito algum prefácio em outros países.

Semelhantemente ao feito de Luís da Câmara Cascudo – que buscou em seus prefácios guiar o leitor pelo universo de suas obras e que forneceu informações

⁸ Fundada em 1846, a Biblioteca Pública do Estado do Pará é considerada a mais importante daquele Estado, pois concentra um acervo de cerca de 500 mil volumes. A julgar pelo volume do acervo, acreditamos haver muitos documentos ainda inéditos aos olhos dos pesquisadores interessados em cultura e literatura. O endereço para visitação   Avenida Gentil Bittencourt, 650, bairro Nazaré, Belém/PA-Brasil.

complementares para que a leitura das suas e das demais obras prefaciadas se tornasse fluida e prazerosa –, empenhamo-nos para que esta Tese possa ser compreendida e, assim como o prefaciador, sejamos também generosos com nosso leitor. Para tanto, descrevemos ao longo deste capítulo como se deu o processo de construção da Tese, que é o resultado de uma pesquisa sobre o gênero prefácio, e as demais temáticas a ele relacionadas.

Sentimo-nos desejosos em historiar a trajetória da pesquisa pelo fato de que, para nós, ela representou a oportunidade de ter acesso a leituras que jamais faríamos em outras circunstâncias e, desse modo, nos sentimos privilegiados em compartilhar tais descobertas. Descrever como se deu a sua história é relevante para fique o registro de como tudo ocorreu e assim possamos guiar o leitor e encorajar outros pesquisadores, mostrando que o percurso nos fez crescer não somente como pesquisador, mas principalmente como ser humano.

DO TRADICIONAL AO MODERNO: A TENSÃO ESTABELECIDADA

2 DO TRADICIONAL AO MODERNO: A TENSÃO ESTABELECIDADA

A Memória é a Imaginação do Povo,
mantida e comunicável pela
Tradição, movimentando as Culturas
convergadas para o Uso,
através do Tempo.

Luís da Câmara Cascudo
(Prefácio de *Tradição, Ciência do Povo*)

2.1 O prefácio e a formação da tradição

Durante seus 87 anos de vida, Luís da Câmara Cascudo produziu uma vasta obra, dentre as quais se destacam *Alma Patrícia* (1921) e *Joio* (1924), livros de crítica literária, *Vaqueiros e Cantadores* (1939), que tematiza a cultura popular, e *Rede de Dormir* (1957), cujo subtítulo já explica do que trata a obra: é “uma pesquisa etnográfica”. Ao todo, são mais de 150 títulos que compõem a extensa lista de livros sobre os mais variados temas. Além de escrever, o pesquisador também prefaciava muitas obras, desde autores locais – norte-rio-grandenses – com circulação restrita no cenário literário, a brasileiros como José de Alencar e Silvio Romero, que tiveram seus livros prefaciados por ele.

Ao pesquisar sobre o gênero em estudo, observamos que o vocábulo “prefácio” admite diversos significados. No *Dicionário de Termos Literários* (1999, p. 416), encontramos o seguinte: “Latim *praefatio*, ação de falar no princípio. Sinônimo de ‘prólogo’, no sentido de texto que precede ou introduz uma obra”. Tal definição indica apenas um dos possíveis propósitos do gênero, tendo em vista que ele pode também fazer referência a outros textos que acompanham a obra, vindo no seu início ou não. Como a escritura do prefácio não possui uma forma fixa, definida, compete ao prefaciador adotar o “modelo” considerado adequado para cada obra a ser prefaciada; por esse motivo, é comum encontrarmos textos introdutórios no formato de carta, de

entrevista, de depoimento, e em muitos outros. O seu conteúdo quase sempre contempla considerações sobre o livro ao qual se refere, mas às vezes traz, também, dados biográficos do autor e informações que o prefaciador fornece ao leitor com o propósito de facilitar o entendimento da obra.

O ponto de partida da análise dos prefácios cascudianos é a proposição de que a leitura deles viabiliza uma melhor compreensão da história da literatura, da memória cultural e da literatura produzida especificamente no Rio Grande do Norte. Nesse sentido, Antonio Candido (2002, p. 87) sugere que, quando se trata do literário, o dado local “se vai modificando e adaptando, superando as formas mais grosseiras até dar a impressão de que se dissolveu na generalidade dos temas universais”. Isso nos mostra que, na visão do crítico, local e universal devem se harmonizar no contexto da obra literária. E, mesmo sabendo que o crítico literário não se referia ao gênero em estudo, nem ao ambiente no qual ele foi produzido, observamos que o seu pensamento pode ser aplicado a esse contexto.

A partir da leitura desses prefácios, pudemos perceber a preocupação de Luís da Câmara Cascudo em estudar as obras literárias produzidas no Rio Grande do Norte, a fim de organizar e posteriormente construir uma história literária. Por esse motivo, buscamos analisar o conteúdo dos prefácios observando como se dá o processo de sistematização da literatura local, a partir dos elementos presentes nos paratextos como parecia ser o desejo do prefaciador, já expresso desde os primeiros prólogos, ainda na década de 1920 (cf. AÇUCENA, 1986, p. 7): transformar os vários estudos sobre a literatura local em fonte de pesquisa.

Considerando tais elementos, o desejo cascudiano referido converge para os sentidos de permanência e de continuidade da tradição, no sentido do que esta última palavra representa para T. S. Eliot (1997) quando se refere à concordância entre o “velho e o novo”. Todavia não se trata de lê-los isoladamente, mas sempre em comparação com outros prefácios de autores nacionais do mesmo período ou que tratam da mesma temática, muito embora alguns desses sequer sejam citados na Tese.

Mas a sua leitura forneceu informações importantes para o entendimento daquilo que se pretendia compreender.

A partir de pesquisas realizadas sobre a cultura e a literatura locais, podemos deduzir que não havia, antes do início dos anos 1920, no Rio Grande do Norte, uma forte tradição literária – segundo Araújo (1995), alguns autores escreviam suas obras, mas de forma isolada, pois não estavam organizados em grupos e não tinham consciência coletiva daquilo que estava sendo produzido. Nomes como Ferreira Itajubá (1875-1912), Auta de Souza (1876-1909), Henrique Castriciano (1874-1947), Eloy de Souza (1873-1959) e outros não estavam ainda integrados a um sistema literário no sentido que lhe dá Antonio Candido (1997). Tais obras são consideradas, portanto, “manifestações literárias” pelo fato de não dialogarem entre si, isto é, por não haver entre elas uma consistente ligação do ponto de vista estético, histórico ou formal.

Segundo T. S. Eliot, essas bases (estruturas) devem estar sempre prontas para receber e abarcar todas as produções, e é nisto que consiste a tradição: “Os momentos existentes formam uma ordem ideal, a qual é modificada pela introdução da nova, da verdadeiramente nova, obra de arte” (ELIOT, 1997, p. 23). Essa concepção defendida pelo estudioso nos ajudou a compreender melhor de que forma a tradição se estabelece e se renova.

Para Araújo (2004, p. 92), no artigo “Pós-românticos no Rio Grande do Norte”, Luís da Câmara Cascudo estava empenhado em sistematizar, organizar e registrar a produção literária potiguar:

O ensaísta Câmara Cascudo, seguindo uma linha geral do pensamento da intelectualidade brasileira do século XX, promoveu na sua obra uma combinação da literatura com outras disciplinas das ciências humanas, no que resultou um modo singular de perceber o Brasil [...] Câmara Cascudo demonstrou o desejo de sistematizar a produção literária local, chegando mesmo a deixar inédita uma ‘História da literatura norte-rio-grandense’ [...].

Essa História à qual ele se refere nunca chegou a ser publicada, pois os originais se perderam e não havia cópias, mas o desejo de sistematização permaneceu. E como uma das formas encontradas para a realização desse projeto, o ensaísta prefaciou diversas obras literárias a partir de 1921 e acabou deixando esse legado para ser estudado.

No intuito de ampliar a discussão sobre a temática, recorreremos a Candido (1997, p. 24) e seu conceito de tradição: “Transmissão de algo entre os homens, é o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento”. Disso, pode-se inferir, portanto, que a partir da intervenção de Luís da Câmara Cascudo, no início do século XX, a literatura produzida especificamente no Rio Grande do Norte passou a receber estímulos de pesquisa sobre a tradição e a interagir com o sistema literário brasileiro.

A tradição era entendida por Luís da Câmara Cascudo como ciência do povo e era caracterizada pela permanência. Na perspectiva do escritor, ela liga o futuro ao passado, estabelecendo elo entre o contemporâneo e o primitivo. Por isso ela carregava traços universais e atemporais: era singular, quando tratava do dado local; plural, quando partia para temáticas universais.

A noção de tradição de Antonio Candido, no entanto, difere do modo de pensar de T. S. Eliot, tendo em vista que prevalece no autor de *Formação da literatura brasileira* a noção de movimento – que precisa se alimentar diariamente de elementos que a nutram e fortaleçam para que assim se estabeleça.

A forma de pensar a tradição adotada por esta Tese se baseia nas leituras e discussões de Antonio Candido sobre a temática, porque julgamos ser esta a que mais comunga com as nossas ideias, tendo em vista que a pensamos como algo contínuo, isto é, que constantemente se refaz.

Investigar acerca do conteúdo dos prefácios nos possibilitou compreender melhor o processo de construção da identidade local. Nesse sentido, o autor de *Formação da Literatura Brasileira* nos lembra:

Trata-se de um caso privilegiado para estudar o papel da literatura num país em formação, que procura a sua identidade através da variação dos termos e da fixação da linguagem, oscilando para isto entre adesão aos modelos europeus e a pesquisa de aspectos locais (CANDIDO, 2002, p. 86).

Partindo do princípio de que “monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação” (LE GOFF, 2012, p. 510), acreditamos serem os prefácios coletados pela pesquisa e estudados na Tese exemplos de “monumentos”, tendo em vista sua relação com o passado (tempo no qual foram escritos) e com o presente (período em que foram estudados). Tais textos podem ser considerados, portanto, como “um legado à memória coletiva” (LE GOFF, 2012, p. 510). Eles serviram como referencial para se pensar o valor da literatura, seja ela local ou de qualquer outro lugar. No entanto, a cultura local deve ser considerada elemento importante tanto quanto os outros, na medida em que contribui para a relativização e compreensão de questões mais globais. Ou seja, vivemos em constante relação com os mais diversos contextos culturais, e podemos dinamizar os nossos pontos de vista, na medida em que os colocamos em relação com outros e refletimos sobre eles.

A vasta obra que compõe o quadro da produção intelectual de Luís da Câmara Cascudo já foi contemplada com diversos estudos. Assim, como é múltipla a obra, é também o ser que a produziu. Por isso há pesquisas sobre o pensador, sobre o etnógrafo, sobre o historiador, o folclorista, etc. Há também, a julgar pelo banco de dissertações e teses da Capes e da UFRN, diversos trabalhos acadêmicos acerca da correspondência (cf. GOMES, 1999) trocada entre ele e seus amigos ilustres (políticos, escritores, pesquisadores, poetas, etc.), sobre a sua atuação como crítico literário (cf. FERREIRA, 2000), sobre a sua poesia (cf. GALVÃO, 2012) e sobre a escrita ensaística do autor (cf. MEDEIROS, 2013). Há ainda outras pesquisas sendo concluídas sobre livros de Luís da Câmara Cascudo. Apesar de todos esses trabalhos já citados, acreditamos haver ainda muito a ser pesquisado e, indo nessa direção, buscamos, nesta Tese, investigar acerca de outro viés da obra cascudiana: o prefaciador de obras literárias e não literárias.

Pensamos que, à medida que o autor ia pesquisando, escrevendo e publicando suas importantes obras, sobre as variadas temáticas, novas ideias iam surgindo, as quais ele ia, também, discutindo e reescrevendo em seus prefácios, os quais, por sua vez, dialogavam com elas (obras/ideias). Ou seja, ele utilizava o prefácio como um espaço aberto para atualizar as suas discussões. O gênero em estudo era, portanto, usado por Luís da Câmara Cascudo como mais um espaço de debate.

Acreditamos, assim, que algumas ideias eram desenvolvidas e amadurecidas ao longo de textos introdutórios que serviam como espaços de discussão para o autor. Dessa forma, na nossa perspectiva, eles contribuíram para a construção, ou consolidação, da tradição literária e cultural no Rio Grande do Norte, pois revelam, em seu conteúdo, detalhes do pensamento do autor sobre sua própria obra e sobre a do escritor prefaciado.

Entendemos que o gênero em estudo poderá vir a contribuir no que se refere a uma melhor compreensão da obra do autor, partindo do princípio de que ele se revela em seus escritos, deixando informações biográficas que podem servir como referência para conhecer sua vida e obra. Tomando isso como referência e levando para o âmbito da literatura, buscamos entender como Luís da Câmara Cascudo se via através de sua obra ou a partir de que perspectiva a enxergava.

Muitos desses textos, ora estudados, eram publicados em jornais e revistas do Rio Grande do Norte e de outros estados do Brasil antes de serem transformados em prefácios⁹. O fato de Luís da Câmara Cascudo ter iniciado sua trajetória de escritor em jornais, mais especificamente em *A Imprensa* (1914-1927), como dito antes, periódico criado pelo seu pai para que ele pudesse exercer o ofício de escritor, demonstra a relação estreita existente entre sua obra e essa ferramenta de divulgação.

O prefácio e seu *status* de gênero

⁹ Sobre essa temática, leia-se Dantas Monteiro (2013, p. 149-168).

Acredita-se que os primeiros textos introdutórios tenham sido escritos, no Brasil, a partir de 1820, com o advento do romance oitocentista: “A presença de um texto introdutório nos romances oitocentistas verifica-se desde 1826, na novela **Statira** e **Zoroastes** e é comum em boa parte das obras desse período” (SALES, 2003, p. 18, grifos do autor).

Conforme registra Sales (2003, p. 20), as dedicatórias e os agradecimentos são os responsáveis pelo surgimento dos prefácios, pois esses eram espaços criados pelos autores para expor notas de respeito e gratidão por aqueles que promoviam sua obra, já que naqueles tempos o ofício de escritor não proporcionava o sustento nem garantia a sobrevivência e, de um modo geral, os escritores eram levados a aceitar o apadrinhamento de pessoas abastadas. A partir dessa perspectiva, pode-se dizer, portanto, que o prefácio configura uma tradição secular na literatura, pois surgiu a partir das dedicatórias e agradecimentos e evoluiu ganhando *status* de gênero.

Para a maioria daqueles que se debruçaram sobre o gênero no intuito de estudá-lo, não importa a nomenclatura recebida e/ou o lugar ocupado pelo texto; no caso específico do prefácio, o local físico pode até indicar que ele está no princípio, mas não determina sua função, que permanece a mesma:

Não importa o termo ou a etimologia, o campo semântico refere-se à introdução, a explicação prévia. Algo que o autor ou alguém diz da obra. De um modo geral, vem no início do trabalho, sendo uma peça realizada depois da obra completa. Dessa forma, por exemplo, prefácio ou posfácio se equivalem, embora venham no início ou no término do livro (CLEMENTE, 1986, p. 1).

Segundo Vasconcelos (2006, p. 177), o lugar do prefácio “seria o intervalo entre o conceito e a existência, o pensamento e o tempo”. Considerado como um gênero de fronteira, permanecer nela parece ser a sua forma de se manter longe daquilo que se espera dele; por isso acreditamos que o caráter “autoritário” e didático do prefácio é o que lhe permite guiar o leitor pelo caminho desconhecido do texto.

É pertinente informar que, apesar de ser um gênero muito presente em obras das mais diversas áreas do conhecimento, os estudos sobre ele são quase inexistentes e se restringem praticamente à Literatura. Por isso coube à Literatura a missão de estudá-lo e é nessa perspectiva que direcionamos nossa investigação. Carece enfatizar, também, as múltiplas denominações recebidas ao longo de sua trajetória:

O prefácio assume, na história, múltiplas denominações latinas, gregas ou vernáculas. Assim temos: prefácio, posfácio, proêmio, prolegômenos, prólogo, introdução, aviso, advertência, etc. (CLEMENTE, 1986, p. 1).

Preâmbulo, carta ao leitor, introito, são mais alguns dos muitos nomes dados para o gênero prefácio. O escritor Gilberto Mendonça Teles (1989, p. 5) destaca a estreita relação do paratexto com a Literatura:

Todo texto destinado a recobrir os vários tipos de linguagem que se produz ao lado de uma obra literária, guardando com ela relações simétricas ou assimétricas, uma vez que procura reduplicá-la, explicá-la, reduzi-la ou colocar-se como índice de seu relacionamento com o mundo da literatura ou com as estruturas extraliterárias que a cercaram no momento mesmo de sua criação.

O pesquisador Cléber dos Santos Vieira (2008, p. 4) chama a atenção para o caráter de documento e sua proximidade com a história:

Denominam-se prefácios todos os discursos liminares produzidos a propósito de determinado texto. Os vínculos sistemáticos, históricos e contextuais com o impresso converteram os prefácios em preciosas fontes de pesquisa da história do livro nos mais variados gêneros da cultura escrita.

Selecionamos essas definições para o gênero em discussão, pois, de forma deveras pragmática, elas se complementam, estão em consonância com a nossa pesquisa e nos auxiliaram também a pensar sobre a sua utilidade.

A denominação prefácio foi usada genericamente, nesta Tese, para todos os textos introdutórios produzidos por Luís da Câmara Cascudo acerca de obras literárias ou não literárias de escritores do Rio Grande do Norte, de todo o Brasil, e até da Literatura Universal, assim como de sua própria obra, a partir de 1921, ano em que ele inicia sua trajetória como prefaciador.

Entendemos como prefácio o texto escrito e publicado com o intuito de fornecer informações que facilitem a leitura e/ou o entendimento da obra à qual ele faz referência, independentemente de vir nas páginas iniciais, quando recebe o nome de prólogo, carta ao leitor, proêmio, introito, preâmbulo, introdução etc., ou quando aparece apenas nas últimas páginas do livro e passa a intitular-se posfácio. Ao longo de anos, alguns prefácios mereceram destaque e se tornaram, pode-se dizer, verdadeiras obras literárias, a saber.

O prefácio do romance *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616), marca o princípio da escritura do gênero na Literatura moderna ocidental, pois é nele que se inicia a tradição de se escrever um prefácio à obra literária. Apesar de trazer uma dedicatória, esse livro inova ao principiar essa tradição e apresentar ao universo da Literatura o prefácio como se conhece hoje:

DESOCUPADO LEITOR: Não preciso prestar aqui um juramento para que creias que com toda a minha vontade quisera que este livro, como filho do entendimento, fosse o mais formoso, o mais galhardo, e discreto que se pudesse imaginar [...].

O que eu somente muito desejava era dar-te mondada e despida, sem os ornatos de prólogo nem do inumerável catálogo dos costumados sonetos, epigramas, e elogios, que no princípio dos livros por aí é uso pôr-se; pois não tenho remédio senão dizer-te que, apesar de me haver custado algum trabalho a composição desta história, foi, contudo, o maior de todos fazer esta prefação, que vais agora lendo [...] (SAAVEDRA, 1958, p. 11-2).

A saudação ao leitor, tão comum ainda hoje, foi o modo encontrado pelo escritor para se aproximar de seu público, ganhar a sua confiança e, dessa forma, estabelecer o pacto que perpassou séculos e permanece na atualidade.

Acontecimentos e/ou situações curiosas envolvendo esse gênero fazem parte da Historiografia Literária e do universo da literatura e acabaram por transformá-lo praticamente em mito. Friedrich Nietzsche (1844-1900), ainda no século XIX, escreveu *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, e, de fato, eles nunca chegaram a ser escritos. Essa atitude improvável e inédita do filósofo alemão configurou a independência dos textos, que desse modo passaram a isentar a escritura das respectivas obras. A exemplo desses, outros prefácios ganharam notoriedade ao se destacarem e serem considerados mais importantes que a própria obra à qual faziam referência.

Em *Cantos do fim do século* (1878), Sílvio Romero (1851-1914) escreveu um prefácio intitulado “A poesia de hoje”, e nele chama a atenção ao afirmar que “Um prólogo a um livro de versos é coisa que se não lê, e quase sempre com razão”. Essa suposição do crítico pode estar baseada no fato de o leitor, ao se deparar com o texto literário, poder optar por ir direto ao ponto: a sua leitura. O deleite que a poesia proporciona pode apressar a ida do leitor ao texto. Mas essa constatação do autor pode indicar também um dado da modernidade: a urgência em ler pode estar atrelada às outras atividades que precisam de rapidez em sua realização.

A atualidade temática presente no texto introdutório escrito por Romero é o que o torna relevante. Caso tivesse sido escrito na contemporaneidade, ele se justificaria pela necessidade que as pessoas têm em concluir com pressa suas tarefas. Contudo o prólogo foi escrito em novembro de 1878 e a pressa, certamente, não era o motivo, pelo menos o único, para o leitor não ler o texto. A razão talvez fosse a mesma até hoje: a leitura do prefácio configura-se como dispensável. Desnecessário ou não, de certo, o gênero em discussão é visto como menor e, como vem à margem da obra literária, é tido como marginal e, desse modo, está cercado de conceitos pré-estabelecidos.

No entanto, não há quem duvide da utilidade dos prólogos, e os escritores, nas mais diferentes épocas, fizeram o bom uso dele como ferramenta para esclarecer, ampliar e/ou auxiliar no diálogo com seu leitor: “A poesia é um resultado da organização humana, nada tem de absoluto, nem de sobrenatural; nada também de desprezível e

de repugnante para nós” (ROMERO, 1878, p. V). Ao utilizar o espaço do prefácio para expor a sua concepção de poesia, o crítico faz jus ao papel desse paratexto, cuja função é apresentar dados que possam mediar a relação do leitor com o autor e seu texto, e facilitar o entendimento da obra.

“Prefácio Interessantíssimo”, de Mário de Andrade, em *Pauliceia Desvairada* (1922), também se destaca por trazer discussões sobre arte, poesia e sobre a poética modernista. Nota-se que o conhecido texto do escritor paulista tem forte caráter híbrido, pois nele há boa dose de poesia com predomínio da função metalinguística:

Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo que meu inconsciente me grita. Penso depois: não só para corrigir, como para justificar o que escrevi. Daí a razão deste Prefácio Interessantíssimo (ANDRADE, 1979, p. 28).

De forma moderna, o autor teoriza acerca da literatura que estava sendo produzida naquele momento e expõe seus conflitos como escritor, reconhecendo que não conseguiu se desprender totalmente de um passado cujas raízes permanecem fincadas em sua obra:

E desculpe-me por estar tão atrasado dos movimentos artísticos atuais. Sou passadista, confesso. Ninguém pode se libertar duma só vez das teorias avós que bebeu; e o autor deste livro seria hipócrita se pretendesse representar orientação moderna que ainda não compreende bem (ANDRADE, 1978, p. 29).

Discute também em seu “Prefácio Interessantíssimo” sobre correntes teóricas tais como Futurismo, Impressionismo, Modernismo, Parnasianismo, Surrealismo e sobre os conceitos de feio e belo, já tradicionalmente conhecidos na arte e na literatura. Vale ressaltar ainda o caráter intertextual do conhecido prefácio do autor de *Pauliceia Desvairada* (1922), que reúne trechos de obras e fragmentos poéticos citados por personalidades das diferentes artes: escritores, pintores, músicos, saudando-os e/ou enaltecendo-os pelo legado da tradição. Por tudo isso que foi apresentado, não se pode

tratar da temática dos prefácios sem que façamos esse passeio pelo importante texto de Mário de Andrade.

Os prefácios de Antonio Candido constituem um vasto campo de pesquisa acerca de sua concepção sobre cultura e literatura e mostram muito sobre seu pensamento a respeito do sistema literário brasileiro. Um exemplo disso é o prefácio da obra *Formação da Literatura Brasileira*, no qual o autor discute conceitos-chave de sua produção, tais como a noção de tradição, que trata da existência e da formação do sistema literário brasileiro, de manifestação literária e de literatura propriamente dita, e elenca uma série de motivos que explicam e justificam o seu interesse especial por diversas temáticas – por exemplo, da dialética do localismo e do cosmopolitismo.

A par dessa polêmica, no texto intitulado “Prefácio da 2ª edição”, o autor inicia informando: “Ao contrário do que anunciava o prefácio da 1ª edição, não foi possível acrescentar matéria nova a esta 2ª” (CANDIDO, 1997, p. 15). Essa preocupação do autor nos ajuda a compreender a função exercida pelo paratexto nas obras literárias e a pensar acerca da utilidade, ao que parece, do espaço ocupado por ele, o qual é determinante para que compartilhem com o autor-prefaciador certas informações, necessárias ao bom entendimento da obra.

No mesmo prefácio, Antonio Candido retoma a discussão principiada na Introdução à 1ª edição, sobre a noção de literatura como sistema, e literalmente reclama do fato de a crítica ter prestado muito mais atenção na Introdução do que no conteúdo do livro em si, isto é, na obra propriamente dita:

Este livro foi recebido normalmente com louvores e censuras. Mas tanto num como noutro caso, o que parece haver interessado realmente aos críticos e noticiaristas foi a “Introdução”, pois quase apenas ela foi comentada, favorável ou desfavoravelmente (CANDIDO, 1997, p. 15).

O crítico reclama, ainda, por não ter a crítica literária, de modo geral, se aprofundado na leitura do seu livro, ficando apenas na superficialidade, não conseguindo construir argumentos para se posicionar:

As ideias teóricas que encerra só aparecem como enquadramento para estudar as produções e ligam organicamente a este desígnio. Tanto assim que devem ser buscadas no próprio corpo do livro, não na sua parte introdutória, voluntariamente sumária e indicativa (CANDIDO, 1997, p. 15).

O autor censura essa posição assumida pela crítica da época e lamenta que, no Brasil, haja a tradição de se avaliarem obras a partir da leitura, apenas, de seus textos introdutórios, o que não foi a sua intenção:

No Brasil estamos de tal maneira viciados com introduções pomposas, que não correspondem à realização, que preferi uma apresentação discreta, convidando inclusive o leitor a deixá-la de lado se assim desejasse, para buscar o essencial (CANDIDO, 1997, p. 15).

Ele utiliza o espaço do prefácio, portanto, para desfazer o que, em sua opinião, pode ser considerado um mal-entendido provocado por aqueles que fizeram uma leitura apressada e equivocada da introdução de sua obra.

2.2 O conjunto de prefácios de Luís da Câmara Cascudo

Buscando entender o discurso prefacial, lendo e relendo os prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo, observamos que a maioria deles apresentava basicamente o mesmo padrão, ou seja, contemplam os elementos característicos do gênero, tais como informar o leitor sobre a obra prefaciada, apresentar dados da biografia de seu autor, criticar ou analisar o livro para o qual o paratexto foi escrito. Ao pesquisar acerca da origem desses textos, constatamos que eles mantiveram um modelo secular, conforme preconiza a tradição.

Com o intuito de compreender os prólogos cascudianos escritos para obras de diversos autores, chegamos ao seguinte esquema, o qual facilitou a leitura e

proporcionou um melhor entendimento do gênero em estudo: a) traz epígrafes impactantes (muitas vezes em outro idioma); b) contextualiza o tema de que trata a obra; c) estabelece relação do tema com a obra e da obra com seu autor; d) trata da relação prefaciador *versus* autor (através de um discurso prefacial convincente); e) apresenta a obra (os pontos mais significativos) para o leitor ilustrando com trechos; f) ressalta a importância da obra para a literatura brasileira e para a sociedade (o que contribui para a construção de uma tradição); g) analisa trechos da obra a fim de comprovar o que afirma sobre ela.

Tudo leva a crer que Luís da Câmara Cascudo desconsidera o que não lhe agradava e destacava o que chamava sua atenção. Essa forte marca do discurso prefacial cascudiano pode ser observada em outros autores e pode ser considerada um requisito dos críticos literários daquele contexto, conforme aponta Antonio Candido (1997, p. 13), no prólogo de *Poetas do Brasil*, ao analisar a postura adotada por Roger Bastide, sociólogo e crítico literário francês que viveu no Brasil:

[...] visa mais à verificação do que à avaliação, como se Roger Bastide não se preocupasse muito em distinguir o ruim do bom. É que para ele, crítico, mas sobretudo sociólogo, o texto é um feixe de significados e de sinais que, se forem válidos, justificam o interesse.

Ao ler o texto de Candido, observamos que essa atitude de Luís da Câmara Cascudo é semelhante àquela adotada por Bastide, em sua obra, e mostra que essa “camaradagem” presente nos prólogos cascudianos não constitui exatamente uma exclusividade da obra dele; ao que parece, essa posição assumida pelo escritor é bastante comum em perfis de outros intelectuais de sua época e/ou do mesmo contexto.

No conteúdo dos prefácios, de acordo com o modelo tradicional, encontramos as impressões de Luís da Câmara Cascudo a respeito do autor, acerca da obra e sobre o lugar que a obra prefaciada ocupa na Literatura local e nacional. Pode-se afirmar que, nesse processo, ele colaborou com a sistematização da produção literária local por via

de prefácios escritos por cerca de sete décadas. Mas o que surpreende é a forma como o prefaciador elaborou seus prólogos: quase sempre, tratou de analisar trechos das obras que chamavam sua atenção por apresentarem relevância estética, enquanto desviava o olhar de outras, as quais enfocavam mais aspectos biográficos dos autores. Nestes últimos casos, desviava a atenção do leitor para este não perceber que o prefácio não estava fundamentado na análise da obra.

As análises variam de acordo com a forma, o conteúdo e a estética dos textos, além de questões mais amplas, como a relação entre literatura e sociedade. Quando é prosa, ele comenta o conteúdo e/ou temática da obra prefaciada e discute sua relevância literária e social, a exemplo do que está registrado no prefácio à obra *O Calvário das Secas* (1938), de Eloy de Souza (1873-1959). Quando se trata de poesia, ele analisa versos ou até estrofes inteiras, conforme podemos constatar no posfácio de *Livro de Poemas de Jorge Fernandes* (1927), de Jorge Fernandes (1887-1953).

Entretanto, quando se trata de sua própria obra, o autor se utiliza de seu conhecimento sobre as coisas, o mundo e as pessoas para se posicionar acerca do assunto abordado na obra prefaciada. Então, como resultado da crítica literária, em se tratando de obras ligadas à literatura, como *Alma Patrícia* (1921) e *Joio* (1924), por exemplo, tem-se a posição do autor acerca de determinados assuntos relacionados à cultura popular e muitos outros modos de apresentar a sua produção, bem como a variação de características dentro da própria obra, pelo foco de interesse e pela diversidade temporal.

Um aspecto, no entanto, perpassa praticamente todo o conjunto de textos introdutórios do escritor para seus livros: o biográfico. Isso permite, por exemplo, que o leitor desse gênero construa uma biografia do intelectual, ou seja, a história de sua vida, tomando como base as informações obtidas em seus prefácios.

Tratando do gênero já tão utilizado como espaço de discussão de teorias e para explicar posições defendidas pelos autores, Candido (2005, p. 50, grifos do autor) reitera:

Para alguns autores é elemento indispensável o *prefácio*, ou *introdução crítica*, na qual o *editor* justifica o seu método e faz a história do texto, mostrando como ele foi sendo reproduzido através dos anos.

Segundo Antonio Candido (2005), o gênero prefácio quase sempre apresenta “grande riqueza de elementos complementares, necessários ao estudo da obra e do autor” (p. 74-5). E, mesmo não estando tratando especificamente dos prólogos cascadianos, o crítico literário nos auxilia no entendimento do gênero em estudo. Essa citação reforça, portanto, a função do paratexto e esclarece sobre seu conteúdo.

Do ofício de prefaciador ao labor do crítico

Como, muitas vezes, o trabalho realizado pelo prefaciador – ou seja, a sua prática com o texto literário, que é intermediar o diálogo do livro com o leitor – está diretamente relacionado ao exercício da crítica, logo sua função confunde-se com a do crítico literário; julgamos pertinente refletir sobre a crítica literária, sua função e relevância para os estudos literários, no que diz respeito ao papel que desempenha.

Pensamos que semelhante ao ofício de prefaciador é o labor do crítico literário e, pela afinidade/familiaridade que se observa tanto em uma quanto em outra função, muitas vezes um acaba por ocupar o lugar do outro, muito embora saibamos que o primeiro tem a obrigação moral de elencar apenas as qualidades da obra prefaciada e, portanto, sua estratégia argumentativa é utilizada não para criticar, mas para convencer o leitor de que vale a pena ler a obra prefaciada.

Conforme registra Souza (2011), a crítica literária pode ser pensada a partir de duas perspectivas: a primeira, correspondente ao período chamado de Idade Média ou Era Medieval; e a segunda concepção, que se materializa com o Renascimento – e é com ele que a palavra “crítica” ganha força e estreita seus laços com a literatura. Na Inglaterra, no século XVIII, há registro do termo *criticismo* – atividade crítica; *critic* designava a pessoa que fazia a crítica. Com o Renascimento, veio a crítica neoclássica,

tendo como modelos gregos e latinos. É a partir daí que se utiliza o vocábulo oriundo do grego *krinein* (julgar); *krités* (juiz); *kriticós* (censor de obras escritas). A palavra aparece em sua forma latina, como substantivo *criticus*, que quer dizer crítico ou simplesmente censor de obras escritas.

Esse retorno ao passado, em busca do modelo perfeito, estabeleceu regras rígidas para a análise das obras literárias do período. A nova forma de pensar dos românticos – simplesmente o pensamento romântico – trouxe consigo novos valores pautados no gosto e na intuição. A chamada crítica romântica tornou-se viva e atuante, pois valorizava aspectos da nacionalidade e das tradições. O Cientificismo baseava suas análises nas ciências que estavam em voga naquela época: psicologia, sociologia e biologia. A crítica realizada a partir desta concepção buscava explicar e comprovar suas descobertas sobre o fenômeno literário. Já o Impressionismo, por sua vez, posicionava-se fervorosamente contrário ao Cientificismo. Essa concepção desprende-se da Filosofia e aproxima-se da estética, propondo que a análise crítica seja realizada com base na intuição e no senso comum.

É provável que as ideias de Immanuel Kant (1724-1804) tenham contribuído para o surgimento e/ou fortalecimento da “crítica literária de natureza subjetiva”. Isso explicaria a consolidação do Impressionismo, ou da Crítica Impressionista, um século depois das discussões iniciadas pelo filósofo alemão, e reforça a tese de que, por mais que não tenha intenção, ao tomar uma obra para analisar o escritor/crítico deixa suas marcas ou impressões sobre ela, pois ele não se desprende o bastante para ser imparcial e sempre põe um pouco de si na obra que critica.

Machado de Assis, em seu consagrado ensaio “Instinto de Nacionalidade”, chamou a atenção para esse aspecto ao afirmar:

O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço (ASSIS, 1873, p. 7).

Ao ressaltar que todo escritor é um homem de seu tempo e de seu espaço, o crítico literário, em termos práticos, quer dizer que, ao criar uma obra literária ou ao praticar o exercício da crítica, o percurso natural do processo exige que deixemos nossas impressões.

A iniciação de Luís da Câmara Cascudo no jornalismo, que se deu nas páginas do jornal natalense *A Imprensa* (1914-1927), justifica e explica o fato de ele afirmar ter praticado, em *Alma Patrícia* (1921), a crítica impressionista, por ser essa a forma de se posicionarem os jornalistas da época acerca dos mais variados temas. Pelo que se sabe, essa concepção nasceu concomitantemente à imprensa e uma sempre esteve ligada à outra. A crítica deixa os degraus da academia – crítica acadêmica – para o rés do chão, e assim se torna menos comprometida, e o jornalismo fez um bom uso dessa ferramenta. Sendo, pois, Luís da Câmara Cascudo um jornalista por vocação, lançou mão da crítica impressionista e de seus métodos.

Em seu estudo intitulado “Sívio Romero: crítico e historiador da literatura”, Antonio Candido (1978, p. ix-xxx) trata do papel de crítico literário exercido pelo escritor de *História da Literatura Brasileira* (1888) e afirma que ele influenciou o pensamento dos intelectuais brasileiros do início do século passado. Poder-se-ia deduzir que isso se estende, também, a Luís da Câmara Cascudo, tendo em vista que verificamos, na nossa pesquisa de campo, ao consultar o seu acervo pessoal, que este último não apenas era um leitor da obra romeriana, mas também prefaciou uma reedição de *Cantos populares do Brasil*, em 1954, cujo prefácio catalogamos. Acreditamos, portanto, que a atitude crítica adotada por Luís da Câmara Cascudo pode ter suas referências em Sívio Romero.

Sobre a marcante atuação de Romero como crítico da literatura e da sociedade, disserta Candido:

Não espanta, com isso tudo, que ele tenha influído, simultaneamente, posições radicais em face da cultura brasileira, como a de Otávio Brandão, e posições conservadoras como a de Oliveira Viana. **Que tenha ajudado um homem como Mário de Andrade a definir a sua**

densa visão da cultura popular, **e que tenha influído diretamente no modo de Gilberto Freyre** conceber a gênese das classes dominantes (1978, p. i, grifos nossos).

Como sabemos, havia uma relação estreita entre os estudiosos da cultura brasileira citados por Antonio Candido, por isso temos motivos para acreditar que esses intelectuais, além da relação de amizade, compartilhavam também das afinidades teóricas, isto é, eles foram leitores de Sílvio Romero. Neste sentido, esta pesquisa abre uma questão que deixará em aberto para trabalhos futuros, ou seja, o aspecto comparativo entre as afinidades teóricas de Luís da Câmara Cascudo e de Sílvio Romero. Neste momento, a pesquisa se propõe a apresentar reflexões sobre o levantamento de dados empreendido, com a finalidade de chamar a atenção a respeito da importância dos prefácios cascudianos para o estudo da sua vasta obra.

Capítulo III

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO PREFACIADOR

3 LUÍS DA CÂMARA CASCU DO PREFACIADOR

Verifica-se essa contemporaneidade no milênio.
O universalismo no regional [...]
O grande passado vive em nós, perceptível. A
viagem mostra o sentido de continuidade e o livro
prolonga o plano da extensão no tempo.

Luís da Câmara Cascudo
(Prefácio de *Anúbis e outros ensaios*)

O homem, o mito, o autor

A produção de prefácios de Luís da Câmara Cascudo é extensa e variada. Prefaciou praticamente todos os seus livros e também obras de diversos autores – importantes ou não, conhecidos ou desconhecidos, amadores ou profissionais – que pelos mais diversos motivos lhe pediram um prefácio, não fazia restrição. A nossa pesquisa constatou, através de conversas informais com seus familiares, que bastava alguém pedir para que o ensaísta prefaciasse sua obra que ele prontamente o fazia¹⁰. Isso explica, em parte, o elevado número de textos introdutórios assinados por Luís da Câmara Cascudo e justifica por que essas pessoas, em sua maioria anônimas, o procuravam: elas já sabiam, de antemão, que ele não se recusaria a dizer algumas palavras elogiosas sobre seu livro. E como Luís da Câmara Cascudo tornou-se, desde muito jovem, uma referência na sua cidade, acabava sendo cada vez mais solicitado

¹⁰ “Existem no Rio Grande do Norte dois grandes monumentos históricos, esta Fortaleza dos Reis Magos (...) e, Luís da Câmara Cascudo nosso Grande mestre, monumento vivo, telúrico, que a cidade toda venera e essa veneração chega a ponto de seu nome estar tanto no terreiro de umbanda, quanto no museu de antropologia da universidade. É placa da rua onde nasceu, e está até na entrada da cidade num painel bem grande: ‘Esta é a cidade de Luís da Câmara Cascudo.’” (Depoimento de Carlos Lyra In: Produção de Zita Bressane. Depoimento. TV Cultura. Cascudo. Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo.1978. Vídeo-cassete: VHS.NTSC, som, cor TV Cultura.). Sobre essa temática leia-se o Relatório de Bolsa de Iniciação Científica *A cidade e o letrado: a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal* (FAPERJ/2004), de Cristiane Silva Furtado/Orientadora: Profa. Dra. Margarida de Souza Neves.

como prefaciador. Simultaneamente a esse exercício de crítica, poder-se-ia dizer que ele também estava construindo um legado o qual seria deixado para as gerações seguintes. Por vezes nos perguntamos se ele estava consciente desse papel assumido e intuimos que não, mas em outros momentos, pensamos que sim, pois há declarações do autor deixadas nos próprios prefácios que confirmam a nossa hipótese.

Um breve olhar para o conjunto da obra de Luís da Câmara Cascudo nos permite observar que ele trabalhou intensamente durante toda a sua vida. Informações obtidas em contato com a família do intelectual revelaram que mesmo com a saúde fragilizada – vendo e ouvindo com dificuldade – o escritor continuou sua rotina de leituras e escrita diariamente. É curioso notar que enquanto ele pesquisava sobre uma temática, cultura popular, por exemplo, escrevia concomitantemente sobre outras que tratavam dos mais variados assuntos que pouco ou quase nada tinham em comum.

O instinto de pesquisador de Luís da Câmara Cascudo nos deixou como herança um legado nas mais diversas áreas do conhecimento: história, etnografia, antropologia, letras, etc. Por esse motivo, podemos afirmar que ele foi genial e humano em tudo que fez. Genial porque sua percepção do mundo era digna de um gênio, e humano pois conseguiu transformar a cultura brasileira em matéria viva para suas reflexões, deixando um legado que poucos intelectuais brasileiros foram capazes de realizar.

Ao longo de sua trajetória, ele colecionou ideias e pensamentos os quais externava, em forma de expressões, que se tornariam célebres, e nenhuma delas poderia representar melhor a sua impressão sobre o povo de seu país: “o melhor do Brasil é o brasileiro”, disse certa vez. Refletindo sobre essa questão, poderíamos dizer que conhecendo o Brasil tão bem quanto conhecia, o escritor tinha fé de ofício, ou seja, estava respaldado para afirmar, com segurança, aquilo que ele havia sabiamente comprovado através de anos de vida dedicados às suas pesquisas sobre a cultura brasileira.

3.1 1920-1940: prefácios de estreia

A década de 20, do século XX, representa um marco na história cultural do país, pois foi nesse período que ocorreram mudanças que iriam repercutir profundamente na nossa sociedade. O movimento modernista brasileiro iniciado em São Paulo, em 1922, questionou os modelos existentes na arte e na estética e trouxe consigo novos valores. E foi nesse momento de efervescência, mas não exatamente dentro do movimento modernista, que se iniciou a produção intelectual de Luís da Câmara Cascudo¹¹, tendo publicado as seguintes obras: *Alma Patrícia* (1921), *Histórias que o tempo leva* (1924), *Joio* (1924) e *Lopez do Paraguay* (1927).

A partir da publicação de sua primeira obra, *Alma Patrícia*, em 1921, Luís da Câmara Cascudo passou a produzir intensamente. No Rio Grande do Norte, prefaciou obras como *O Arado*, de Zila Mamede (1959) e *Os Instrumentos do Sonho*, de Doryan Gray Caldas (1961). Além de obras em prosa como *O Calvário das Secas*, de Eloy de Souza (1938) e *Patronos e Acadêmicos – Academia Norte-Rio-Grandense de Letras: antologia e biografia*, de Veríssimo de Melo (1971), e o já citado *Livro de Poemas de Jorge Fernandes*, do poeta Jorge Fernandes (1927), cuja leitura inicia a sequência de análises deste capítulo.

Livro de Poemas de Jorge Fernandes

Em 1927, foi lançado em Natal/RN, o *Livro de Poemas de Jorge Fernandes*, de Jorge Fernandes de Oliveira (1887-1953). Luís da Câmara Cascudo inicia o prefácio à

¹¹ Antes de iniciar a produção de livros, nos anos 20, do século XX, Luís da Câmara Cascudo já havia publicado diversas crônicas em periódicos e jornais locais e/ou nacionais conforme mostra a pesquisa realizada por NEVES, Margarida de Souza. [et al]. *A história em coisas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas/SP: Ed. da UNICAMP, 2005. A obra *Luís da Câmara Cascudo: bibliografia comentada 1968/1995*. Natal: EDUFRRN, 1996, de Vânia Gico, confirma isso ao anunciar que em 1918 ele publicara seu texto de estreia como escritor, tratava-se, segundo GICO (1996, p. 35), de uma crítica literária.

obra afirmando: “[...] é um livro isolado, sozinho, descolado no cromo de sala de jantar dos poetas de sua geração” (CASCUDO, 1997, p. 1).

Jorge Fernandes é apresentado como uma pessoa ímpar. Ele, segundo Luís da Câmara Cascudo, não estaria em qualquer grupo nem participava de escolas literárias, era guiado pelo instinto de poeta e sua poesia era um resultado de suas observações. O que motivava suas poesias era o conflito vivenciado pelo homem daquele período, e o poeta captava esse sentimento de tensão entre novo/velho, arcaico/moderno e representava isso em sua poesia usando temáticas locais.

Jorge Fernandes inicia seu livro fazendo menção aos poetas que vieram antes: “Sou como antigos poetas natalenses/Ao ver o luar por sobre as dunas [...]” (FERNANDES, 1997, p. 3). A leitura da poesia de Jorge Fernandes permite ao leitor realizar diversas interpretações. Duas delas, contudo, nos parecem mais prováveis: a primeira é a de que ele estaria ironizando por não haver, até aquele momento, tradição literária no Rio Grande do Norte. A outra se opõe a ela e nos possibilita acreditar que o poeta modernista estaria, através de seus versos fortes e originais, saudando os poetas locais anteriores a ele e que por isso lhe serviram de modelo e de inspiração, como ocorre em todo processo formador de uma tradição. Essa percepção causada no leitor gera uma tensão que perpassa toda a obra do poeta, por isso temos a impressão de que há um embate contínuo, que é renovado a cada novo poema lido, como podemos observar no poema intitulado “Moderno”...: “Tomou o martelo pesado todo cheio de barro/E tocou a destruir todo verso bem feito.../Malhou nas ogivas dos decassilábicos: - tá! tá! tá!.../ [...] E sobre o montão novo de ruínas de versos sonoros/Começou a viçar toda a vegetação alegre da terra:/Pés de jurubebas, canapuns, pinhões se erguiam [...]” (FERNANDES, 1997, p. 35).

Observamos, já de imediato, que tal afirmativa confirma a nossa hipótese de que Luís da Câmara Cascudo, mesmo sendo praticamente um estreante na arte de fazer prefácios, um homem relativamente jovem (com menos de 30 anos), era um observador perspicaz, um crítico sensível, um leitor especial. Suas impressões são confirmadas, no passado, pela crítica literária brasileira, representada por Mário de

Andrade, a quem Luís da Câmara Cascudo apresentou Jorge Fernandes: “As maiores simpatias de Jorge Fernandes vão parar em Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Raul Bopp” (CASCUDO, 1997, p. I), e no presente, por estudiosos como Araújo (1995):

Jorge Fernandes não fez parte da Academia Norte-rio-grandense de Letras, nem de qualquer órgão oficial à cultura do estado. O *Livro de Poemas* foi editado na tipografia *A imprensa*, graças ao apoio de Câmara Cascudo que se encarregou de apresentar a Manuel Bandeira e a Mario de Andrade, entre outros nomes do movimento modernista. Assim é que, apesar de não repercutir muito na província, naquela época a produção literária modernista de Jorge Fernandes acabou aparecendo em revistas nacionais, como a *Revista de Antropofagia*, a *Terra Roxa & Outras Terras e Verde* (ARAÚJO, 1995, p. 52).

O prefaciador mostra-se seduzido pelos poemas de Jorge Fernandes e passa a analisar e comentar aqueles que mais lhe chamam a atenção. É o caso de “o admirável Avoetes, uma das sínteses mais felizes do idioma” (CASCUDO, 1997, p. IV), que encantou o estudioso da cultura sertaneja e nordestina: “Todo o triste romance monótono dos nordestinos, Marias e Josés, está naquela ‘arribação alegre e clara’, [...]” (CASCUDO, 1997, p. IV). Outros aspectos na obra do poeta vistos com admiração por Luís da Câmara Cascudo são sua coerência poética e sua originalidade, as quais foram ressaltadas no seguinte trecho: “No dia em que Jorge elogiar Lampião, mesmo a maneira cenográfica de guerreiro, que nasceu feito, será capaz de calçar alpercatas de rabicho e seguir o bando” (CASCUDO, 1997, p. V).

Podemos observar, ao longo de toda a trajetória do intelectual Luís da Câmara Cascudo, uma constante preocupação em historiar/estudar/sistematizar o material de cunho poético-literário produzido no Rio Grande do Norte a partir da década de 1920.

No prefácio de *Açucena*, Luís da Câmara Cascudo lembra da necessidade de “iniciar a documentação segura para a futura história literária do Estado” (CASCUDO, 1986, p. 7), já no prefácio ao livro de Jorge Fernandes, o prefaciador chama a atenção para a importância de sua obra para a Literatura Brasileira e Norte-rio-grandense: “Jorge Fernandes é uma linda expressão intelectual do Brasil novo. [...] O vocábulo, a

sintaxe e a ortografia são, no ‘Livro de Poemas’, bem brasileiras. Brasileiras do Norte” (CASCUDO, 1997, p. VII).

Versos in praefatio

Em 1927, Luís da Câmara Cascudo reuniu e publicou a obra *Versos*, de Joaquim Eduvirges de Melo Açucena, poeta natalense cujo pseudônimo era Lourival Açucena (1827-1907). Sua obra foi publicada postumamente no ano de seu centenário. No prefácio, escrito por Luís da Câmara Cascudo, o autor de *Versos* é mostrado como mais um dos vários poetas de sua época (pós-romantismo). Ele é valorizado por ser uma pessoa inserida em um contexto cultural que lhe permitia dar sua contribuição de forma eclética: cantava, representava, declamava, tocava instrumentos musicais e escrevia poemas:

Lourival Açucena foi, cerebralmente, do século XVIII. Possuía a ingenuidade inspirativa, a malícia ligeira, a mania mitológica, a superstição do talento improvisador. [...] Durante sessenta anos, governou as serenatas, as ceias e as festas íntimas de Natal (CASCUDO, 1986, p. 4).

Quanto à poesia de Açucena, o prefaciador afirma: “Seus versos se destinavam ao violão ou ao pedido oficial de alguma coisa. Poetava sob tema, batia a lira no outeiro, aceitava sugestões banalíssimas” (CASCUDO, 1986, p. 4).

Sobre a forma poética utilizada por Lourival Açucena, o ensaísta noticia: “De sua cultura e fórmulas arcádicas, bastarão as provas de alguns versos. **Pirraças de Amor, Uma prece, Deus**, todos os sonetos acadêmicos, polidos e palacianos, as quadras tão ao jeito clássico de 1700” (CASCUDO, 1986, p. 4, grifos do autor).

Em seu prefácio para o livro *Versos*, Luís da Câmara Cascudo ressalta a relevância de Lourival Açucena para a sociedade na qual viveu. Descreve a cidade do Natal, em pleno século XIX, precária e sem tradição literária, como simples, pacata e

até monótona, e destaca a presença marcante do artista para alegrar a rotina da pequena cidade, na qual havia cerca de 700 habitantes.

De forma didática, o prefaciador distribui suas impressões em tópicos, de modo que cada um deles trata de um tema em especial: inicia fazendo uma minuciosa descrição de Natal e da vida social da cidade, para poder tratar, mais especificamente, sobre o poeta. Cada ponto corresponde a um aspecto que foi discutido detidamente.

Torna-se claro, pela forma como Luís da Câmara Cascudo organizou o prefácio, que Açucena destaca-se como artista: a imagem do cantor, ator, músico se sobrepõe à do poeta. O texto está assim organizado: Cidade do Natal; A sociedade; Joaquim Eduvirges; O poeta Lourival; O capitão Lourival; Lourival e o Instituto.

Para tratar de Açucena, o prefaciador refere-se primeiro à cidade, isso nos dá a impressão de que ele – o poeta – se harmonizava com seu *hábitat*; sua poesia era um reflexo, uma representação disso: era didática, previsível, mas isso em nada diminuía o mérito de Açucena, que era capaz de criar rimas a partir de “sugestões banalíssimas” como dizia Luís da Câmara Cascudo. Quando da publicação do livro de Açucena, em seu texto introdutório, o prefaciador registra o seu desejo de sistematização, agora reiterado, o qual já se materializa a partir de *Alma Patrícia* (1921): “Como a presente publicação significa um documento e não um estudo, a figura irrequieta de Lourival Açucena, de certo, merecerá mais amplas e detalhadas análises de sua mentalidade e vida” (CASCUDO, 1986, p. 7).

As referências à cidade do Natal e à sociedade norte-rio-grandense, no discurso cascudiano, surgem como uma contextualização que o autor parece usar em defesa do poeta: ele tenta demonstrar, ao longo do prefácio, que naquelas condições não se poderia produzir algo diferente do que Açucena fazia. A ausência de uma tradição, por exemplo, não permitia que o poeta fosse além daquilo que produzia, e ao que parece, o ensaísta o saúda por ter conseguido ir tão longe, em condições tão desfavoráveis.

Prefácios cascudianos de 1930: o sertão e a seca como temas da literatura local

A década de 1930 tornou-se referência na Historiografia Literária como o período de consolidação do movimento modernista brasileiro, mas também se destacou como o apogeu do regionalismo brasileiro. O conhecido romance de trinta sela o pacto entre o social e o ficcional na literatura e mais uma vez, assim como havia sido no Romantismo, a Literatura assume a missão de mostrar o Brasil aos brasileiros, desta vez não no intuito da descoberta, mas no sentido de denunciar as diferenças. E é nesse contexto de discussões que Luís da Câmara Cascudo dá continuidade à sua produção escrita, tendo publicado as seguintes obras: *Conde d'Eu* (1933), *O homem americano e seus temas* (1933), *Viajando o sertão* (1934), *Em memória de Stradelli* (1936), *O Doutor Barata* (1938), *O Marquês de Olinda e seu Tempo* (1938), *Governo do Rio Grande do Norte* (1939), *Vaqueiros e Cantadores* (1939).

Além dos livros, das crônicas diariamente publicadas, ao longo da referida década, Luís da Câmara Cascudo produziu quatro prólogos para diferentes autores: o primeiro para o livro *Ensaio, Contos e Crônicas*, de Afonso Bezerra, que é datado de 16 de março de 1930; o segundo para a obra *O Calvário das Secas*, de Eloy de Souza, com data de outubro de 1938; o terceiro contempla *Várzea do Assú*, de Manuel Rodrigues de Melo, datado de outubro de 1939; e o último foi para *Cana-Caiana*, de Ascenso Ferreira, que registra apenas o ano em que o prefaciador o escreveu: 1939.

***O Calvário das Secas*¹², de Eloy de Souza (1938)**

Eloy de Souza¹³, que, em 1938, publicou *O Calvário das Secas*, obra na qual

¹² Embora essa não seja uma obra literária, optamos por analisar seu prefácio, tendo em vista a sua pertinência temática com o que se produzia, na década de 1930, no Brasil, ou seja, uma literatura de cunho social.

¹³ Eloy Castriciano de Souza (1873 - 1959) era um dos intelectuais mais atuantes do Rio Grande do Norte. Pernambucano de nascimento, veio para o Rio Grande do Norte aos seis anos de idade, tendo retornado a Recife (PE), apenas para cursar Direito. Seus irmãos, também escritores, Auta de Souza e Henrique Castriciano, nasceram em Macaíba (RN). Para a leitura dos seus textos, cria-se, portanto, uma

aponta os problemas causados pela seca, apresenta sugestões para lidar com o maior problema enfrentado pelos nativos da região Nordeste do Brasil e discute possibilidades para solucioná-los. Estudioso desse fenômeno cíclico que é a seca, pesquisou formas de resolver o problema; era jornalista, escritor, foi deputado estadual, federal e, na época em que publicou o livro, Senador da República. Pesquisou, sobre a temática abordada na obra, durante viagens que fez a países com a geografia semelhante à do Nordeste brasileiro, dedicou-se durante anos ao estudo desse fenômeno climático.

O prefácio à obra *O Calvário das Secas* (1938), de Eloy de Souza, provoca o leitor a refletir sobre a situação histórica, social e econômica do Nordeste e sobre o papel do povo oriundo dessa região. A reflexão provocada pelo discurso prefacial de Luís da Câmara Cascudo leva o leitor – especialmente o nordestino porque conhece de perto essa realidade – a se indignar com a situação descrita. O prefaciador faz uma espécie de análise sociológica da seca no Nordeste (causas naturais *versus* problemas sociais), e a define como sendo uma: “[...] questão de três séculos, despovoadora de uma região, assassina de dois bilhões de brasileiros, empobrecedora de recursos e matadora de alentos” (CASCUDO, 1983, p. 7).

Sobre a personalidade do prefaciado, Luís da Câmara Cascudo traça o seguinte perfil:

[...] a autoridade prática, tradicional e contínua, de um velho debatedor da questão, veterano do assunto, sabedor de todos os segredos, mateiro que se orienta na mata pela memória automática do caminho percorrido – o Dr. Eloy de Souza (CASCUDO, 1983, p. 7).

A tradição parece fazer parte da história de vida de Eloy de Souza, pois, em outra referência o prefaciador acrescenta:

expectativa de leitura no sentido de identificar no autor um posicionamento social típico da classe dirigente do país naquele contexto.

Neto de vaqueiros, apaixonado pelo folclore matuto, encaneceu sempre enamorado de sua terra convulsa e triste, exaltando-lhe em prosa as figuras emocionais dos cantadores, dos chefes, o amor à família, o ritmo do trabalho, as virtudes perpétuas da honra doméstica, da fé ingênua, **as próprias superstições milenares**, a paixão pelo cavalo, pela palavra dada, **enfim tudo quanto representa a ‘constante’** em nossa civilização ibero-cristã (CASCUDO, 1983, p. 8, grifos nossos).

Por mais de uma vez, o prefaciador ressalta qualidades do escritor e o faz enfatizando a sua capacidade de lidar com o novo – no caso das recentes pesquisas sobre a seca – e o antigo – como no caso dos costumes da região Nordeste, que foram imortalizadas por Eloy de Souza, em sua obra, como se ele fosse uma espécie de guardador de tradições¹⁴, ou do ‘constante’, como afirma o prefaciador.

Ao longo da leitura do texto introdutório da obra *O Calvário das Secas*, observa-se a utilização de alguns termos que fazem referência ao acúmulo de água. O termo “açude”, ocorre quatro vezes, nas páginas 7, 9, 10 e 13; a palavra “barragem” aparece duas vezes, nas páginas 9 e 10; e “represa”, ocorre uma vez, na página 13. Poderíamos supor que essas palavras usadas formam um vocabulário que gira em torno do sentido de tradição, pois, ao que nos parece, a ideia de prender ou represar a água remete a tentativa de manter um ciclo vital. Açude poderia fazer referência a “constante”, “perene”, signos que também remeteriam à tradição. A atitude antiga do nordestino de tentar represar e prender a água pode ser interpretada como uma vontade de se manter preso à terra e, portanto, às tradições regionais. Afinal, ficar sem a água provoca a morte física, e, sem as tradições, ocorre a “morte cultural”.

O trecho “Um estado mártir das secas” exprime a opinião de Luís da Câmara Cascudo sobre seu estado de origem e, inconformado, o intelectual apresenta números que mostram a relevância econômica do Nordeste para o Brasil:

¹⁴ De acordo com Antonio Candido a tradição é assim definida: “[...] espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo. É uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar” (CANDIDO, 1997, p. 24).

No âmbito econômico não somos, nem fomos acessórios, parasitas, dando auxílios acidentais. Mesmo não computando o elemento humano, o primeiro e maior, que exportamos, mesmo em cifras de exportação, nada nos envergonhará. Em 1921, para aproveitar dados velhos, em tempo de atraso em nossa aparelhagem, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba exportavam 74.294: 920\$400... (CASCUDO, 1983, p. 11).

O prefaciador assume uma postura crítica face ao problema e ao impasse do governo em resolvê-lo. Ele cita Eloy de Souza como alguém que conhece os problemas e está tentando defender a causa de seu povo:

Demorar, revirando as facetas do problema, seria alongar demasiado a tarefa. A ideia única que animou o Dr. Eloy de Souza foi dar um depoimento leal e sereno, depoimento de toda uma vida a serviço duma grande causa (CASCUDO, 1983, p. 13).

Trata da ida de nordestinos para o sul do país (êxodo) e responsabiliza o governo pelo fato de as pessoas abandonarem seu estado e sua região de origem, buscando compreender a atitude daqueles que deixam o Nordeste e o Rio Grande do Norte: “Podemos dizer, com as nossas e as suas conclusões, que o nordeste recebeu destino mais histórico que econômico. Essa razão não o obriga a continuar como *officina gentium*, fornecendo homens e energia para o extremo norte e sul do Brasil” (CASCUDO, 1983, p. 10). Esse desabafo do prefaciador reafirma a sua indignação diante de tal realidade. A concordância de opinião com o autor prefaciado pode indicar que, naquele momento, os dois sujeitos envolvidos na temática posicionaram-se como opositores da política governamental do país, não obstante as suas posições de classe.

O prefaciador lembra que o Brasil tem uma dívida para com o Nordeste. Ele apresenta esse fato como argumento para que o país se sensibilize e resolva o problema da seca. Para tanto, elenca uma série de sacrifícios e até atos, que podem ser considerados heroicos, do povo nordestino em nome do país:

As obras, de qualquer vulto, são merecidamente dignas desse povo. Ele está em São Paulo, no oeste paulista, começando o desbaste das matas, o arroteamento do campo, dando as primeiras vítimas de luta. Depois chega, com as proteções clássicas, o colono italiano. Está em toda Amazônia, varejando florestas e povoando descampados, mudando a toponímia, domando índios, afastando limites, conquistando o Acre, depois de cobri-lo com seu sangue amoroso, num sacrifício de júbilo ardente e patriótico (CASCUDO, 1983, p. 11).

O escritor de *Joio* mostra que o Nordeste está contribuindo para o crescimento do Brasil e, mesmo assim, o país não está preocupado em resolver o problema da seca nessa região: “O Nordeste, lutando e morrendo, salvou a unidade nacional, a extensão magnífica do Império, o orgulho de um imenso país, íntegro e contínuo, em idioma, lei e costume” (CASCUDO, 1983, p. 11).

O prefaciador reitera que se não fosse o povo da região Nordeste a geografia do Brasil seria outra:

A posição holandesa, de Alagoas ao Maranhão, era a gênese de outra Pátria, batava ou dos vencedores dos batavos, talvez ingleses. Seria um Brasil cujo Oiapoque era a linha do S. Francisco. **O cadinho onde se formou essa raça de Hércules-Quasímodos, de homens de bronze, tem seculares direitos à solidadriedade positiva do Brasil** (CASCUDO, 1940, p. 11, grifos nossos).

Provável leitor de José de Alencar e de Euclides da Cunha, o prefaciador recorre ao mito da identidade nacional para destacar a imagem de herói do homem sertanejo, apresentado como forte, usando para isso os termos “Hércules-Quasímodos” de empréstimo do conhecido romance *Os Sertões* (1902), ao que parece, o autor estava contagiado por um sentimento de patriotismo.

O autor de *Alma Patrícia* trata da seca e da transformação provocada por ela no país: “De 1895 a 1910 tínhamos assistido partir do Rio Grande do Norte 58.837 pessoas, número inferior a verdade, [...] porque milhares saíram por terra, pelo interior, sem possibilidades de dados para uma futura estatística” (CASCUDO, 1940, p. 11).

Luís da Câmara Cascudo descreve a seca como um fenômeno natural da região e responsabiliza esse evento climático pelo empobrecimento e morte das pessoas que habitam a região, lembrando que os mortos da seca, antes de serem nordestinos, também são brasileiros.

O prefaciador reforça sua argumentação e cita nomes que comprovam o que já dissera:

Não são despiciendos algarismos para justificar um direito proclamadamente nacional. [...] Os elogios de cientistas estrangeiros, calculadores frios, geólogos acima de qualquer arrebatamento, como Roderic Crandall, Ralph Sopper, Horatius Small, são bases para uma defesa que se alicerça em afirmativas puramente experimentais (CASCUDO, 1983, p. 12).

O pesquisador mostra, através da citação acima, a opinião de estudiosos especializados sobre a situação em debate. Ele busca comprovar que não são apenas ele e o autor de *O Calvário das Secas*, porque são nordestinos, a se inquietarem com esse fenômeno. E eles argumentam que o país só tem a ganhar com o fim dos problemas ocasionados pela seca. A experiência mostra, os números comprovam, os dados são claros, tudo corrobora para a defesa de Eloy de Souza e Luís da Câmara Cascudo pela resolução da problemática que envolve a seca e a região Nordeste: “são bases para uma defesa que se alicerça em afirmações puramente experimentais” (CASCUDO, 1983, p. 12).

O prefaciador ressalta que é necessária e meritosa a resolução da questão:

Expondo as razões, algumas já seculares, que alimentam o incessante entusiasmo de Eloy de Souza, salienta-se que o custo das obras contra as secas nunca será inferior ao mérito da região a que se destina (CASCUDO, 1983, p. 12-3).

O prefaciador desafia ao leitor oferecendo-lhe dados (informações “privilegiadas” e estatísticas da economia nordestina naquele período), e comprova a injustiça cometida pelo país, não permitindo que o Nordeste se desenvolva por causa

da seca. Esse paratexto pode ser considerado uma espécie de manifesto em prol da resolução do problema que é gerado a partir desse evento climático característico da região Nordeste do Brasil.

A partir de uma perspectiva, ao que parece, regionalista, pois ele responsabiliza o “Brasil” pela culpa do atraso da região Nordeste, o intelectual destaca, ainda, que o custo das obras não era no passado, assim como não é, agora, o problema, pois a região apresenta aspectos de sua economia que se sobrepõem aos gastos com a seca. No passado, a produção de algodão que chegou a ser considerado o ouro branco do Brasil; no presente, a extração de petróleo e a exportação de frutas tropicais são alguns dos pontos fortes da economia da região, que infelizmente sofre com a falta de chuvas.

A partir da leitura desse prefácio, pode-se conhecer mais intimamente um Luís da Câmara Cascudo envolvido com as questões sociais de seu estado e ele demonstra isso ao se colocar de forma aberta contra o sistema que impede a resolução do problema da seca, impossibilitando, portanto, que, a sua região possa se desenvolver. A postura assumida pelo autor é coerente e sua argumentação é direta e objetiva; a sensação que se tem é a de que ele estaria discursando para uma plateia que precisaria ser esclarecida e convencida; é como se ele se sentisse na posição de quem deve esclarecer os nordestinos acerca do que estava acontecendo. A impressão, ao ler o texto, é a de que ele está dizendo para o restante do país que o nordestino tem consciência de tudo e por isso o país precisa resolver o problema, pois o Brasil deve isso ao Nordeste.

É mister ressaltar a inquietação causada pela discussão a respeito da seca que, em 1930, tornou-se um tema bastante explorado pela literatura brasileira, sobretudo pelo romance neo-realista, ou romance regionalista, de 1930. Independentemente de rótulos, foi a partir do chamado “romance denúncia” e pela via da Literatura que o país conheceu a seca no Nordeste. Rachel de Queiroz, com *O Quinze* (1928), e Graciliano Ramos com *Vidas Secas* (1934), entre outros, apresentaram o drama humano aos brasileiros.

Por isso tudo que foi apresentado, acreditamos que o Rio Grande do Norte ainda permanece “Um estado mártir das secas” (CASCUDO, 1983, p. 9), conforme definiu Luís da Câmara Cascudo, em seu prefácio escrito em outubro de 1938. Refletindo acerca da questão e seguindo essa linha de raciocínio, recorreremos à obra *Os Sertões*, publicada em 1902, de Euclides da Cunha, cujos trechos revelam traços da personalidade do sertanejo e comprovam porque o homem do Nordeste sobrevive, com bravura, à seca. Nesse trecho da obra *Os Sertões* o autor revela seu objetivo “Intentamos esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil” (CUNHA, 2001, p. 65):

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços do litoral. A sua aparência, entretanto, [...] revela o contrário. [...] É desgracioso, desengonçado, torto. **Hércules-Quasímodo**, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos [...] Basta o aparecimento de qualquer incidente [...] transfigura-se. [...] reponta [...] um titã acobreado e potente [...] de força e agilidade extraordinárias. Veste-se de couro, protegendo-se dos espinhos da caatinga. É vaqueiro. **Sua cultura respeita antiquíssimas tradições.** Torna-se um retirante, expulso pela seca cíclica, mas retorna sempre ao sertão (CUNHA, 2001, p. 207, grifos nossos).

Em uma tentativa de esboçar um desenho do que seria a raça sertaneja, mestiça e portando frágil, na sua concepção, o autor de *Os Sertões* apresenta traços da personalidade deste ser com defeitos e qualidades. O perfil construído por Euclides da Cunha evidencia as qualidades do homem sertanejo e comprova porque esse povo, na maioria das vezes, seja julgado e/ou avaliado apenas pela sua aparência e não pela essência, e que é preciso conhecê-lo para ver o que ele representa no contexto da cultura brasileira.

A literatura dos anos 30, do século XX, sobretudo o romance, tinha como preocupação o contexto político e social. Enquanto eram escritos, por todo o país, romances regionais “engajados”, no Rio Grande do Norte, pode-se dizer, essa discussão ficou por conta dos artigos publicados em jornais e revistas locais. Outros, no

entanto, ultrapassaram o espaço dos jornais e se tornaram prefácios em obras literárias e não literárias.

Esses artigos, que estavam esparsos em jornais, também se mantinham atualizados com as discussões acerca da temática do social e, em alguns momentos, foram muito bem utilizados. Pode-se dizer que não foram escritos romances regionalistas no Rio Grande do Norte, mas os artigos assumiram essa função e discutiam a temática abordada. Intelectuais como Luís da Câmara Cascudo e Eloy de Souza buscaram pesquisar e discutir a problemática da seca a partir de uma perspectiva diferenciada (até então muitos dos autores que haviam tratado da temática discutiam sobre o assunto sem conhecê-la verdadeiramente). Portanto, mesmo que não tenham sido produzidos romances neo-realistas, nos anos 30, no Rio Grande do Norte, ainda assim pode-se dizer que os intelectuais do estado, a exemplo de Luís da Câmara Cascudo e Eloy de Souza, estavam atualizados quanto a essa discussão.

A partir da leitura e estudo desses textos, pode-se notar um Luís da Câmara Cascudo que se posiciona criticamente sobre a seca, por exemplo, uma questão secular que assola o povo da região Nordeste.

O prefácio de Luís da Câmara Cascudo para o livro *O Calvário das Secas* comprova essa afirmação, pois seu conteúdo mostra claramente uma reflexão do ensaísta sobre o problema da seca, incluindo-se suas impressões sobre a questão que, para ele, poderia ser resolvida se assim o Brasil quisesse.

Erudito versus Popular: poesia matuta em foco

A literatura dos anos de 1940 se reinventa e se desprende cada vez mais daquela de seus antecessores modernistas de 1920. Do ponto de vista estético, passa a se produzir, tanto na prosa quanto na poesia, obras de cunho social, psicológico/introspectivo e, em outros casos, se utilizava a linguagem como temática.

Nesse contexto, observamos em Luís da Câmara Cascudo um autor que produzia intensamente. Nos prefácios assim como nos seus livros, além da tradição,

outros assuntos o interessaram. Ao que parece, cada vez mais estava se voltando para a temática da cultura popular.

As obras *Antologia do Folclore Brasileiro* (1944), *Os melhores contos populares de Portugal* (1944), *Lendas brasileiras* (1945), *Contos tradicionais do Brasil* (1946), *Geografia dos mitos brasileiros* (1947), *História da Cidade do Natal* (1947), *Os holandeses no Rio Grande do Norte* (1949), são o resultado de uma década de produção de Luís da Câmara Cascudo.

Dentre os vários prefácios escritos pelo autor de *Antologia do Folclore Brasileiro* (1944), selecionamos um que serviu para representar o conjunto de textos introdutórios escritos naquela década.

Cartas de Luís da Câmara Cascudo a Ledo Ivo e Carlos Drummond de Andrade

O movimento modernista marcou a história cultural do país ao propor um novo modo de ver e de pensar a arte. O projeto modernista – idealizado por Mário de Andrade e seus pares – tinha como foco o retorno às origens. Também pregava o equilíbrio entre o erudito e o popular, por isso trouxe a público discussões sobre temas pouco explorados, até então, pela Literatura. Um desses temas foi a cultura popular, com suas inúmeras manifestações, dentre as quais se insere a Literatura Popular, incluindo-se nesse registro a também chamada Poesia Matuta.

No Rio Grande do Norte destacaram-se vários escritores, produzindo, especificamente, esse gênero poético. Dentre os que publicaram, alguns poetas despertaram a atenção de Luís da Câmara Cascudo: Zé Praxedi, Newton Navarro e Renato Caldas. Com seu *Fulô do Mato*, este último, poeta popular açuense, tornou-se muito conhecido e publicou, na segunda edição de seu livro, cartas escritas por Luís da Câmara Cascudo e enviadas aos poetas Lêdo Ivo e Carlos Drummond de Andrade. Mais tarde, elas foram transcritas para as edições seguintes da obra a qual se referiam e, a partir de então, foram tomadas como posfácios. Essa trajetória percorrida pela

carta até se transformar em posfácio era, para aquele contexto, uma situação recorrente.

O gênero carta foi, por muitos anos, considerado uma das poucas, quiçá a única forma de estabelecer contato com alguém que estivesse distante do alcance da voz, por isso, escrever cartas fazia parte daquele contexto. Luís da Câmara Cascudo, fazendo as vezes de articulador do movimento modernista no Rio Grande do Norte, usou essa ferramenta de comunicação com o intuito de trocar experiências com pessoas do mundo todo. E foi por esse motivo que, a partir da década de 20 do século XX, o intelectual potiguar passou a se corresponder com pesquisadores, críticos de arte, poetas e escritores, como Gilberto Freyre (cf. FERREIRA, 2008), Joaquim Inojosa (cf. ARAÚJO, 2012) e Mário de Andrade. A troca de cartas entre os pesquisadores da cultura popular se tornou objeto de estudo e está registrado em uma dissertação de mestrado (cf. GOMES, 1999).

A carta – por ser um gênero íntimo e particular – carrega como conteúdo informações que deveriam ser compartilhadas apenas pela pessoa que a enviou/recebeu, mas nem sempre é assim; há registros de correspondências que vieram a público e que se tornaram objeto de estudo de pesquisadores, como é o caso dos prefácios em forma de cartas aqui estudados. Parece-nos estranho tratar de cartas, como prefácios, sem refletirmos antes o porquê de elas terem sido tratadas como tal, haja vista serem gêneros com funções relativamente diferentes.

A partir do ponto de vista já apresentado, entendemos por que as cartas, que fazem referência à obra e guardam informações sobre ela, podem ser consideradas como prefácios.

A busca pelo original também era uma forma de conhecer para preservar a tradição (poesia popular), mas tudo leva a crer que é por causa dessa tradição, e pela necessidade de mantê-la, que Luís da Câmara Cascudo envia as cartas sobre o que se produz no Rio Grande do Norte a seus amigos escritores. Nas cartas, há indícios de que ele era assumidamente um articulador da vida literária local. Fica apenas a

incerteza se, quando escrevia as cartas, ele estava apenas apresentando um amigo a outro, ou se tinha consciência de sua real função.

Acreditamos que os antigos modernistas, para quem o prefaciador escreveu, viam a poesia popular (matuta) como sinônimo de originalidade. A tensão estabelecida entre a tradição e a modernidade estava presente na atualidade de *Fulô do Mato*, pois a obra traz a sensualidade e o humor como temáticas. O ritmo e a musicalidade prendem o leitor dessa obra, como podemos ver em: “TROVA” (CALDAS, 1984, p. 108):

Maria da Cunqueição
Faça uma boa viagem
E leve meu coração
Dentro da sua bagagem.
[...] Maria da Cunqueição
Você fez boa viagem?
Devolve meu coração
Qui foi na sua bagagem.

Ao dissertar sobre o amigo poeta, o prefaciador declara: “Renato é miolo de arueira, não esquecendo ponta de prego que o riscou nem cheiro de flor roçando nas folhas” (CASCUDO, 1984, p. 155). No dizer do escritor, o autor de *Fulô do Mato* era preso à sua história e carregava marcas de suas origens, de seu ambiente. O vocabulário utilizado, formado de expressões da cultura popular, denuncia o apego ao dado local, pelo contato direto com a natureza.

Em 18 de agosto de 1945, Luís da Câmara Cascudo, por correspondência, apresenta Renato Caldas a Lêdo Ivo. O escritor da carta assim o anuncia, reiterando na comparação “vivo como um pé de vento”, a imagem de “miolo de arueira” e “cheiro de flor roçando nas folhas”:

[...] tenho toda a alegria em mostrar a você o meu velho camarada e amigo secular Renato Caldas, poeta de letras populares, cheio de verve e de obstinação mental, vivo como um pé de vento (CASCUDO, 1984, p. 155).

Com a certeza de que sua intermediação renderia uma aproximação entre os poetas, o emissor da carta acrescenta: “[...] eu peço para ele sua amizade natural, nos vários planos de coração e de espírito” (CASCUDO, 1984, p.155).

Luís da Câmara Cascudo, por meio de carta, apresenta o poeta popular Renato Caldas a Carlos Drummond de Andrade:

Peço licença para apresentar o meu velho amigo Renato Caldas, poeta, um dos mais conhecidos e amados desse nordeste, **fixador do espírito popular**¹⁵, fornecedor anônimo de imagens que se tornaram folclóricas (CASCUDO, 1984, p.155, grifos nossos).

E, aproveitando o ensejo, convida o autor de *A Rosa do Povo* (1945) para, pessoalmente, conhecer o escritor e a região Nordeste.

Em duas breves missivas, o autor de *Alma Patrícia* apresenta Renato Caldas ao Brasil. Datadas de 18 de agosto de 1945, período no qual o poeta norte-rio-grandense estava lançando uma segunda edição de seu livro *Fulô do Mato*, cujo título remete ao espaço simples, rústico, mas inspirador do poeta. Nas correspondências endereçadas aos poetas Lêdo Ivo e Carlos Drummond de Andrade, constam informações sobre a personalidade do poeta açuense, bem como sobre sua obra, a qual Luís da Câmara Cascudo define como sendo representativa das “letras populares”. O prefaciador não poupa elogios ao amigo e afirma que ele “É um modelo da força espontânea e clara dessa região¹⁶ [...]” (CASCUDO, 1984, p. 156).

As reflexões aqui postas não nos conduziram a conclusões, mas a outras questões e inquietações para serem pensadas em estudos futuros. Se o projeto

¹⁵ Expressões semelhantes a essas são utilizadas por Luís da Câmara Cascudo ao se referir ao poeta Jorge Fernandes, o conhecido depoimento (posfácio) também foi analisado no Capítulo III desta Tese: “Fornecedor geral dos temas, Jorge mantém a mesma originalidade dos primeiros pulos”; “Jorge é intuitivo. Ou melhor, instintivo. Presente o melhor meio de expressão. Corrige-se. Tem muito de orgulho brasileiro” (CASCUDO, 1986, p. III-IV).

¹⁶ A terminologia utilizada, mais uma vez, se aproxima das palavras selecionadas pelo prefaciador para definir o poeta Jorge Fernandes e seu *Livro de Poemas*. “Jorge Fernandes é uma linda expressão intelectual do Brasil novo. Novo para qualquer extensão de vocábulo. Há em seu espírito originalidade natural” (CASCUDO, 1986, p. VI).

modernista tinha como foco pesquisas sobre as manifestações legítimas e originais, isto é, conhecer para descobrir as tradições, é provável que tenha sido esse o motivo que estimulou Luís da Câmara Cascudo a enviar as cartas-prefácios a seus amigos poetas. Poderíamos supor que a obra *Fulô do Mato* seria uma legítima representante da poesia matuta, dessa modalidade de literatura, desse jeito de fazer poesia, que se renovou agregando-se ao programa modernista do início do século XX.

Estamos propensos a acreditar que ao enviar as cartas para Lêdo Ivo e Carlos Drummond de Andrade, em 1945, estaria Luís da Câmara Cascudo buscando atualizar a discussão iniciada na década de 20, por Mário de Andrade, sobre cultura popular. Poderíamos pensar assim porque ele escreve sobre a obra em agosto de 1945, isto é, poucos meses depois do falecimento de Mário de Andrade. Talvez em uma tentativa de estabelecer com Drummond o mesmo diálogo travado com o escritor de *Pauliceia Desvairada* (1922) sobre questões da literatura e cultura popular.

No âmbito dos interesses cascudianos dos anos de 1940, revelados nos títulos dos livros que publicou nessa década, a poesia de Renato Caldas atraiu a sua atenção, muito provavelmente, por sua relação com a oralidade. Sabe-se, inclusive, que o poeta era um declamador, com alto nível performático.

Apesar de não omitir opinião baseada na análise do texto, Luís da Câmara Cascudo avaliou e recomendou o livro *Fulô do Mato* “Renato vai publicar o livro dele, a segunda edição, segunda encarnação, mais gorda, ágil e sacudida” (CASCUDO, 1984, p. 155), tendo como parâmetro expectativas contextualizadas naquele momento: a valorização do vínculo entre poesia popular e folclore. Nessa situação, a atitude do prefaciador denuncia o desejo de fazer emergir, pela leitura de poetas já canônicos, uma produção considerada marginal no sistema literário brasileiro.

3.2 1950-1980: o prefácio pela via da memória

O Arado, de Zila Mamede (1959)

Nas notas ao livro *O Arado*, de Zila Mamede, o prefaciador Luís da Câmara Cascudo recorre mais uma vez ao recurso da epígrafe (impactante) em língua estrangeira:

Nous avons tenu la charrue
avec assezd'honneur
et conquis le terroir
avec cet instrument

Mistral

Desta vez ele cita Frédéric Mistral (1830-1914), o poeta francês que publicou *Mireia* (1859) e foi o ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1904:

Frédéric Mistral guardava o refrão da cantiga de trabalho, entoado nos trigais da Camargue e do Crau, levando o lento arado no passo remorado dos bois. Era até certo ponto, cantiga de guerra e de domínio, porque conquistara a terra daquele modo, tornando-a fecunda na multiplicação consciente das sementes, fazendo passar e repassar a força grave do arado, velho de milênios (CASCUDO, 2003, p. 123).

Em tradução livre o trecho da obra de Mistral utilizado por Luís da Câmara Cascudo como abertura da nota, ou seja, como epígrafe, informa: “Temos mantido o arado com honra suficiente para conquistar a terra com este instrumento”.

O refrão retirado, segundo o prefaciador, de uma cantiga de trabalho pode estar relacionado à tradição, tendo em vista que a produção poética do escritor francês remete ao ambiente natural, ou seja, ao campo, e desse modo pode ser considerada original, autêntica, voltada para a vida simples do trabalho; eis a relação com a obra *O*

Arado, que o ensaísta está tentando apresentar ao leitor. Ele foi buscar na literatura francesa, já consagrada na tradição ocidental, estabelecer relação entre a poesia produzida por Zila Mamede com a de Frédéric Mistral, que era considerada original, pois foi escrita na língua provençal, segundo consta nos manuais da Literatura Universal, “primeira língua literária da Europa civilizada”.

A referência “[...] fazendo passar e repassar a força grave do arado, **velho de milênios**”. (CASCUDO, 2003, p. 123, grifos nossos) está ancorada na tradição literária, que assim como o arado se mantém. A expressão “lento arado” pode representar a vagareza do tempo passado, pode também evidenciar a resiliência da tradição que assim como o arado – secular e lento – perpassa e permanece na memória e na poesia. A representação do instrumento para preparar a terra remete ao trabalho artesanal, ao modo natural de fazer as coisas, seja cuidar do chão, seja fazer poesia.

A leitura da obra de Mamede revela a profundidade de seus poemas e mostra que escolha da escritora pela temática da natureza já havia sido feita por outros poetas, mas, ao invés de compará-la com qualquer um, Luís da Câmara Cascudo foi buscar na tradição francesa os nomes de Frédéric Mistral e Francis Jammes para fazer paralelo com Zila Mamede. Ao estabelecer a relação da poesia potiguar com a Literatura de Tradição francesa, observamos, ao que parece, o desejo do prefaciador de inserir a poetisa na literatura universal.

A simplicidade e a beleza da vida no campo, dos escritores franceses, são substituídas, por Mamede, pelo chão do sertão, local onde ela se formou poeta. O advérbio de lugar “Aqui”, no terceiro parágrafo do texto, demarca o *lócus*, ou seja, o chão de Zila Mamede, que é também o do prefaciador, como bem aponta e anuncia o livro prefaciado *O Arado*, o qual, segundo Luís da Câmara Cascudo, deu margem para ser assim comparado: “Aqui, como nos antigos poemas de Francis Jammes, o lavrador evoca o mistério augusto da fecundação e mobiliza as forças dispersas do lirismo telúrico” (CASCUDO, 2003, p. 123).

Sobre o livro, o prefaciador esclarece em seu prólogo: “Todos os poemas nasceram no chão sagrado, com chuva do céu e suor dos rostos vigilantes, surgidos na

inspiração provocadora de uma inegável vivência emocional” (CASCUDO, 2003, p. 123).

O prefaciador explica em que circunstância o livro foi escrito:

A moça da cidade, do rio e do mar, foi seduzida pelo silêncio das searas, a labutado amanhecer, os bois adormecidos, o cavalo branco abandonado, as visões avoengas da casa-grande, plantada no meio do mundo vegetal e resistindo na perpetuação dos invernos e das esperanças (CASCUDO, 2003, p. 123).

Os vocábulos “resistindo” e “perpetuação”, ambos no quarto parágrafo, comungam e reiteram a temática da memória e da tradição confirmadas na expressão “as visões avoengas da casa-grande”. O vocábulo “avoengas”, relacionado a avô/avó reforça a argumentação do ensaísta.

Luís da Câmara Cascudo considera Mamede como a escritora de “versos votivos”, que faz referência a antepassados, ou a avô, ou seja, são versos “herdados”, isso explicaria o fato de Mamede ter dedicado à obra *O Arado* a seu avô: “A meu avô Caçote” (MAMEDE, 2003, p.122), ele chama a atenção para a escolha temática do livro: “ZILA MAMEDE sentiu a voz irresistível da terra, chão de trabalho anônimo onde vivem os *marujos sem mar* dos campos semeados, e encheu-se de versos votivos em louvor do esforço antepassado”(CASCUDO, 2003, p. 123). Assim como a escritora herdou dos avós o gosto pelo sertão, que estimulou a escrita dos poemas contidos no livro, herdou também a poesia telúrica dos franceses, por isso ele comparou a poesia mamediana com a de escritores como Frédéric Mistral e Francis Jammes, tendo em vista que os referidos poetas são conhecidos por suas temáticas voltadas para a natureza, o rústico, o ambiente original.

A forma verbal “vereis”, que inicia os 6º e 7º parágrafos, soa como um discurso, um convite irrecusável para que o leitor leia o livro *O Arado*.

Em um prefácio relativamente curto, com poucos parágrafos, o prefaciador busca sintetizar suas impressões sobre Zila Mamede e o livro prefaciado:

ZILA MAMEDE, cantadora lírica da cidade, do rio e do mar, restituiu ao seu lirismo o encontro com as fontes sussurrantes da paisagem comovedora. [...] Este livro não é uma experiência e menos um passeio em busca de motivos: é uma viagem legítima ao País do Passado, viagem na quarta dimensão, ressuscitando o Imóvel no fundo da lembrança (CASCUDO, 2003, p. 124).

Ao longo da trajetória da Tese observamos, ao ler os prefácios, que há vários destes textos que fazem intertextualidade com obras da Literatura Brasileira e universal e que o prefaciador, na tentativa de formar uma tradição, compara os escritores prefaciados por ele com outros que já são canônicos. Um dos autores mais citados por ele é o francês Michel de Montaigne (1533-1592), considerado o inventor do gênero ensaio, que é muito referenciado nos prefácios. Isso mostra a afinidade entre o pensamento de Luís da Câmara Cascudo e dos pensadores e escritores franceses. Essa proximidade revela o gosto do ensaísta potiguar pela literatura francesa, sinônimo de eruditismo, refinamento e de tradição.

Carta-Prefácio de Luís da Câmara Cascudo para Severino Bezerra

O livro *Para errar menos: conversa com estudantes* (1963), escrito pelo professor Severino Bezerra de Melo, trata da relevância da língua portuguesa e do ensino, seja da língua, seja da literatura.

No texto introdutório à obra, Luís da Câmara Cascudo discute sobre o assunto e apresenta sugestões de como seria, na sua opinião, uma boa aula. Apesar dos posicionamentos conservadores do autor e do prefaciador sobre o ensino de literatura, faz-se relevante destacar a atualidade temática do prefácio em referências como “aparelhagem didática” e “[...] ensino claro, despido das sonoras armadilhas do manejo clássico [...]” (CASCUDO, 1963, p. 9).

O prefaciador expõe um perfil ideal de professor espelhado em seus antigos mestres que, segundo ele, “foram as glórias do magistério”, além de descrever a língua

portuguesa como sendo: “um desses mundos imediatos e desconhecidos” (CASCUDO, 1963, p. 9), cuja literatura se constitui de forma simples e prática, conforme a escrita do português Frei Luís de Sousa e do brasileiro Machado de Assis. Nesta direção, o prefácio revela um conceito de tradição sobre o qual se baseia o discurso em questão e uma prática valorizadora do trabalho direto com o texto literário.

A terminologia utilizada por Luís da Câmara Cascudo mostra que ele estava inteirado sobre o problema e concorda que a metodologia inadequada dificultava e tornava problemática a aprendizagem da língua. O interesse na leitura do referido prefácio vem da constatação de que a realidade sobre a qual opina o autor permanece como um problema na atualidade.

O prefácio à obra *Para errar menos: conversa com estudantes* (1963), revela, já em seu primeiro parágrafo, uma constatação feita pelo prefaciador: “Tenho a impressão de saber relativamente bem algumas coisas e candidamente ignorar outras” (CASCUDO, 1963, p. 9). Ainda no mesmo parágrafo, Luís da Câmara Cascudo faz a seguinte afirmação: “Um desses mundos imediatos e desconhecidos é justamente o idioma que falo, do nascimento, e escrevo há quase sessenta anos” (CASCUDO, 1963, p. 9).

Ao concluir a leitura desse trecho do prefácio escrito por Luís da Câmara Cascudo, a impressão que se tem é a de que ele estaria se colocando em situação de igualdade com o leitor do livro, ou ainda, que ao revelar esse “desconhecimento” acerca de seu idioma, em relação à sua língua mãe, ele se põe como igual. Mas, não fica claro se o prefaciador estava fazendo uma revelação, ou estaria apenas sendo cordial.

Sendo escritor desde muito jovem, é ingenuidade acreditar na falta de traquejo do prefaciador para com a língua portuguesa, tendo em vista que ele já havia escrito até aquele momento, 1963, cerca de 40 obras, em português – sem citar aquelas que traduziu para nosso idioma – o que nos possibilita pensar que as suas afirmações, nesse sentido, são meramente ilustrativas.

Luís da Câmara Cascudo desfaz essa aparente fragilidade em relação ao português e expõe a sua experiência como usuário da língua: “Vivendo com os livros,

viajando pelo mundo, convivendo sempre, surpreende-me a diversidade de nossa linguagem [...]” (CASCUDO, 1963, p. 9). Essa intimidade com a língua, essa relação estreita com a linguagem, o credenciam para se posicionar sobre ambas de um ponto de vista amplo e sobre o seu conjunto de regras: “[...] surpreende-me a diversidade de nossa linguagem, não na expressão de sua prosódia, mas na parte regulamentar de suas regras, começando pela simples regência” (CASCUDO, 1963, p. 9). Essa afirmação reforça a tese de que ele era, de fato, um profundo conhecedor de sua língua.

O prefaciador faz uma espécie de diagnóstico da situação da língua portuguesa pelo mundo. Para tanto, apresenta um panorama mostrando a posição ocupada pelo idioma fora do Brasil, evidenciando o “mundo” que fala português, recorrendo à geografia e à matemática para argumentar com dados quantitativos:

Seremos presentemente 100.000.000 de vozes falando o português. Numa distância de apenas três meses, tenho no ouvido a sonoridade do português em Portugal e nas províncias Ultramarinas, o português de Moçambique, de Angola, do Congo, de Cabinda, de S. Tomé, da Guiné, [...] ¹⁷ (CASCUDO, 1963, p. 9).

Cita, ainda, a diversidade dos falantes da língua: “[...] a sonoridade do português [...] de brancos e de pretos, analfabetos e letrados” (CASCUDO, 1963, p. 9). Essa diversidade observada pelo escritor e a variação no idioma denunciam, de forma clara, a existência de expressões linguísticas distintas, classificadas pela nacionalidade, classe social e nível de escolaridade.

Demonstrando preocupação em relação ao funcionamento da língua, Luís da Câmara Cascudo afirma e propõe: “Convenço-me da eternidade da língua e também da inevitável necessidade de uma reforma, [...]” (CASCUDO, 1963, p. 9). Essa noção de

¹⁷ Em 1963 Luís da Câmara Cascudo viajou para a África para fazer uma pesquisa sobre alimentação encomendada por Assis Chateaubriand. Durante três meses ele permaneceu em solo africano e como resultado de suas observações o escritor publicou livros, dentre os quais: *Made in África* (1965) e *História da alimentação no Brasil* (1968). O período de viagem à África permitiu ao autor conhecer diferentes pessoas que participam e contribuíram para a realização da pesquisa, dentre eles médicos, professores, linguistas e o etnógrafo de Luanda Oscar Ribas.

“eternidade da língua”, nas palavras do prefaciador, representa o seu pensamento sobre o fenômeno linguístico e sobre a cultura, tendo em vista que a eternidade pode ser entendida como a tradição que se renova de acordo com a necessidade.

Além da reforma, necessária aos seus olhos, ele propõe também que a língua atinja “[...] áreas demarcadas de influência, pondo as leis do idioma ao alcance da lógica, aproximando as normas da linguística no tempo alucinante em que vivemos” (CASCUDO, 1963, p. 9). Essa proposição do escritor, do texto que está sendo analisado, mostra que seu pensamento estava em consonância com o pensamento moderno sobre a língua, tendo em vista ser a linguística uma ciência moderna, por assim dizer, que surgiu na Europa e chegou ao Brasil em meados do século XX, para discutir e investigar as questões da linguagem até então pouco conhecidas.

O prefaciador se vale de suas memórias para traçar o perfil de seus antigos mestres, que, já naquela época, “[...] lamentavam o abandono coletivo da higiene vocabular, das bases elementares da sintaxe, acusando a complicada aparelhagem didática como responsável pelo juvenil desamor” (CASCUDO, 1963, p. 9-10). Essa crise do ensino pode ter sido ocasionada pela metodologia que não atendia mais à demanda dos jovens daquele tempo. O escritor do prefácio faz referência ao “[...] tempo alucinante em que vivemos” (CASCUDO, 1963, p. 9). Tal comentário nos possibilita observar que aquele tempo é reiterado pelo prefaciador como moderno¹⁸, propenso a mudanças, por isso a necessidade vital da reforma na língua. Mas não apenas isso. Era preciso, também, repensar as formas de como ensiná-la.

Conforme orientam os princípios básicos dos *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio* (1999), o aparato metodológico deve considerar os diversos gêneros do cotidiano, tendo o texto como eixo central, além de não poder ignorar o caráter sócio-interacionista da linguagem verbal. Neste sentido, entendemos que a literatura precisa se fazer presente nas aulas de leitura e elas devem ter como suporte básico o texto literário. Essa recomendação, especialmente essa linha de raciocínio,

¹⁸ cf. neste sentido, o estudo de Ferreira (2008).

que interpretamos como presente nos *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio* (1999), está em consonância com o pensamento do estudioso Antonio Candido (2005), quando afirma que o texto literário apresenta dois aspectos básicos:

a) acessório

b) essencial

O primeiro é a sua realidade material (aspecto, papel, caligrafia, tipo, estado do texto etc.), mais a sua história (por quem, como, onde, quando, em que condições foi escrito). É, por assim dizer, o corpo da obra literária e a história deste corpo. (CANDIDO, 2005, p. 13).

O crítico literário sugere que sempre se deve levar em conta os aspectos que estão envolvidos no contexto do estudo do texto literário e lembra, também, de que cada um tem sua função: “O estudioso de literatura visa essencialmente ao conhecimento e análise do texto literário” (CANDIDO, 2005, p. 13).

Luís da Câmara Cascudo também dialogaria com o que preconizam os *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio*, quando diz que a literatura se constitui de forma simples e prática, conforme a escrita de autores que já estão no cânone, tanto no Brasil quanto em Portugal: “o ensino claro [...] possibilitando um estilo natural e nobre, como o do português Frei Luís de Sousa ou do brasileiro Machado de Assis” (CASCUDO, 1963, p. 10).

O ensino/estudo do texto, visto a partir dessa perspectiva sugerida pelo prefaciador, pode ser considerado problemático, na prática, quando se sabe que “Muitas discussões existem sobre a inserção da leitura literária na escola, mas o grande desafio de tais reflexões ainda é fornecer subsídios teóricos e metodológicos para auxiliar a prática pedagógica dos professores” (MARTINS, 2006, p. 82).

Para o autor do prefácio, é no texto literário, isto é, na literatura, “onde a simplicidade é riqueza e a naturalidade elegância do bom gosto legítimo” (CASCUDO, 1963, p. 10). Essa atitude de Luís da Câmara Cascudo pode estar pautada em sua vivência e experiência como leitor de literatura, mas, mesmo apresentando um posicionamento conservador sobre o ensino dessa matéria, é explicável a partir da

seguinte constatação de Regina Zilberman sobre o processo histórico do ensino no Brasil:

[...] a escola destinava-se sobretudo às elites, se tratava de difundir a língua padrão e a literatura canônica, com a qual se identificavam os frequentadores das salas de aula. Quando se expandiu a escola brasileira, na esteira do processo de modernização da sociedade, [...]. Os novos contingentes não se identificaram com a norma culta e desconheciam a tradição literária [...] (ZILBERMAN, 2009, p. 13-4).

Embora defendendo a tradição no seu aspecto mais conservador, o autor do prefácio que analisamos se mostra possuidor de uma compreensão, pode-se dizer, um tanto avançada e moderna de ensino, sobretudo no que se refere ao ensino da gramática. Ele entendia que coexistiam duas gramáticas – uma primeira que seria, segundo ele a: “*GRAMÁTICA POPULAR*, viva e pelo uso acrescida pela velocidade em que vivemos, cada vez mais ampla e conquistadora, [...]” (CASCUDO, 1963, p. 10). E a outra é a “*GRAMÁTICA* que nos foi ensinada e que capitaliza a experiência secular do bem falar” (CASCUDO, 1963, p. 10, grifos do autor). Essas duas concepções de gramática, apresentadas e conceituadas pelo prefaciador, levam-nos a crer que ele estava inteirado sobre discussões a respeito do ensino da linguagem no Brasil, e podem solidificar a ideia de que o ensaísta conhecia e se interessava pelo assunto em discussão, visto que há, neste aspecto, uma interface com as questões de cultura popular e tradicional pesquisadas por ele ao longo do século XX¹⁹.

Destacamos a percepção de Luís da Câmara Cascudo quando se trata da existência de uma gramática não oficial – a chamada “gramática popular”, que compreende, nas palavras do prefaciador, um conjunto de regras usadas pelo povo, o português “de brancos e de pretos, analfabetos e letrados” (CASCUDO, 1963, p. 9). Essas variantes linguísticas identificadas pelo prefaciador foram demarcadas pelo seu caráter étnico-racial e social.

¹⁹ No *Dicionário Crítico Câmara Cascudo* (SILVA, 2006) esse aspecto se torna evidente e pode ser observado nas análises realizadas a partir da leitura do conjunto da obra cascudiana.

Esse entendimento de Luís da Câmara Cascudo reitera o seu perfil de estudioso, porque somente alguém com vasto conhecimento de mundo, envolvido com a pesquisa, inquieto em relação à sociedade, sensível aos seus problemas, poderia refletir sobre tais questões. O seu posicionamento evidencia, mais uma vez, o caráter complexo da sua visão, pode-se dizer, transdisciplinar. Estaria, portanto, o prefácio registrando e revelando mais uma face do multifacetado escritor.

Ao se reportar ao autor do livro prefaciado, o escritor da carta reitera: “o difícil é localizar o estudante, porque estamos na fase histórica da ciência espontânea e cultura nativa, independentemente das técnicas do cultivo” (CASCUDO, 1963, p. 10). Ao que parece, naquela época, havia uma certa valorização da chamada “ciência espontânea”, crença segundo a qual o conhecimento era adquirido naturalmente, sem o auxílio do ensino formal e sistematizado, e se dava através do contato do ser humano com o mundo, ou seja, era resultado das experiências do cotidiano. A conversa proposta por Severino Bezerra no subtítulo do livro prefaciado revela uma preocupação do autor da obra em estabelecer um diálogo com seus alunos e, ao que parece, essa ideia é partilhada pelo prefaciador ao reafirmar:

Estudantes devem ser aqueles que estudam. Para que esses ERREM MENOS, V. dedica uma conversa que é simplesmente uma delícia de oportunidade, finura intelectual, saber inteligentemente posto ao alcance de todos os olhos desejosos de vê-los (CASCUDO, 1963, p. 10).

Em dado momento, o prefaciador reflete sobre a função da obra prefaciada, a qual, segundo ele, servirá para: “Alinhar o texto comum da redação banal de todos os dias, com a gramática ‘intuitiva’ que sabemos sem ter aprendido, mas ouvindo a doutrina popular e pondo a retificação serena e certa, é o essencial, [...]” (CASCUDO, 1963, p. 10). Lembra também que a obra “atenderá a uma necessidade urgente”. Isso acontecerá, de acordo com o prefaciador, porque é um “livro na classe insubstituível da lição fácil, doce e segura, sem bulha e sem matinada” (CASCUDO, 1963, p. 11).

Luís da Câmara Cascudo finaliza o texto destacando a contribuição dada pelo livro: “PARA ERRAR MENOS evidencia o bom uso, a tradição autêntica da linguagem limpa e natural, eficiente e lógica, sem lembrar os andaimes do edifício, como recomendava Bilac²⁰” (CASCUDO, 1963, p. 11).

No prefácio à obra *Para errar menos: conversa com estudantes* (1963), o discurso prefacial cascudiano nos surpreende com todos esses aspectos e deixa pistas sobre como o intelectual pensava a questão do ensino da linguagem, incluindo-se aí a língua e a literatura.

Ao ler o prefácio, o leitor já descobre que ele está organizado de forma didática: o que é a obra, a quem se destina, qual sua função, isto é, para que e para quem ela servirá. Observamos também que Luís da Câmara Cascudo deixou suas impressões sobre a obra e o assunto por ela tratado. Essa especificidade do prefácio cascudiano nos faz pensar se o prefaciador estaria “ensinando” através dos prefácios. Tem-se a impressão de que o discurso prefacial cascudiano propõe, no paratexto, o ensino da linguagem pela via da literatura, ou ainda que ele estaria usando o gênero literário prefácio para ensinar. Com o estudo da carta-prefácio aprendemos que o olhar de Cascudo estava aguçado para questões relacionadas ao ensino/estudo da linguagem e que, mesmo suas concepções estando condicionadas ao conservadorismo, não o impediram de ter um posicionamento relativamente avançado sobre a questão, o que nos leva a crer que essa é mais uma área do conhecimento que se insere na sua visão transdisciplinar e complexa.

Os textos ora estudados representam uma pequena fatia em relação ao conjunto de onde foi retirado o *corpus*. Pesquisas futuras deverão surgir para continuar descobrindo o rico universo que se oculta na simplicidade do gênero prefácio.

²⁰ Sobre essa temática leia-se LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1982.

A AUTORIA NOS PREFÁCIOS DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

4 A AUTORIA NOS PREFÁCIOS DE LUÍS DA CÂMARA CASCU DO

Todos os volumes que tenho publicado a partir de 1939 estudam gêneros da Literatura Oral, poesia, contos, mitos, lendas, com bibliografia, classificação e sentido de sistematização.

Luís da Câmara Cascudo
(Prefácio de *Literatura Oral no Brasil*)

4.1 Marcas do ser autoral em prefácios cascudianos

Refletir e dissertar sobre autoria em prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo é uma atitude, no mínimo, desafiadora.

Sobre o autor em estudo trata-se de um escritor consagrado pela crítica e que deu grande contribuição para o fortalecimento da cultura do Brasil, realizando pesquisas de grande importância lítero-histórico-cultural. Mas afinal, quem é Luís da Câmara Cascudo? A nossa pesquisa confirmou – em conversas informais com amigos, ex-alunos e familiares – que ele era um homem simples e de hábitos curiosos – como dormir pouco à noite e durante o dia receber as pessoas, quase sempre, de pijama – e que não abria mão de seus gostos (nunca aceitou morar em outra cidade, no caso Rio de Janeiro, por isso não entrou para a Academia Brasileira de Letras), não era um deslumbrado, mas tinha ciência de seu papel de “catador de informações”, pois buscava incansavelmente registrar tudo o que conseguia coletar.

Quanto ao seu estilo de escrita, possui um discurso prefacial erudito e inconfundível, pois buscava deixar o registro de sua passagem pelo texto prefaciado. Como era um leitor experiente, provocava o leitor com declarações surpreendentes, era ponderado e cuidadoso com seus prefaciados, sendo por vezes muito elegante ao tecer considerações que poderiam desqualificar e/ou prejudicar o texto do outro. Fazendo o

uso da primeira pessoa do discurso, registra fatos, situações, etc. O eruditismo, que revela certo rebuscamento na linguagem, ao que parece era exercitado de forma proposital como a confirmar que “o ser autoral se impõe pela palavra”.

Ao ler os prefácios, nos deparamos com um leitor metuculoso, cuidadoso, detalhista, etc, que analisa criteriosamente a obra prefaciada (quando lhe convém), se mostrando um conhecedor, um leitor crítico, ativo e experiente, que discute acerca de aspectos presentes em sua obra e que abordava temas variados com destaque para com o registro do local, as temáticas relacionadas à memória, sobre a importância da formação da tradição e ao final de suas reflexões ainda assina e data os textos para comprovar que “todo escritor é um homem de seu tempo e seu espaço” como afirmara um dia Machado de Assis.

Luís da Câmara Cascudo prefaciador de *Alma Patrícia*

Em julho de 1921, o jovem intelectual potiguar Luís da Câmara Cascudo publicou aquela que seria a sua primeira obra: *Alma Patrícia*. Essa estreia marca a sua inserção no campo da literatura e ocorre simultaneamente com as atividades de crítico literário e prefaciador.

Sobre esse livro destaca Ferreira (2000, p. 23), em sua dissertação intitulada *Modernismo e tradição: leitura da produção de Câmara Cascudo nos anos 20*:

Esse livro terá, para o pensamento intelectual da província, àquela altura, a função de sistematizador da atividade artístico-literária. Ao mesmo tempo, a singularidade desse livro deve-se ao fato de ele fazer sozinho e de forma tardia, no estado e em relação à literatura local [...].

O pesquisador destaca ainda aspectos que precisam ser observados para compreender a relevância desse livro para aquele contexto e argumenta que isso se devia a diversos fatores, dentre os quais elenca:

[...] o livro **Alma Patrícia** tem uma significação essencial e primeira, pois é expressão do relativo estado de agitação cultural ocorrido durante a década de 20 no Rio Grande do Norte. É no contexto esboçado no referido livro que o seu autor começa a se destacar no cenário cultural como principal líder daquele momento (FERREIRA, 2000, p. 24, grifos do autor).

“Em vez de prefácio²¹” foi o título escolhido pelo escritor para o seu primeiro prólogo, que inicia com uma epígrafe de São Francisco de Sales, convidando o leitor, através de um forte apelo, para que leia o texto: “Amigo leitor, peço-te que leias esta Prefação, para a tua satisfação, e minha” (CASCUDO, 1991, p. 7). O tom imperativo da epígrafe é disfarçado pela escolha lexical dos demais termos que compõem o período, mas isso não impede que os leitores mais atentos percebam essa estratégia do autor-prefaciador, cuja habilidade com as palavras já se tornava evidente a partir de seu primeiro próêmio. Ao se referir ao leitor como “Amigo leitor”, o prefaciador busca estabelecer uma cumplicidade, uma espécie de parceria para que, assim, possa persuadi-lo, convencê-lo sobre o que quiser.

Mas essa conversa entre “amigos”, proposta pelo autor do prólogo, logo desdiz algo dito por ele no título do texto “Em vez de prefácio”, atribuído inicialmente, quando se dirige sem meias palavras: “[...] peço que leias esta Prefação [...]” (CASCUDO, 1991, p. 7). Paradoxalmente ao que está exposto no título do texto introdutório, o convite feito ao leitor pode levá-lo a pensar em porque ele deveria ler um texto no qual seu autor afirma ser uma coisa e em seguida diz o contrário.

Além dessa ordem, que é evidenciada pelo uso do verbo no imperativo “leias”, na oração “[...] peço que leias esta Prefação [...]” o prefaciador argumenta usando as

²¹ Sobre o prefácio de *Alma Patrícia* o pesquisador faz o seguinte comentário: “É no prefácio do livro, intitulado de “Em vez de prefácio”, que se encontram as indicações do caráter amenizador do discurso da obra, como também é lá que o autor mostra todo o seu potencial de “pretensão” crítico literário. De certa maneira, parece ser neste espaço reservado à especulação das atitudes do autor, tomadas durante a feitura da obra, que existem realmente indicações de uma postura crítica, pois é aí que o nosso escritor especifica o procedimento por ele adotado: fazer crítica *impressionista e admirativa*” (FERREIRA, 2000, p. 23).

palavras do autor da epígrafe: “para tua satisfação, e minha” (CASCUDO, 1991, p. 7). Esse pedido quase divino, pois foi feito por um santo, provoca no leitor um sentimento de curiosidade em relação à leitura do prefácio e revela a estratégia utilizada por Luís da Câmara Cascudo para convencer o leitor da necessidade, da relevância, e por que não dizer da sua obrigação, de ler o prólogo, quer seja assim chamado, ou não. Dessa forma, fica claro que o futuro autor de *Rede de dormir* (1957) usa um argumento de autoridade inquestionável, isto é, as palavras de um santo para envolver o leitor e persuadi-lo quanto ao que será dito em seguida no corpo do prefácio.

O diálogo estabelecido com o leitor, presumimos, católico, já na epígrafe, é mantido no início do texto: “Dado o tempo em que entreguei este livro no prelo, **podias leitor**, esperar trabalho seguro e sem jaça” (CASCUDO, 1991, p. 7, grifos nossos). O prefaciador apela para a sensibilidade do leitor, justifica o atraso na publicação e os problemas que o livro apresenta. Ao se reportar diretamente ao leitor, o prefaciador se desculpa, pede a sua compreensão, se isenta da responsabilidade e ainda apresenta sua criação. Logo, alguém que não tinha a pretensão de ler o livro, ao se deparar com o chamamento do discurso prefacial cascudiano, certamente, se sentirá seduzido a ler a obra.

O autor justifica a escritura do livro chamando a atenção para o fato de não haver, ainda, naquele momento, no Rio Grande do Norte, um livro de crítica literária e com certo ar de provocação indaga: “Esse livro vai preencher a lacuna? De certo não” (CASCUDO, 1991, p. 7), e apesar de ele afirmar que a obra não irá dar conta da discussão, mantém o mesmo discurso para o leitor permanecer preso à leitura da obra. O escritor declara que não há novidades no livro e dá a entender que apenas reuniu textos já escritos por ele, os quais ainda não haviam sido publicados: “Demorando uns a outros, fui reunindo as minhas velhas opiniões sobre os poetas e jornalistas do pequeno Estado” (CASCUDO, 1991, p. 7). É importante lembrar que, se não havia uma obra de crítica, provavelmente, é porque não havia uma produção sistematizada, pois a necessidade de emitir juízo de valor nasce a partir do momento em que existe uma produção e ela precisa ser apreciada criticamente, e é daí que surge a tradição literária.

O intelectual informa ao leitor que o livro é de crítica literária e que está quitando uma dívida com a sociedade norte-rio-grandense: “Agora, que a vida se me aquieta, lanço-o à rua, fria e conscientemente, com o ar meio compungido de quem paga dívidas atrasadas e vultosas” (CASCUDO, 1991, p. 7).

Luís da Câmara Cascudo explica também a origem da obra. Segundo ele, a ideia surgiu três anos antes em uma conversa entre ele e um amigo poeta:

Em 1918, Murillo Aranha e eu resolvemos publicar um livro de crítica, de impressão paciente e forte à vida intelectual do Rio Grande do Norte. Com a facilidade dos trabalhos projetados, estendemos a ideia a um verdadeiro inquérito aos mortos e aos vivos (CASCUDO, 1991, p. 7).

A empreitada idealizada pelos escritores não se concretizou, porque Murillo Aranha²² (1890-1919) faleceu um ano depois de eles terem estabelecido a parceria e planejado a realização do livro. O projeto original sofreu algumas modificações e a pesquisa, que a princípio seria feita por ambos, acabou ficando a cargo de Luís da Câmara Cascudo.

A respeito da construção do livro, observamos como se deu o processo de feitura e algo nos provocou curiosidade: “[...] fui reunindo **as minhas velhas opiniões** sobre os poetas e jornalistas do pequeno Estado” (CASCUDO, 1991, p. 8, grifos nossos). Essa declaração do autor do prólogo nos possibilita refletir acerca de suas colocações, tentar entender por que ele as considerava velhas, se naquele período (1918-1919) Luís da Câmara Cascudo tinha apenas 20 anos de idade, e pensar em quando ele teria escrito esse material, por que não havia publicado antes e a partir de que momento ele idealizou a obra *Alma Patrícia*.

²² Murillo Aranha é um dos dezoito poetas citados por Luís da Câmara Cascudo em *Alma Patrícia* (1921). Sobre ele tem-se a seguinte nota: “Quando escrevi este ensaio, Murillo estava na posse de seu vigor e de sua intelectualidade. Indo para o Rio recebi a notícia cruelíssima de sua morte. Laços de estima, e de amizade antiga, ligavam-me ao infeliz poeta. Não quero alterar o que escrevi quando ele vivia. Deixo pois ficar as emoções, como as senti” (CASCUDO, 1991, p. 150). O referido ensaio ocupa as páginas 150-161 do livro.

Ao fazer uso da expressão **velhas opiniões** é como se o autor-prefaciador quisesse ostentar uma certa credibilidade para que o leitor pensasse que ele já era um crítico literário experiente. Os termos selecionados pelo prefaciador podem denotar certo sentimento de superioridade pelo fato de já ter ele formulado essas opiniões anteriormente, por isso, não afirma “fui escrevendo” e sim “fui reunindo”, ou seja, queria dar a entender que já estava com tudo escrito.

Sobre essa discussão, nos reportamos a Adorno (2003, p. 17), ao tratar do ensaio enquanto gênero:

Ele não começa com Adão e Eva, mas com aquilo sobre o que deseja falar; diz o que a respeito lhe ocorre e termina onde sente ter chegado ao fim [...] Seus conceitos não são construídos a partir de um princípio primeiro, nem convergem para um fim último.

Conforme exposto no fragmento, as palavras e o pensamento do crítico reafirmam que o ensaio é construído a partir do que já existe, ou seja, o próprio texto literário, considerando-o, pois, como sendo um gênero que está inserido em uma tradição e tem como função dar-lhe continuidade. Logo, podemos deduzir que o autor de *Joio* poderia estar dialogando com outros escritores que já haviam discutido, pensado e/ou refletido sobre isso.

O autor de *Alma Patrícia* declara, ao final do prólogo, que o seu livro não é de crítica e se for ela será “impressionista e admirativa”. Ele tenta passar a ideia de que o livro não é tão importante assim e que esse caráter/natureza de livro de crítica é apenas um rótulo. Percebemos que ele se contradiz em determinado momento, quando se assume crítico literário, ao admitir ter escrito um ensaio sobre Segundo Wanderley (1860-1909).

Concordamos que, em alguns casos, ele fez, de fato, uma crítica impressionista e admirativa, pois não partia da análise do texto e sim de suas impressões pessoais, e com base nestas se sentiu no dever de valorizar o que se produzia no Rio Grande do Norte, muito embora esse material de cunho poético e literário não possuísse o “valor

estético” necessário para ser reconhecido e aclamado pela crítica literária nacional oficializada e instituída.

Ao analisar o próêmio de *Alma Patrícia*, constatamos que, de fato, há na obra momentos nos quais a crítica é meramente impressionista, mas há outros em que percebemos, pelo discurso prefacial e pela forma como se apresentam os exercícios de leitura, dignos de um crítico literário nos moldes ditos como tradicionais, análises capazes de mostrar com propriedade o valor estético-literário do texto.

Diante das reflexões, provocadas pela leitura da obra e pela análise de seu prefácio, é impossível não nos perguntarmos como foi a recepção de *Alma Patrícia* pela crítica daquela época. E a resposta não provocou nenhum suspense e chega a ser um tanto previsível: a crítica recebeu muito bem a obra, a qual se tornou alvo de vários comentários elogiosos, conforme registra Araújo (2006, p. 147) no *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*:

Com o subtítulo de ‘Páginas de Literatura e Crítica’, *Joio* traz nas suas páginas finais vários “Excertos da Crítica sobre *Alma Patrícia*”. De João Ribeiro ao Conde Affonso Celso, de Rocha Pombo a José Américo de Almeida, do argentino Luís Emílio Sotto ao Conde d’Eu, todos elogiaram o *mérito* do primeiro livro de Luís da Câmara Cascudo.

A citação de Araújo (2006, p. 147), evidencia a opinião de literatos e críticos sobre o primeiro livro de Luís da Câmara Cascudo. Além de críticos e escritores, a imprensa brasileira também registrou a sua impressão sobre a obra:

O livro de Luís da Câmara Cascudo é um repositório precioso relativo ao movimento poético do seu Estado. E como é escrito com vivacidade e inteligência constitui uma leitura que informa e deleita ao mesmo tempo. *Revista do Brasil* (CASCUDO, 1924, p. VI).

Ao expor a sua opinião sobre *Alma Patrícia*, *A Revista do Brasil*²³, uma importante revista de arte e cultura da época, reforça a opinião da crítica e deixa claro o quanto a obra agradou e atendeu às expectativas dos leitores. A atitude positiva representada nas palavras do periódico mostra quão bem avaliado foi o livro cascudiano.

Poder-se-ia dizer que *Alma Patrícia* norteia, de certa forma, a leitura dos prefácios da obra cascudiana, especificamente, pois mesmo sendo um livro escrito quando o seu autor era jovem, fornece informações cruciais para o entendimento do conjunto de paratextos do escritor de *História da Cidade do Natal* (1947). Vale salientar, ainda, que ele escreveu sua obra inaugural antes de o movimento modernista ser difundido no Brasil, o que leva a crer que o censo de preservação do patrimônio cultural local já existia em Luís da Câmara Cascudo, como um fato anterior ao intercâmbio com os intelectuais modernistas.

O autor-prefaciador esclarece para o leitor que o gênero ensaio, que tradicionalmente é adotado nos casos em que se escreve crítica literária, não foi o escolhido por ele e que, apenas quando tratou do escritor Segundo Wanderley, fez uso do gênero próprio para a situação: “De todos os trabalhos enfeixados, apenas ‘Segundo Wanderley’ é escrito no molde em que plasmarei, de futuro, um razoável livro de crítica” (CASCUDO, 1991, p. 7).

Para Adorno (2003), o ensaio é um gênero que permite uma mediação entre ciência e literatura, por isso pode apresentar um caráter dialético (objetivo e subjetivo). Essa capacidade de se adequar, de se apropriar da experiência individual e coletiva, pode ser o critério utilizado pelos prefaciadores ao elegerem o ensaio como espaço para o exercício da crítica literária.

²³ Fundada em 1916, em São Paulo, por Júlio Mesquita, esse periódico literário serviu como um espaço de discussões entre conservadores e modernistas. Entre os seus colaboradores estão intelectuais como Monteiro Lobato, Olavo Bilac, Mário de Andrade, Graciliano Ramos e Luís da Câmara Cascudo, tendo publicado o seguinte texto sobre Folclore: “Lycantropia sertaneja”. São Paulo: *Revista do Brasil*, 1923. LUCA, Tânia Regina de. *Leituras, projetos e (re)revista(s) do Brasil*. São Paulo; editora UNESP, 2012.

Ao ler o trabalho que principia o conjunto da obra desse intelectual, indagamos se nesse período Luís da Câmara Cascudo já tinha consciência de seu papel de crítico. Ao que parece sim, pois ele deixava pistas nas entrelinhas de seus escritos de que tinha noção de que estava construindo um legado às futuras gerações. E demonstra isso ao citar o gênero específico para o exercício do ofício de crítico literário e admite já ter usado esse recurso ao escrever o ensaio sobre Segundo Wanderley.

A leitura do prefácio de *Alma Patrícia* possibilita-nos observar que, ao publicar a sua primeira obra, o escritor de *Made in África* (1965) já demonstrava ser um leitor experiente, que se destacava pela retórica eloquente e pela linguagem erudita, e mais, permite-nos, ainda, ver a preocupação de seu autor em historiar e sistematizar os achados de pesquisa e, desse modo, criar e/ou inaugurar uma tradição literária e crítica no Rio Grande do Norte. E a obra citada se destaca pela sua capacidade de reunir nomes de intelectuais potiguares que, reconhecidamente, são responsáveis pela construção de uma literatura produzida especificamente neste estado.

Luís da Câmara Cascudo deixou, já em seu primeiro prólogo, indícios de que, mesmo sendo um leitor relativamente jovem, era experiente e o seu discurso prefacial é demarcado pela retórica e pela linguagem culta. Tomando como referência as atitudes e declarações do autor de *Geografia dos Mitos Brasileiros* (1947), observamos que ele já se interessava por aspectos da cultura brasileira desde muito cedo e supomos que sua formação intelectual o transformou precocemente em um estudioso dessa temática. A posição assumida por ele, portanto, é a de um prefaciador que, assumidamente, faz crítica literária em seu estado de origem, longe do centro-sul do país, mas isso não se manifestava como sendo um problema para o escritor, pois ele manteve contato com intelectuais do Brasil e do mundo que comungavam com suas ideias.

4.2 O discurso autoral do prefaciador da sua própria obra – o exemplo de *Locuções Tradicionais do Brasil*

De modo geral, os prefácios à sua própria obra também apresentam informações sobre sua infância, adolescência, idade adulta (o convívio com amigos), trata de coisas da vida como de sua internação no Hospital Universitário em agosto de 1967 e abril de 1968, que ele registra sua permanência por lá “sujeitando-me a check-up investigador, e realmente cura de repouso revigoramento pelo silêncio, conforto, tranquilidade” (CASCUDO, 1998, p. 13) e ainda escreve uma espécie de diário durante o período no qual ficou internado, no prefácio de seu Pequeno *Manual do Doente Aprendiz* (1969). Nesse texto, o autor confessa o trabalho dado aos médicos e funcionários daquele hospital e revela detalhes de sua estadia no Hospital das Clínicas e da relação com todos: “trataram-me, não apenas no critério do afeto e do interesse cativantes, mas sob as fórmulas familiares do dengo e da cavilação sentimentais” (CASCUDO, 1998, p. 13).

A partir de suas lembranças, ou seja, valendo-se muitas vezes da memória, ele constrói sua autobiografia nos prefácios, tornando possível ao leitor “reconstruir”, por meio de informações dos paratextos, elementos ou aspectos da biografia do prefaciador.

Como prefaciador, foi um ser persistente e incansável, pois de forma sistemática ele buscou prefaciar o máximo possível de obras literárias ou não em quase sete décadas (1921-1985) de produção de textos introdutórios. A ideia de continuidade se sobressai (como se cada prefácio estivesse relacionado ‘ligado’ ao outro – cita, faz referência, antecipa informações). Há casos em que o prefácio é repetido, mudando apenas poucas ou quase nenhuma palavra (como exemplo nós temos a obra *Locuções Tradicionais do Brasil*, (1970/1977/1984) – na medida em que o livro foi sendo reeditado, o texto introdutório foi sendo adaptado à próxima edição, mudando apenas pequenas observações quanto ao conteúdo).

No prefácio ao livro *Contos Tradicionais do Brasil* (1946), seu autor inicia o texto afirmando: “Nenhuma ciência como o Folclore possui maior espaço de pesquisa e de aproximação humana”. Ele define o Folclore como sendo a “Ciência da psicologia coletiva” e busca relacionar o conto a esse elemento:

De todos os materiais de estudo, o conto popular é justamente o mais amplo e o mais expressivo. É, também, o menos examinado, reunido e divulgado. Para centenas de volumes de versos populares, possuímos três ou quatro coleções de contos tradicionais (CASCUDO, 2004, p. 11).

Essa argumentação do autor-prefaciador em defesa do conto é para justificar a publicação da obra, pois para ele o gênero: “Constitui elemento indispensável para ciências afins” (CASCUDO, 2004, p. 11).

Legitimar a importância de sua obra é uma das maneiras de o prefaciador convencer o leitor que vale a pena ser lido e o discurso prefacial cascudiano utiliza essa estratégia quando diz:

O valor do conto não é apenas emocional e delicioso, uma viagem de retorno ao país da infância. Nem social, expondo o dogma da Fraternidade Universal pelo simples emprego de seu método, como ensinava Saintyves (CASCUDO, 2004, p. 11).

No prefácio do livro que reúne as obras *Coisas que o povo diz e Locuções Tradicionais do Brasil*, Luís da Câmara Cascudo reitera o desejo de contribuir para o fortalecimento de estudos futuros sobre cultura: “É de esperar a utilidade destas informações na Seara da memória coletiva, em serviço jubiloso da Cultura Popular. São as minhas esperanças” (CASCUDO, 1984, p. 21). Esse prefácio dialoga com o texto introdutório à obra do escritor potiguar Lourival Açucena, publicado em 1927, quando o escritor afirma que aquele texto tem como função: “iniciar a documentação segura para a futura história literária do Estado” (CASCUDO, 1986, p. 7).

Essa constatação feita pela nossa pesquisa comprova e evidencia a continuidade do projeto de vida empreendido pelo pesquisador, pois é assim que ele se

autodetermina no segundo texto, projeto esse que perpassa toda a sua obra e a produção de prefácios. O aspecto que mais chama a atenção nesse texto é o momento em que ele foi escrito: novembro de 1984, cerca de um ano e meio antes da morte do escritor.

O discurso prefacial cascudiano anuncia que se trata de “[...] um esplêndido documentário de ‘frases feitas’ de uso centenário e corrente e também entre o povo português indispensável” (CASCUDO, 1986, p. 21).

O pesquisador revela o critério adotado por ele para a pesquisa que resulta no livro: “Nenhuma locução impôs pesquisa pela disposição etimológica, uma curiosidade gramatical e sim o emprego da frase satisfazendo **uma necessidade de comunicação verbal**” (CASCUDO, 1986, p. 21, grifos nossos). Essa perspectiva de pensar do prefaciador, com o foco no verbal, poderá estar relacionada ao seu interesse pela oralidade, tanto da literatura quanto da língua, ao que parece, por esse motivo apresentava uma visão da língua como elemento, ou melhor, como fenômeno de linguagem e que, como tal, tem como principal função estabelecer a comunicação. Essa concepção de Luís da Câmara Cascudo já foi definida, por ele, no prefácio ao livro *Para errar menos*, do professor Severino Bezerra, já analisado por esta pesquisa (cf. CASCUDO, 1963, p. 9-10). No referido prólogo, o prefaciador discute questões sobre a língua portuguesa e sobre o ensino de literatura, dá sugestões de como ministrar uma boa aula e apresenta argumentos para ensinar através do texto literário. Entendemos que essa postura do escritor pode evidenciar um posicionamento diferenciado da maioria dos intelectuais daquele contexto.

Em 1984, as editoras Itatiaia e EDUSP publicaram uma edição conjunta de duas obras de Luís da Câmara Cascudo. Tratam-se de *Locuções Tradicionais do Brasil* e *Coisas que o povo diz*. O prefácio, escrito pelo próprio autor, inicia-se fornecendo informações de cunho técnico a respeito das edições anteriores: “Segundo critério da Editora Itatiaia, este é o novo livro nascido da união de dois outros [...]” (CASCUDO, 1984, p. 21).

Ao longo do prólogo, o autor informa, de modo esclarecedor e didático, ao seu leitor: “ ‘Coisas que o povo diz’ – Uma edição Bloch, Rio de Janeiro, 1968, reúne-se a ‘Locuções Tradicionais do Brasil’, divulgada pela Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1970, [...]” (CASCUDO, 1984, p. 21, grifos do autor).

Em um texto introdutório curto, cerca de meia lauda, o prefaciador revela sua fonte de estudo e o prólogo revela também que ele enquanto pesquisador seguiu firme em seu propósito de deixar um legado: “Pelo programa da minha vida de pesquisador os elementos foram colhidos diretamente no povo e feita à investigação de sua possível origem” (CASCUDO, 1984, p. 21).

Ele deixa transparecer, no prefácio, suas intenções quanto ao material de pesquisa que poderá ser consultado com essa nova obra e não faz rodeios ao sugerir, de forma quase incisiva: “É de esperar a utilidade destas informações na Seara da memória coletiva, em serviço jubiloso da Cultura Popular. São as minhas esperanças” (CASCUDO, 1984, p. 21).

O prefaciador revela a intenção e o critério utilizado como referência para a confecção das obras: “‘Coisas que o povo diz’ [...] ‘Locuções Tradicionais do Brasil’[...] Reúnem-se nesta edição de Pedro Paulo Moreira, com intuitos de acolhida simpática e proveitosa” (CASCUDO, 1984, p. 21).

O escritor de *Literatura Oral no Brasil* (1952) faz uma espécie de propaganda do prefácio à sua obra, ao informar que ela trouxera “[...] um esplêndido prefácio da professora Maria Aliete Galhoz, da Universidade de Lisboa, examinando agilmente as diversas perspectivas de motivação” (CASCUDO, 1984, p. 21). Essa atitude de valorização do prefácio revela o caráter intertextual do gênero em estudo e mostra que o escritor de tantos prefácios, ao que parece, também gostava de lê-los, ou seja, era um leitor desse tipo de paratexto.

O prefácio intitulado “Em 1977”, escrito em maio do referido ano, para a obra *Locuções Tradicionais do Brasil*, nos fornece dados à vida do autor-prefaciador. Nele o prefaciador Luís da Câmara Cascudo fornece informações e revela detalhes de sua vida pessoal: “Repórter em 1915, sessenta anos vivi contato de todas as classes

populares na paisagem legítima” (CASCUDO, 1977, p. 33). A partir dessa afirmação podemos deduzir que ser essa a data de ingresso do ensaísta no jornal, primeiro veículo utilizado por ele para escrever e publicar seus textos. Se o pesquisador declara que já tinha naquela data sessenta anos de carreira como escritor, essa afirmação do autor legitima, portanto, a sua excelência como leitor.

Assumindo seu papel social de pesquisador, ele explica de que modo se apropria do conhecimento e como é seu *modus operandi* mostrando ser através do intercâmbio com os mais jovens o segredo para aprender mais e continuamente: “O meio século de professor aproximaram-me de sucessivas gerações, nova linguagem, expressiva e surpreendente” (CASCUDO, 1977, p. 33). A postura de Luís da Câmara Cascudo remete a perspectivas modernas de educação, as quais comprovam a eficácia da aprendizagem quando em situação de interação.

O “Prefácio da 1ª edição” de *Locuções Tradicionais do Brasil*, assinado e datado em fevereiro de 1970, noticia: “Todas as locuções reunidas neste livro foram ouvidas por mim. Nenhuma leitura sugeriu indagação. Vieram para documentá-las no Tempo” (CASCUDO, 1970, p. 35), provavelmente, o prefaciador inicia o texto desse modo, para dar mais credibilidade ao seu livro. Mas ele vai além e divulga detalhes de sua vida familiar, da relação e do convívio com familiares: “Na minha família, paterna e materna, as mulheres atingem a uma lúcida e assombrosa ancianidade. As avós e tias-avós foram as minhas Camenas informadoras” (CASCUDO, 1970, p. 35). Luís da Câmara Cascudo, por vezes, reiterou a relevância de duas de suas tias que contribuíram para com a coleta de dados de suas pesquisas – *Religião no Povo/Locuções Tradicionais do Brasil* (dados biográficos inseridos no contexto).

O autor-prefaciador relata episódios de sua vida quando jovem, talvez como forma de registrar essas informações, como que para ter a certeza de que elas pudessem ser passadas adiante e até quem sabe, ajudar, mais tarde, a conhecê-lo melhor e na compreensão da sua extensa obra: “Passei parte da adolescência no sertão oeste do Rio Grande do Norte” (CASCUDO, 1970, p. 35). O ser autoral deixou fortes marcas no texto e muitas vezes o autor se mostra nas “muitas identidades” e se

coloca também como historiador: “Essa história do RN é um trabalho sistemático menos das fontes impressas do que dos arquivos” (CASCUDO, 1955, p. 5).

Literatura Oral no Brasil

Na introdução da obra *Literatura Oral no Brasil* (1952), Luís da Câmara Cascudo elaborou um panorama do contexto sobre o qual o livro tratava, informando ao leitor a respeito de um descompasso observado por ele:

A vida nas povoações e fazendas era setecentista nas duas primeiras décadas do século XX. A organização do trabalho, o horário das refeições, as roupas de casa, o vocabulário comum, os temperos e condutos alimentares, as bebidas, as festas, a criação de gado dominadora, as superstições, assombros, rezas fortes estavam numa distância de duzentos anos para o plano atual (CASCUDO, 1984, p. 15).

O atraso é mostrado pelo escritor a partir de duas perspectivas. O lado negativo é representado, ao nosso ver, pela quase inexistência de livros “Os livros eram raros nas fazendas. Raríssimo o livro de reza e mais ou menos fácil o de deleite, *Carlos Magno* e os *Doze Pares de França* e mais a biblioteca que registei no *Vaqueiros e Cantadores*, em 1939” (CASCUDO, 1984, p.15). O lado positivo, ao que parece, diz respeito ao fato de que havia naquele contexto tempo reservado para o diálogo:

Depois da ceia faziam roda para conversar, espairecer, dono da casa, filhos maiores, vaqueiros, amigos, vizinhos. Café e poranduba. Não havia diálogo, mas uma exposição. Histórico do dia, assuntos do gado, desaparecimento de bois, aventuras do campeio, façanhas de um cachorro, queda num grotão, anedotas rápidas, recordações, gente antiga, valentes, tempo da Guerra do Paraguai, cangaceiros, cantadores, furtos de moças, desabafos de chefes, vinganças, crueldades, alergias, planos para o dia seguinte (CASCUDO, 1984, p. 15).

O hábito de sentar à noite para compartilhar suas experiências com amigos e vizinhos era uma tradição que cuidadosamente era mantida. E a sua força é ressaltada pelo prefaciador ao afirmar: “Todos sabiam contar histórias. Contavam à noite, devagar, com gestos de evocação e lindos desenhos mímicos com as mãos. Com as mãos amarradas não há criatura vivente para contar uma história” (CASCUDO, 1984, p. 16). A prática da contação de histórias era exercitada como um ritual diário e que fazia parte da rotina das pessoas.

A leitura do texto introdutório nos possibilitou observar que a literatura oral estava incorporada à vida no sertão e era parte do contexto:

Os ditados, provérbios, frases-feitas eram moeda corrente no comércio diário familiar. Recorriam aos exemplos sacros e aos reparos dos antepassados: - Como dizia meu avô: um gambá cheira o outro... E as imagens expressivas: – dar nó em pingo d’água, comprida como paciência de pobre, boca aberta como sino (CASCUDO, 1984, p. 15).

O discurso prefacial revela quase em tom confidencial: “Eu ia ouvindo e aprendendo” (CASCUDO, 1984, p. 16). A oralidade naquele contexto dispensava o conhecimento sistemático imposto ou ensinado pela escola. O aprendizado era algo natural, pois se dava pelo ouvir e no local em que todos eram “iguais” não havia professores e a formalidade que a escola exige.

Luís da Câmara Cascudo revela o lugar ocupado pela literatura oral em sua vida:

Os contos tinham divisões, gêneros, espécies, tipos, iam às adivinhações, aos trava-línguas, mnemonias, parlendas. Ia eu ouvindo e aprendendo. Não tinha conhecimento anterior para estabelecer confronto nem subalternizar uma das atividades em serviço da outra. Era o primeiro leite alimentar da minha literatura. **Cantei, dancei, vivi como todos os outros meninos sertanejos do meu tempo** e vizinhanças, sem saber da existência de outro canto, outra dança, outra vida (CASCUDO, 1984, p. 16, grifos nossos).

A existência das duas literaturas, a oral e a escrita, o faz refletir sobre as duas formas de vida – aquela vivida no sertão com suas tradições e a outra vivida em Natal

(RN), mais especificamente na escola, *locus* do conhecimento sistematizado, formal, pragmático. Mas tanto em uma quanto na outra a literatura se fazia presente, perpassando os contextos, unindo as pontas “Voltando a Natal, fui para o curso secundário e pude ver a diferença entre as duas literaturas, ambas ricas, antigas, profundas, interdependentes e ignorando as pontas comunicantes” (CASCUDO, 1984, p. 16). A vivência no sertão, espaço que, por natureza, cultuava e cultivava a literatura oral – o permitiu se deleitar com as duas literaturas, conviver harmoniosamente com ambas. “Compreendera a existência da literatura oral brasileira onde eu mesmo era um depoimento testemunhal” (CASCUDO, 1984, p. 16).

Movido pela curiosidade de menino e instigado pela intuição de pesquisador, o prefaciador narra sobre o momento no qual precisou juntar os elementos para estabelecer um comparativo:

Inconscientemente confrontava ritmos e gêneros, as exigências do dogma culto e a praxe dos cantadores sertanejos, setissílabos, décimas, pé-quebrado, a ciência do “desafio”. Todas as leituras subsequentes foram elementos de comparação (CASCUDO, 1984, p.16).

Ao buscar o registro, a notícia, a informação, o prefaciador se volta para o espaço destinado à pesquisa, à construção do conhecimento “Na biblioteca paterna fui encontrando outras formas e espécies da mesma substância que vira no sertão velho. E verifiquei a unidade radicular dessas florestas separadas e orgulhosas em sua independência exterior” (CASCUDO, 1984, p. 16). Constatar a coexistência das duas literaturas, a oral – ensinada/aprendida pelo povo do sertão – e a escrita – dita culta apresentada à elite –, proporcionou, ao que parece, outras descobertas e pode ter contribuído para fortalecer, ainda mais, seus estudos sobre cultura popular, temática para a qual dedicou grande parte de seu tempo como pesquisador.

A visão do prefaciador a respeito das formas de literatura nos permite compreender que elas se complementam, de certa forma, se comunicam e se apoiam: “Ao lado do povo que sabe e conta as estórias de Trancoso e de Fadas, os livros

mantêm em circulação os mesmos assuntos no público infantil sucessivamente renovado” (CASCUDO, 1984, p. 17).

A noção de continuidade nas literaturas (oral e escrita) também é ressaltada pelo prefaciador: “Há uma continuidade na transmissão das histórias orais sem prejuízo da fixação culta que também é divulgadora” (CASCUDO, 1984, p. 17).

O autor de *Canto de Muro* (1959) aponta o responsável pelo início da pesquisa sobre literatura oral: “As pesquisas da literatura oral brasileira começa-as realmente o onipresente Sílvio Romero (1851-1914), com os *Cantos Populares do Brasil, Contos Populares do Brasil, Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil*” (CASCUDO, 1984, p. 17-8). Ao atribuir a Sílvio Romero o mérito de ter iniciado os estudos sobre a literatura oral, Luís da Câmara Cascudo confessa a sua opção por dar continuidade ao processo: “Todos os volumes que tenho publicado a partir de 1939 estudam gêneros da Literatura Oral, poesia, contos, mitos, lendas, com bibliografia, classificação e sentido de sistematização” (CASCUDO, 1984, p. 18).

Conforme registra o prefaciador, as pesquisas iniciadas anteriormente por ele passaram a ser organizadas para serem publicadas com o intuito de consolidar o estudo sobre a temática da cultura popular. E anuncia o próximo veículo que divulgará os resultados de seu trabalho de pesquisa: “Seguir-se-ão autos, com os textos musicais, superstições, etnografia tradicional e o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, onde se fará o possível de registro” (CASCUDO, 1984, p. 18).

Publicado em 1954, o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, é considerada a sua obra mais divulgada, conhecida e consultada. Concentra uma vasta quantidade de informações sobre lendas, festas, mitos, comidas etc. e é até hoje em 2015, uma obra de leitura indispensável para os pesquisadores da cultura e da literatura.

Em uma breve avaliação acerca do livro *Literatura Oral no Brasil*, obra para qual escreveu essa introdução, o prefaciador revela sua insatisfação:

Reverendo este livro quatro anos depois de terminado, 1945-1949, lamentei não ter dado maior relevo aos desenhos e frases rescritas a carvão nos muros da cidade e à poderosa influência intelectual e social

das anedotas. As referências gregas e romanas sobre os grafitti, desenhos satíricos ou oblacionais [...], documentam uma função normal de expressão crítica, base lógica para apreciação em teste dos níveis de observação e fixação do elemento popular (CASCUDO, 1984, p. 18-9).

Mesmo não os tendo inserido no livro *Literatura Oral no Brasil*, Luís da Câmara Cascudo tenta explicar o porquê de esses gêneros merecerem ser estudados:

A anedota, pela sua antiguidade, sujeição às leis da convergência e gravitação aos centros de interesse sucessivos no tempo, pela conservação de determinados elementos e substituição de outros, constitui forma preciosa de avaliação cultural. Não serve apenas às vezes de sublimação dos recalques anônimos e coletivos contra situações opressivas ou entidades pluralizadoras e envolventes como é o recurso normal nas conversações populares, mantendo o bom humor, aquecendo a cordialidade. [...] Os desenhos, frases, verdadeiras polêmicas, obscenas, políticas, religiosas, deixadas nas paredes dos gabinetes sanitários, dos W. C., comuas, cambrones, constituem igualmente índices vivos, tanto mais sinceros quanto o anonimato garante a impunidade integral, não desprezivos ou dispensáveis numa pesquisa total das atividades mentais coletivas (CASCUDO, 1984, p. 19).

A introdução à obra *Literatura Oral no Brasil*, ora estudada, está didaticamente organizada em cinco tópicos. O primeiro é autobiográfico e narra episódios da infância e da juventude do autor, apontando elementos da sua vida para explicar como ocorreu o seu contato com a literatura oral, mostrando como essa relação era comum, natural aos que viviam no mesmo contexto, ou seja, no sertão no qual o pesquisador viveu parte de sua infância e juventude.

No segundo ele trata dos temas e sobre os assuntos literários encontrados na da literatura oral e cita a novelística como uma das formas de representação dessa literatura.

O terceiro apresenta Silvio Romero como o primeiro a pesquisar sobre a temática debatida no livro, ou seja, sobre a literatura oral, ressaltando o seu pioneirismo, sua disposição e coragem em se dedicar ao tema.

O quarto avalia o livro e aponta o que falta discutir na obra, citando a anedota e os *grafitti* como temas que necessitam de estudo.

O quinto e último divulga as manifestações da literatura oral citadas na obra, tais como fandango, chegada, bumba-meu-boi, pastoril, congada.

Luís da Câmara Cascudo encerra a introdução à obra *Literatura Oral no Brasil* com a seguinte provocação: “[...] este volume coloca diante do leitor letrado, do professor de literatura, um material vivo, atual e poderoso, insusceptível de ser negado, repellido ou rejeitado [...] (CASCUDO, 1984, p. 20) e complementa acrescentando os motivos que o levaram a publicá-la: “Se este livro não valoriza a Literatura Oral do Brasil, enuncia materialmente sua presença e grandeza, sua incomparável vitalidade no espírito popular que a guarda, defende e perpetua” (CASCUDO, 1984, p. 20). Ao ler essa introdução observamos a relevância desse livro para o conjunto da obra cascudiana e passamos a conhecer, ainda mais, a respeito do projeto de Luís da Câmara Cascudo de estudar a cultura popular e de forma particular a literatura oral.

Considerações Finais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem analisa, examina, revira e se deleita com omissões e enganos é porque, psicologicamente, só pode viver no clima dos erros e das omissões. Nada lhe merece atenção ou surpresa exceto a parte única em que pode caber a cabeça do alfinete.

Luís da Câmara Cascudo
(Prefácio de *História da Cidade do Natal*)

Essas considerações, embora tendo sido nomeadas de finais, não ambicionam assumir tal função. Trata-se tão somente de dispor aqui observações feitas ao realizar a leitura dos prefácios, e que julgamos pertinente compartilhar com o leitor desta Tese.

Partir do que já existe é fundamental para quem quer estudar a obra de Luís da Câmara Cascudo, mas se torna um exercício de revisão de literatura longo, quase interminável, tendo em vista a quantidade de estudos a seu respeito. Por isso, optamos por selecionar e estudar apenas as obras mais representativas, dentro do universo teórico ao qual pertencemos, assim podemos focar e conhecer melhor a sua fortuna crítica e aprofundar nosso olhar para o gênero escolhido como objeto: o prefácio.

Em uma tentativa de construir o perfil de prefaciador de Luís da Câmara Cascudo é importante saber que ele encerrou, segundo Gico (1996), a sua produção de livros e dos outros gêneros em 1981, mas continuou escrevendo prefácios para outros autores e para sua própria obra que estava sendo reeditada até 1984.

Ao longo da leitura dos prólogos observamos, ainda, que Luís da Câmara Cascudo prefaciador se apresenta, em seus textos introdutórios, em dois momentos diferentes: como um prefaciador iniciante e um escritor em formação, no período de 1920 a 1940 – quando que ele tratava de temáticas diversas; e de 1950 a 1980. A partir da década de 1950, ele intensifica sua produção e foca no estudo sobre cultura popular e passa – como pesquisador, escritor e prefaciador formados – a representar em sua

obra a força da tradição. Como prefaciador e escritor, com o projeto já consolidado, ele se torna referência quando se trata de folclore.

Quanto aos prefácios, o tratamento atribuído/dispensado a eles por Luís da Câmara Cascudo denota o cuidado dedicado ao gênero. É como se cada um fosse uma obra independente – realizada, a partir da qual o autor faz sua referência. A forma e o conteúdo dos prefácios se harmonizam; podemos observar que há, na linguagem dos prólogos, além da polidez da linguagem cascudiana, a escolha lexical, mantida com os termos arcaicos, no texto, em consonância com os termos modernos (muitos deles retirados do falar coloquial local, que é uma característica da escritura do autor).

Quanto ao estilo, há na linguagem dos prefácios a presença recorrente da poesia, ou melhor, da literariedade, como exemplo podemos citar o texto introdutório à obra *O Arado* (1959) de Zila Mamede. Além deste alguns outros paratextos podem ser considerados verdadeiros poemas em prosa. O passado e o presente se harmonizam nos prefácios, pois o autor retoma em outros prólogos assuntos já discutidos em textos anteriores.

Observamos um prefaciador em formação, um escritor em formação, em um país cujo sistema literário favorecia tal situação. É visível, nos prefácios, Luís da Câmara Cascudo como um pesquisador curioso, determinado, e um estudioso da literatura, pois dos muitos prefácios publicados uma grande quantidade são para livros de Literatura. Para comprovar essa afirmação, podemos recorrer ao item Referências, desta Tese, e verificar quantos dos seus prefácios publicados eram para obras literárias.

Há elementos nos prefácios que revelam que o modernismo não apenas repercutiu no Rio Grande do Norte, mas nasceu também neste Estado. E o gênero em estudo registra isso. No depoimento (também analisado por essa pesquisa no Capítulo III desta Tese) de Luís da Câmara Cascudo sobre o *Livro de Poemas de Jorge Fernandes*, isso se evidencia, quando o prefaciador analisa a obra e apresenta elementos que comprovam a vanguarda (experiência nova com a linguagem) no livro do poeta potiguar.

Já a cultura popular, tema central da obra do autor, deixou seu legado também nos prefácios, pois dos diversos prólogos escritos por Luís da Câmara Cascudo, vários foram para obras que abordavam essa temática.

Observamos, ainda, que os prefácios para obras literárias, escritos por Luís da Câmara Cascudo por quase sete décadas, mantiveram diálogo com obras da Literatura Brasileira, a exemplo de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, cujos termos foram pegos de empréstimo para reforçar a argumentação do prefaciador sobre a temática discutida em alguns de seus paratextos. Mas como não é esse o foco da nossa pesquisa, estamos apenas informando ao nosso leitor e nos limitamos a sugerir que a relação estabelecida entre obras literárias e prefácios cascudianos possam ser objeto de investigação para estudos futuros.

A partir do estudo dos prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo pôde-se observar a presença recorrente de elementos da discussão sobre a “cor local”. Temas como o sertão, a seca, o sertanejo e seus hábitos, a memória, a tradição, a modernização e o Nordeste aparecem na maioria dos seus textos.

É importante lembrar que a literatura dos anos 30, do século XX, sobretudo o romance, tinha como preocupação o contexto político e social. Enquanto eram escritos, por todo o país, romances regionais “engajados”, no Rio Grande do Norte, ao que parece, essa discussão ficou por conta dos artigos publicados em jornais e revistas locais. Outros, no entanto, ultrapassaram o espaço dos jornais e se tornaram prefácios em obras literárias e não literárias.

Esses artigos, que estavam esparsos em jornais, também se mantinham atualizados com as discussões acerca da temática do social e, em alguns momentos, foram muito bem utilizados. Pode-se dizer que não foram escritos romances regionalistas no Rio Grande do Norte, mas os artigos assumiram essa função e discutiam a temática abordada. Intelectuais como Luís da Câmara Cascudo e Eloy de Souza buscaram pesquisar e discutir a problemática da seca a partir de uma perspectiva diferenciada (até então muitos dos autores que haviam tratado da temática discutiam sobre o assunto sem conhecê-la verdadeiramente). Portanto, mesmo que não

tenham sido produzidos romances neorrealistas, nos anos 30, no Rio Grande do Norte, ainda assim pode-se dizer que os intelectuais do estado, a exemplo de Luís da Câmara Cascudo e Eloy de Souza, estavam atualizados quanto a essa discussão.

A leitura e o estudo desses textos nos permitem notar um Luís da Câmara Cascudo que se posiciona criticamente sobre a seca, por exemplo, uma questão secular que assola o povo da região Nordeste.

O prefácio de Luís da Câmara Cascudo para o livro *O Calvário das Secas* comprova essa afirmação, pois seu conteúdo mostra claramente uma reflexão do ensaísta sobre o problema da seca, incluindo-se suas impressões sobre essa que era uma questão muito polêmica naquele contexto.

Podemos observar ainda, ao longo de toda a trajetória do intelectual Luís da Câmara Cascudo, uma constante preocupação em historiar/estudar/sistematizar todo o material de cunho poético-literário produzido no Rio Grande do Norte, a partir da década de 1920, tendo como parâmetro expectativas contextualizadas naquele momento e a valorização do vínculo entre poesia popular e folclore. Nessa situação, a atitude do prefaciador denuncia o desejo de fazer emergir, pela leitura de poetas já canônicos, uma produção considerada marginal no sistema literário.

No seu prefácio escrito ainda em 1927, para a obra *Versos*, de Lourival Açucena, o ensaísta preocupa-se em “iniciar a documentação segura para a futura história literária do Estado” (CASCUDO, 1986, p. 07). Investigando, pesquisando, pudemos observar, também, que ele faz referência, em seus prólogos, à cidade do Natal e à sociedade norte-rio-grandense, ou seja, é um estudo que extrapola o limite do literário.

É notório o esforço despendido por Luís da Câmara Cascudo na tentativa de sensibilizar os leitores sobre a produção literária no Rio Grande do Norte. Além de reunir, organizar e publicar os textos literários, ele também teve o cuidado de apreciá-los criticamente através de seus prefácios. Tal atitude pode indicar que o prefaciador tinha a intenção de convencer pesquisadores e estudiosos futuros acerca da relevância desses textos para a formação de uma tradição literária.

Essa nossa suspeita se confirma em um prefácio escrito em 1984, para as obras *Locuções Tradicionais do Brasil* e *Coisas que o povo diz*, ou seja, sessenta e três anos depois do primeiro prefácio, o autor expõe seu método de trabalho justificando suas escolhas e posições: “Pelo programa da minha vida de pesquisador os elementos foram colhidos diretamente no povo e feita a investigação de sua possível origem” (CASCUDO, 1984, p. 21). Apesar da consciência de que estava deixando um legado, o prefaciador ainda registra seu desejo: “É de esperar a utilidade destas informações na Seara da memória coletiva, em serviço jubiloso da Cultura Popular. São as minhas esperanças” (CASCUDO, 1984, p. 21). É importante notar que essas observações foram feitas pelo prefaciador no último texto introdutório escrito por ele, e o mais curioso, é ele ter iniciado a carreira prefaciando a sua própria obra e ter encerrado da mesma forma.

Com base em tudo que foi estudado e discutido, ao longo da Tese, nos arriscamos a pensar que os prefácios de Luís da Câmara Cascudo para as obras de outros autores constituíram um elo, graças ao seu caráter de continuidade, na produção local, e são capazes de historiar a trajetória da literatura produzida especificamente no Rio Grande do Norte, pois a partir da leitura destes prefácios, pudemos observar a preocupação de Luís da Câmara Cascudo em estudar as obras produzidas nesse estado, a fim de organizar e posteriormente, quem sabe, construir uma tradição literária.

Já em relação aos prefácios escritos para a sua própria obra, permite-nos conhecer um autor multifacetado, um leitor crítico, ativo, experiente, que escreveu seus ensaios com a experiência de quem se apropriou do conhecimento adquirido com base em suas pesquisas. Seus prefácios, portanto, obedecem à forma tradicional do gênero, extrapolam e, por vezes, inovam, quando apontam aspectos diversos somente perceptíveis para um leitor experiente, com conhecimento acumulado nas mais diversas áreas do saber.

Muitos desses textos introdutórios não foram escritos por Luís da Câmara Cascudo para serem prólogos, mas como a opinião dele sobre o autor e/ou a obra era muito relevante e, portanto, possuía um grande poder de convencimento junto ao leitor,

aos críticos e às editoras, então os textos escritos por ele para outra finalidade, muitas vezes com outro objetivo, acabavam por assumir o lugar e a função do prefácio, o qual, por ser um gênero híbrido, portanto adaptável, possibilita assim essa flexibilidade.

Não há como ter certeza quanto ao número de prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo, para outros autores, nessas sete décadas de produção do gênero, pois acreditamos que nem sempre o autor sabia que um texto escrito com uma finalidade terminava assumindo outra. E o prefaciado, por sua vez, nem sempre presenteava o prefaciador com um exemplar de sua obra. Logo, é provável que existam, ainda, muitos prefácios que não foram catalogados por esta pesquisa, apesar do esforço empreendido.

Observamos que há diversos estudos sobre Luís da Câmara Cascudo, nas mais variadas áreas do conhecimento, o que significa um vultoso interesse em conhecer a obra/autor a partir das mais diversas perspectivas. No entanto, acreditamos que o nosso estudo diz muito sobre sua obra e sobre aquelas produzidas ao longo do século XX, pois ele foi além desta ou daquela área do conhecimento. De certo modo, pelo esforço empreendido, pode-se dizer que esse estudo apresenta ainda um panorama da produção escrita pelo escritor durante sua vida intelectual. Ao prefaciar tantas obras, sem fazer restrição, o autor mapeia também à escritura de seus contemporâneos escritores e organiza um vasto material de pesquisa, ora disponível e catalogado, nos Capítulos I e nas Referências, por esta Tese.

Referências

REFERÊNCIAS

Títulos prefaciados por Luís da Câmara Cascudo (a ordem das referências obedece ao critério da cronologia de publicação)

CASCUDO, Luís da Câmara. Introdução. In: AÇUCENA, Joaquim Eduvirges de. *Versos*. Natal: Tipografia da Imprensa. 1927. p. 17-29.

CASCUDO, Luís da Câmara. Depoimento. In: FERNANDES, Jorge. *Livro de Poemas de Jorge Fernandes*. 3. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1997 (Edição fac-similar de 1927). p. I-VII.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio (1938). In: SOUZA, Eloy de. *O Calvário das Secas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL; Natal: Fundação José Augusto, 1983. p. 11-17.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio (1939). In: MELO, Manoel. Rodrigues de. *Várzea do Assu*. São Paulo: Agir Editora, 1940. p. 05-06.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio – Cana Caiana (1939). In: FERREIRA, Ascenso. *Catimbó e outros poemas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. p. 25-29.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: MELO, Manoel. Rodrigues de. *Várzea do Assu: paisagens, tipos e costumes do Vale do Assu*. São Paulo: Caderno da Hora Presente, 1940. p. 07-09.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: SOBRINHO, Gabriel Gomes. *Crepúsculo (versos)*. Natal: [s.e], 1941. p. 03-06.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução e notas de Luís da Câmara Cascudo. São Paulo: Editora Nacional, 1941. p. 07-27.

CASCUDO, Luís da Câmara. Carta-Posfácio . In: CALDAS, Renato. *Fulô do Mato*. Natal: Clima, 1945. p. 155.

CASCUDO, Luís da Câmara. Carta-Posfácio . In: CALDAS, Renato. *Fulô do Mato*. Natal: Clima, 1945. p. 156.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio Acta Diurna. In: PRAXEDE, Zé. *Luiz Gonzaga*. São Paulo: Continental Artes Gráfica, 1952. p. 02-04.

CASCUDO, Luís da Câmara. Nota. In: ROMERO, Silvio. *Cantos populares do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954. p. 387-389.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: WANDERLEY, Segundo. *Poesia*. 3. ed. Natal: Tip. Galhardo, 1955. p. 01-09.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio Com Dom Quixote no Folclore do Brasil. In: CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Trad. de Almir de Andrade e Milton Amado. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1958. (v. I). p. 49-55.

CASCUDO, Luís da Câmara. Notas. In: MAMEDE, Zila. *O Arado*. (1959). Natal: EDUFRN, 2003. p. 123-125.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: MOTA, Leonardo. *Cantadores*. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1960. p. 02-24.

CASCUDO, Luís da Câmara. Depoimento. In: PRAXEDE, Zé. *O Sertão é assim*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória LTD, 1960. p. 94.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio – Moisés Lopes Sesiom, o Bocage rio grandense (Acta Diurna 1942). In: AMORIM, Francisco. *Eu conheci Sesyom*. Assú/RN: [s.e.], 1961, p. 09-11.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio - Um retrato de Moyses Sesiom. In: AMORIM, Francisco. *Eu conheci Sesyom*. Assú/RN: [s.e.], 1961. p. 03-04.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: MONTENEGRO, Maria Eugênia M. *Saudade, teu nome é menina*. [s.l]: [s.e.], 1962, p. 07-09.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: OLIVA, Menezes de. *Você sabe Por que*. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Laemmert LTD, 1961. p. 11-20.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio (1939). In: FERREIRA, Ascenso. *Catimbó e outros poemas*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1963. p. 25-29.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: CAMPOS, Eduardo. *Medicina Popular do Nordeste: superstições, crendices e mezinhas*. 3. ed, Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964. p. 13-16.

CASCUDO, Luís da Câmara. Apresentação. In: WANDERLEY, Walter. *Família Wanderley: história e genealogia*. Rio de Janeiro: Ed. Pongetti, 1966. p. 11-12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: ONOFRE JUNIOR, Manoel. *Martins - sua terra, sua gente*. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1965. p. 09-11.

CASCUDO, Luís da Câmara. Pós-fácio – Afonso Bezerra (1930). In: BEZERRA, Afonso. *Ensaios, contos e crônicas*. Rio de Janeiro: Ed. Pongetti, 1967, p. 363-364.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: NUNES, Romilda. *Ontem, hoje, amanhã*. Natal: Gráfica do SAR, 1967. p. 03-05.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: LIMA, Diógenes da Cunha. *Lua 4 vezes sol*. Natal: Imprensa Universitária, 1967. p. 03-05.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: AVELINO, Edinor. *Síntese* (poesias). Rio de Janeiro: Ed. Pongetti, 1967. p. 09.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: WANDERLEY, Romulo C. *História do Batalhão de Segurança*. Natal: Edições Walter pereira S/A, 1969. p. 09-10.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: FERNANDES, Jorge . *Livro de Poemas de Jorge Fernandes*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto. (Edição fac-similar de 1927). 1970. p. 03-05.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: SILVA, Davi Francisco da. *Alecrim Real*. Natal: [s.e.], 1970. p. 11-12.

CASCUDO, Luís da Câmara. Introdução. In: ANDRADE, Jaumir. *Demopoesia*. Natal: [s.e.], 1970. p. 03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prólogo. In: TRINDAD, Socorro. *Os Olhos do lixo*. Fortaleza: Editora Jurídica Limitada, 1972. p. 03-04.

CASCUDO, Luís da Câmara. Apresentação (1944). In: VASCONCELOS, José Mauro de. *Banana brava*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1972. p. 7-10

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: MELO, Veríssimo de. *Patronos e Acadêmicos: Academia Norte Riograndense de Letras (Antologia e Biografia): vol. I*. Rio de Janeiro: Ed. Pongetti, 1972. p. 07-08.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio (1973). In: SOUZA, Eloy de. *Memórias*. Natal: Fundação José Augusto, 1975. p. 05-06.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio (1976). In: PINTO, Lenine. *Natal, EUA*. Natal: Editora Art Print LTDA, 1995. p. 03.

CASCUDO, Luís da Câmara. "Oitenta Agostos" (1976). In: BOPP, Raul. *Mironga e outros poemas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; INL/MEC, 1978. p. 127-128.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio (1968). In: AZEVEDO, Rubens de. *No Mundo da Estelândia*. 3. ed. São Paulo: Editora do Brasil; Brasília, INL, 1979. p. 03.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio (1978). In: FERNANDES, Raul. *A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró*. Natal: Editora Universitária, 1980. p. 17-19.

CASCUDO, Luís da Câmara. Apresentação - Vida de um teatro. In: PIRES, Meira. *História do teatro Alberto Maranhão*. Natal: Fundação José Augusto, 1980. p. 06-07.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: SILVA Zelma Bezerra. *No ritmo da chuva*. [s.e.], 1980. p. 04-05.

CASCUDO, Luís da Câmara. O permanente Sylvio Piza Pedroza. In: PEDROZA, Sylvio Piza. *Pensamentos e Ação: marcos de uma trajetória de governo*. Natal, Fundação José Augusto, 1984. p. 04-08.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio (1980). In: GURGEL, Deífilo. (1980) *Manual do Boi Calemba*. Natal: Nossa Editora, 1985. p. 05.

Prefácios de Luís da Câmara Cascudo para sua própria obra (a ordem das referências obedece ao critério da cronologia de publicação)

CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma Patrícia*. Natal: Atelier Typ. M. Victorino, 1921. p. 7-8.

“Em vez de prefácio” datado de Natal, julho de 1921. p. 7-8.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dois ensaios de história*. Natal: Imprensa Oficial, 1933. p. 3-7.

“Prefácio” da 2. ed. 1965 datado de Natal, maio de 1964. p. 3-7.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Em memória de Stradelli*. Manaus: Livraria Clássica Manaus, 1936. p. 05.

“Prefácio” (Carta) a Álvaro Maia datada de Natal, 04 de janeiro 1936. p. 05.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. 2. ed. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955. p. 03-18.

“Prefácio” datado de Natal, abril de 1943. p. 03-18.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1947. p. 7-9. (Coleção documentos brasileiros).

“Prefácio” datado de Natal, XII, 1940, p. 7-9.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*. Natal: IHG/RN, 1947. p. 37-40.

“Prefácio” datado de Cidade do Natal do Rio Grande, 02 de abril a 29 de julho de 1946. p. 37-40.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Anúbis e Outros Ensaios: mitologia e folclore*. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF; Achiamé: Natal: UFRN, 1951. p. 04.

“Prefácio” datado de Natal, janeiro de 1951. p. 04.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral do Brasil* (1952). 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

“Nota da 2ª edição”. p. 11.

“Introdução” datada de Natal, 08 de março de 1949. p. 15-20.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco Livros do Povo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953. p. 09-34.

“Prefácio” p. 09-34.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Em Sergipe del Rey*. Sergipe: Edição do Movimento Cultural de Sergipe, 1953. p. 13-14.

“Prefácio”. p. 13-14.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954). 5. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1983.

“Nota” da 5ª ed. datada de Natal, dezembro de 1983: p. XV.

“Nota” da 4ª ed. datada de Natal, agosto de 1979: p. XVI.

“Nota” da 3ª ed. datada de Natal, abril de 1972: p. XVII.

“Nota” da 2ª ed. datada de Natal, 1959: p. XVIII-XX.

“Nota” da 1ª ed. datada de Natal, março de 1954: p. XXI-XXIV.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. Ministério da educação e Cultura: serviço de documentação, 1955. p. 02.

“Prefácio” p. 02.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Notas e documentos para a história de Mossoró*. (1955).

4. ed. Coleção Mossoroense, série C, v. 1207, 2001. p. 5-7.

“Prefácio” datado de Natal, 10 de outubro a 03 de dezembro de 1953. p. 5-7.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia do Folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Livraria Martins Editora, 1956. p. 11-12.

“Prefácio” datado de Natal, agosto de 1943 a setembro de 1956. p. 11-12.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradições populares da pecuária nordestina*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1956. p. 7-17.

“Introdução” p. 7-17.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Vida de Pedro Velho*. Natal: Departamento da Imprensa, 1956. p. 7-12.

“Prefácio” datado de Natal, 12 de junho de 1956. p. 7-12.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Jangada: uma pesquisa etnográfica* (1957). 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1964. p. 3-5.

“Prefácio” datado de Natal, 06 de novembro de 1954. p. 3-5.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Jangadeiros* (1957). Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1957. p. 9-10.

“Preliminar” datado de Natal, 29 de junho de 1955. p. 9-10.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Canto de muro* (1959). 3. ed. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959. p. 03.

“Nota do autor” datada de Natal, dezembro de 1957. p. 03.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Rede de dormir* (1959). 2. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF: Achiamé; Natal: UFRN, 1983. p. 11-17.

“Prefácio à vista” datado de Natal, 01 de novembro de 1957. p. 11-17.

CASCUDO, Luís da Câmara; ALMEIDA, Vieira (Org). *Grande Fabulário de Portugal e do Brasil*. Portugal: Lisboa Fólio, Ed. Artísticas, 1961. p. 11-28.

“Notas” p. 11-28.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dante Alighieri e a tradição popular no Brasil*. (1961) Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1961. p. 13-20.

“Comme dit le renard chacun joue de son” datado de Natal, fevereiro de 1959 a novembro de 1961. p. 13-20.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Flor dos romances trágicos* (1963). Natal: Editora do Autor, 1963. p. 11-14.

“Preliminar” datado de Natal, dezembro de 1964. p. 11-14.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia da alimentação no Brasil* (1964). Rio de Janeiro/SãoPaulo: JC Editora. p. 2-3.

“Abertura” datada de Natal, último de julho de 1964 e final de novembro de 1974. p. 2-3.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da República no Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro. Edições do Val, 1965. p. 11-13.

“Prefácio” datado de Natal, abril de 1965. p. 11-13.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Nosso Amigo Castriciano*. Natal: Imprensa Universitária, 1965. p. 23-30.

“Nota” p. 15-21

“Depoimento” p. 23-30.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Folclore do Brasil* (1980) 2. ed. Natal. Fundação José Augusto. 1967. p. 252-258.

“Informação indispensável” datada Natal, outubro de 1964. p. 252-258.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Coisas que o povo diz*. (1968). 2. ed. São Paulo: Global, 2009. p. 13-14.

“Prefácio”, Natal, p. 13-14.

CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu*. Natal: Imprensa Universitária, 1967. p. 17-20.

“Prefácio” datado de 01 de novembro de 1967. p. 17-20.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Prelúdio da cachaça*. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e o Alcool, 1967. p. 97-98.

“Abrideira” p. 7

“Saideira” datada de Natal, maio de 1967. p. 97-98.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno Manual do doente aprendiz*. (1969). 2. ed. Natal: EDUFRN, 1998. p. 13-14.

“Prefácio” datado de 26 de abril de 1968. p. 13-14.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Locuções Tradicionais do Brasil*. (1970.) 3. ed. São Paulo: Itatiaia, 1984.

“Prefacial” datado de novembro de 1984. p. 21²⁴.

“Em 1977” (2ª edição) datado de maio de 1977. p. 33.

“Prefácio” (1ª edição) datado de fevereiro de 1970. p. 35-36.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Na Ronda do Tempo (Diário de 1969)*. (1971). Natal: Imprensa Universitária, 1971. p. 7-8.

“No princípio era o verbo...” datado de Natal, 01 de janeiro de 1970. p. 7-8.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, Ciência do Povo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971. p. 9-10.

“Prefácio” datado de Natal, março de 1970, p. 9-10.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem*. Natal: Imprensa Universitária, 1972. p. 5-8.

“Princípio” datado de Natal, outubro de 1968 a março de 1972. p. 5-8.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Uma história da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte* (1972). Natal: Fundação José Augusto. 1972. p. 1-3.

“A história desse livro é a seguinte” data do de Natal, 29 de novembro de 1971. p. 1-3.

²⁴ Esse prefácio, conforme constatou nossa pesquisa, encerra a produção, de quase sete décadas, de textos introdutórios do autor para sua própria obra.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e cultura*. (1973). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio; Brasília: INL/MEC, 1973.

“Preliminar” datado de Natal, março de 1962. p. XI-XVIII.

“Nove anos depois...” datado de Natal, outubro de 1971. p. XIX-XX.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Meu amigo Thaville: Evocações e Panorama*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1974. p. 7-18.

“De Amicitia” p. 7-18.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Religião no povo*. (1974). João Pessoa: Imprensa Universitária da Paraíba, 1974. p. 15-19.

“Introito” datado de Natal, julho de 1972. p. XV-XIX.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História dos Nossos Gestos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: editora da USP, 1976. p. 9-11.

“A voz do gesto” datada de Natal, dezembro de 1973. p. 9-11.

CASCUDO, Luís da Câmara. *O Príncipe Maximiliano no Brasil (1815-1817)*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1977. p. 7-8.

“Ao amigo e mestre Roquete Pinto (1884 – 1954) este ensaio é dedicado”, datado de Natal, 06 de agosto de 1976. p. 7-8.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Mouros e Judeus*. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura, 1978. p. 7-9.

“Prefácio” datado de Natal, janeiro de 1978. p. 7-9.

Títulos consultados para a escritura da Tese

ADORNO, T. W. *Notas de literatura I*. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; E. 34, 2003.

ANDRADE, Mário de. "Prefácio interessantíssimo". In: RODRIGUES, A. Medina [et al]. *Antologia da Literatura Brasileira: textos comentados*. São Paulo: Marco, 1979. vol. 2. p. 28-32.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 1995.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. Pós-românticos no Rio Grande do Norte. In: *Múltipla palavra: ensaios de literatura*. João Pessoa: Ideia, 2004.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. Tradição regional e processo de modernização: tensões da literatura no Rio Grande do Norte. In: *Terceira Margem: Revistada Pós-Graduação em Ciência da Literatura*. Universidade Federal d Rio de Janeiro, Centro de Letras e Arte, Faculdade de Letras, Pós-Graduação, Ano IX, nº 12, 2005.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. Joio. In: SILVA, Marcos. *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. Cartas de Câmara Cascudo trocadas entre Joaquim Inojosa. Pós Doutorado. USP, 2012.

ASSIS, Machado de. *Instinto de nacionalidade*. Disponível em: <<http://br.geocities.com/instinto>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: King's Cross Publicações, 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica/MEC, 1999.

CALDAS, Renato. *Fulô do Mato*. Natal/RN: Edições Clima. 6. ed. 1984.

CANDIDO, Antonio. Sílvio Romero: crítico e historiador da literatura. In: ROMERO, Sílvio. *Teoria, crítica e história literária*. Seleção Antonio Candido. São Paulo, EDUSP, 1978. p. IX-XXX.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Textos de intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Cultura: de 1900 a 1945. In: *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1980.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1980.

CANDIDO, Antonio. [et al]. Sílvio Romero: crítico e historiador da literatura. In: *Sílvio Romero (1851/1914): bibliografia e estudos críticos*. Salvador: Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, 1999.

CANDIDO, Antonio. [et al]. *A personagem de ficção*. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Observador literário*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, Paulo: Brasiliense, 1988.

CLEMENTE, Elvo [et al]. *Prefácios de romances brasileiros*. Porto Alegre: Acadêmica, 1986.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001.

DANTAS MONTEIRO, Maria da Conceição Silva. *Crônica Literária: registros da modernização no Rio Grande do Norte na década de 20*. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.

ELIOT, T. S. A tradição e o Talento Individual. In: *Ensaio de doutrina crítica*. 2. ed. Traduzidos com a colaboração de Fernando de Melo Moser. Lisboa: Guimarães Editores, 1997.

FERREIRA, José Luiz. *Gilberto Freire e Câmara Cascudo: entre a tradição, o moderno e o regional*. 2008. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

FERREIRA, José Luiz. *Modernismo e tradição: leitura da produção de Câmara Cascudo nos anos 20*. 2000. Dissertação. (Mestrado em Literatura Comparada) – Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FILGUERA, Maria Conceição Maciel. *Eloy de Souza. Uma interpretação sobre o Nordeste e os dilemas das secas*. Natal: EDUFRN, 2011. (Coleção Dissertação e Teses do CCHLA/UFRN).

GALVÃO, Dácio Tavares de Freitas. *O poeta Câmara Cascudo: um livro no inferno da biblioteca*. 2012. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

GICO, Vânia. *Luís da Câmara Cascudo: bibliografia comentada 1968/1995*. Natal: EDUFRN, 1996.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. 1999. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1999.

JAMESON, Frederic. T. W Adorno ou tropos históricos. In: *Marxismo e forma: teorias dialéticas da literatura no século XX*. Tradução de lumna Maria Simon (Coord.). São Paulo: Hucitec, 1985.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et al]. 6. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2012.

LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1982.

MARTINS, Ivanda. A literatura no Ensino Médio: quais os desafios do professor? In: BUNZEN, Clécio [et al]. *Português no Ensino Médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006,

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2009.

MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968: bibliografia anotada*. Natal: Fundação José Augusto, 1970.

NEVES, margarida de Souza. (et al). *A história em coisas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas/SP: Ed. Da UNICAMP, 2005.

PINHEIRO, Carlos André. *Essa marca de suor numa canção: o processo da redução estrutural na poesia de Zila Mamede*. 2012. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

PINHEIRO, Hélder. Pesquisa em literatura: atitudes e procedimentos. In: *Pesquisa em literatura*. PINHEIRO, Hélder (Org.). Campina Grande: Bagagem, 2011.

ROMERO, Sílvio. A poesia de hoje. In: *Cantos do fim do século*. Rio de Janeiro: Tipographia Fluminense, 1878. (p. V-XXII)

ROSENFELD, ANATOL (et al). Literatura e personagem. In: *A personagem de ficção*. 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *Dom Quixote de La Mancha*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958. v I.

SALES, Germana Maria Araújo. *Palavra e sedução – uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826 - 1881)*. 2003. Tese. (Doutorado em Teoria e História Literária) – UNICAMP, 2003.

SILVA, Marcos. *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SOUZA, Roberto Acízelo de. “Crítica Literária: seu percurso e seu papel na atualidade”. In: *Floema* – Ano VII, nº 8, p. 29 – 38, jan./jun. 2011.

TELES, Gilberto Mendonça [et al]. *Prefácios de romances brasileiros*. Porto Alegre: Acadêmica, 1986.

TELES, Gilberto Mendonça. *Retórica do silêncio I: teoria e prática do texto literário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

TELES, Gilberto Mendonça. *Discursos paralelos: a crítica dos prefácios*. Goiânia: ICBC, 2010.

VIEIRA, Cléber Santos. *Entre as coisas do mundo e o mundo das coisas: prefácios cívicos e impressos escolares no Brasil republicano*. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Educação, Universidade de São Paulo, 2008.

WELLEK, René. Termo e conceito de crítica literária. In: WELLEK, René. *Conceitos de crítica*. São Paulo: Cultrix, 1970 (p. 29 – 41).

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura da literatura. In: *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.



Anexos

Anexo I – Prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo para autores diversos

FERNANDES, Jorge. *Livro de Poemas de Jorge Fernandes*. 3. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1997. (Edição fac-similar de 1927).

“Depoimento de Luís da Câmara Cascudo sobre o ‘Livro de Poemas de Jorge Fernandes’”, p. I-VII

O livro de Jorge Fernandes é um livro isolado, sozinho, descolado no cromo de sala de jantar dos poetas de sua geração. Está forçosamente pertencendo ao movimento modernista, mas não se filiou a nenhum capitão-mor do bando. As maiores simpatias de Jorge Fernandes vão parar em Mario de Andrade, Manuel Bandeira e Raul Bopp. Bastará esta predileção para termos a perfeita ausência de formão e talhadeira de qualquer dos três.

Quando escreveu o primeiro poeminha (*Remanescente*), há anos que estava de lado em Natal. Toda gente passava, cumprimentava, ia andando ou voltando. Jorge ficava. Libertou-se do que jamais estivera preso. Nunca possuiu idolatrias nem superstições literárias. Inda hoje, “apesar” dos poemas, Jorge é um homem respeitado, gravemente respeitado. Quando começou a ser lido e transcrito, a cidadezinha teve uma surpresa gostosa. Ficara satisfeita embora lastimasse a besteira do Jorge fazer “futurismo”. E gente circunspecta tem ido aconselhar Jorge. Este não tendo o instinto gregário permanece só. Sem padroeiros. Sem clubes, sem aliados, sem mentores. O “futurismo” da sua poética pertence aos conhecimentos clássicos de seus críticos.

Muita gente não distingue fastidioso de fastigioso. A língua não ajuda. É caso de desmemória cultural.

Não ganhava o preço da tinta explicar “futurismo” e “modernismo”. Já uma vez confundiram voltaico com Voltaire e o defunto Candido de Figueiredo escreveu que “florianista” era “partidário de Florian.”

Dá muito trabalho branquejar urubu. A questão é de mentalidade e esta não se muda. Um discípulo de Bach não ouve Albert Roussel nem Jacques Ibert. Quem se apaixonou em Tennyson não relê o Sr. Catullo da Paixão Carioca. Leitor de Leconte não é de Verhaaren quanto mais de Cendrars. Jockey não é *chauffeur*. Raros os que amam assistir corridas de cavalo e de auto.

Muitos conservam maneiras especiais de expressão. Só sentem em determinado modo. Absurdo é marcar compasso para o resto do mundo.

Um amigo meu depois de revirar o “Banho de Cabocla” saiu-se.

–Está ótimo. Só está faltando as rimas...

E seria perguntar um músico a um pintor:

–Porque Você não escreveu “isto” em música?

Ficava maravilhoso!...

Não se entenderiam entrando em explicações. Para o juízo dos homens São Simeão Estilista não iria para o céu de S. Paulo. Entretanto...

Final da variação. Volta ao tema. Jorge Fernandes passou imune entre a deliciosa briguinha. Não lhe apraz cotejar nem discutir. Ignora encantadoramente todos os componentes do Brasil de um e de outro lado. Dos franceses, italianos, ingleses e alemães sabe menos. Só lê em português e raramente lê. E quase sempre não gosta do que lê.

Foi sempre bicho de conta, arredado, esquivo, tímido como mocinha antes do cinema e teimoso como um déficit. A sua timidez livrou-o das controvérsias literárias, as saborosas controvérsias do fundo de cidade pequena e dor minhoquenta. De pronto decidiu e escreveu sem desculpar-se. Sem pedir selo e aprovação. Sem perguntar se o retrato estava parecido. Todo seu esplêndido trabalho de pesquisa vocabular, de colorido justo, de fidelidade emocional, de anti-literatismo passa carregado no poema simples e claro, tão claro que dá vontade de dizê-lo fácil e acessível a quem o queira fazer. Os mais dessemelhantes espíritos louvam em Jorge Fernandes a nitidez, a sobriedade do seu poema. O dinamismo rítmico, que é uma de suas características, não é menor é linha nobre, rápida, incisiva, pronta com que imobiliza o assunto. Aprisiona a ideia. E trá-la viva, palpitando, mexendo ainda, tirada do pé, apta a qualquer pulso, de qualquer escola, a qualquer aproveitamento.

Fornecedor geral dos temas, Jorge mantém a mesma originalidade dos primeiros pulos. Uma sua observação é sempre nova e curiosa. Acima de tudo, bem clara, segura, definitiva, sem retoque, estilo *kodak*.

O seu “Poemas das Serras” daria dois livros de sonetos. Mario de Andrade já notou a extrema síntese nos versos de Jorge.

De uma longa viagem de automóvel pelo Sertão os poemas trazidos parecem um caderno de apontamentos. Foram escritos na carreira do “cavalo de flandres”. E passam, chispando, as visões inesquecíveis, fixadas num traço —“serras carecas engrujadas na peneira da chuva...” “Casa de mocós... das saramantas... escultura enigmática dos desertos”, “serras brutas pintadas de escuro da noite quente”, “a jurema florada cheirando a dentifrício”, a luz do Ford clareia o “verde que está dormindo e passa” enquanto “o bacurau com os olhos de tição de fogo pula na estrada” e o auto vai estalando e bufando dentro da treva “levando pedradas miúdas nos para-lama, numa vaia sem razão das estradas pedregosas.” De repente um comentário—

A lua cheia que iluminou o seu parnasiano a. 3 mantém o prestígio recordador. Apenas recordador. Não vive dentro dos seus versos. A coerência de Jorge Fernandes é incoerente.

Não admite poeta místico que seja sensual. Cantar dum jeito e comer de outro é desafio.

No dia em que Jorge elogiar Lampião, mesmo a maneira cenográfica de guerreiro-que-nasceu-feito, será capaz de calçar alpercatas de rabicho e seguir o bando. Vem daí o seu incontido desdém por muito poeta grandão.

Acha-os insinceros. Modernistas confundem verso livre com livre-ritmo, alma velha fingindo elegâncias novinhas. Ama todas as coisas naturais, espontâneas, precisamente espontâneas. Muito chefe literário Rei de Congo não é admirado. Por que é Rei sem ter a força, a força rude, impetuosa e criadora dos impulsos do coração e do espírito. É Rei pelo fardão. Pelos penachos, cacos de espelhos, fitinhas e galões que usa. Rei de fora para dentro. Este sentimento não mudou nem é recém-nascido em Jorge. Tem a sua idade. O “poeta passadista” para ele é simplesmente o homem que vive cantando insinceridades. Estas podem ser de duas mil formas. Desde o linguajar até a moral poética. Jorge é um furioso moralista. O poeta cantador da Grécia, do finado Cesar, do cisne branco, das florestas amazônicas, do índio bravo, das estrelas longínquas, sem sair de casa é o “passadista”. O “passadista” de Jorge é o moço que viaja sem deixar a mesa de jantar. Lendo o Badeker. Decorando. Decorando. Citando. Citando. Quem vive citando vive pedindo pernas alheias. Pedindo muletas. Precisando de guia. Uma, duas, três vezes, vá. Depois aprendido o caminho, vai-se sozinho. Mas... há quem só ande em procissão, irmandades, anjos, pálio, andores, banda de música, povo.

Os seus “poemas parnasianos” refletem a sua ojeriza pelos “impressos”. Jorge é intuitivo. Ou melhor, instintivo. Presente o melhor meio de expressão. Corrige-se. Tem muito de orgulho brasileiro. Para corrigir-se é preciso que ele mesmo raciocine. Por ele ninguém pensa. Parece o homem a quem ensinaram a estrada direita e ele tomou outra—

—Para quê?

—A ver se é errada mesmo...

E volta trazendo novidades. Para quem vive com a mesma tira medindo todos os valores, na mesma metragem, no mesmo tamanho, o poema de Jorge come a tira. Sobra ou falta. Direitinho não dá. Desde o principio do mundo que a Beleza é uma questão mental. Cada povo, cada espécie. Sair-se de metro na munheca esperando resultado idêntico na “Beleza” do Zulu e do esquimó, do Inglês e do Russo é parvoíce. Parvoíce contínua e doce pela inutilidade.

Há mais de meio século, Gonçalves Dias esteve em Natal. Uma velha, mulher da fala alta e relações espalhadas, vendo passar o homenzinho moreninho, picado de bexigas, pálido, inquiriu, num brusco erguer de queixo:

–É Gonçalves Dias. Grande homem, grande poeta!... Responderam.

E a velha pôs a boca em arco e dançou os ombros, num assombro:

...Ora grande homem... ora grande poeta...D'aquele tamanho?!...

Tinha toda razão. Poeta grande seria Golias ou o gigante Adamastor se fizesse versos. E a velha morreu sem ver um grande poeta. Há destinos destes...

O vocabulário, a sintaxe e a ortografia são, no “Livro de Poemas”, bem brasileiras. Brasileiras do Norte. Com todo vigor pictórico. Cada poema trouxe o seu contingente em perfeito equilíbrio. Um nortista reconhecerá a riqueza da sinonímia empregada no livro de Jorge. N'alguns poemas (Enchente, Fogo de Pasto, Avoetes, Canção do Litoral, nos poemas das serras) há exemplos inúmeros de vocábulos somente conhecidos nas regiões do setentrião brasileiro. Jorge tinha o cuidado detalhado de cientificar-se da propriedade insubstituível do termo antes de empregá-lo. Modismos idiomáticos, frases de comparação, *tícs* regionais, todos foram fielmente registados, sem desejos de filologia-tatu-canastra, mas pelo necessário indumento. Com os nomes estrangeiros Jorge imita os italianos e os espanhóis. Traduz tudo. Não quer, graças a Deus, que o vocabulário e a sintaxe do “Livro de Poemas” sejam gramaticais. Espero que não. Gramática é a arte de fazer-se discursões em todas as línguas para não se falar em nenhuma.

Jorge Fernandes é uma linda expressão intelectual do Brasil novo. Novo para qualquer extensão de vocábulo. Há em seu espírito originalidade natural e lógica, brilho, coragem honesta e moça, limpidez, sobriedade, fulgor. Não digo ser um livro que fique. É um dos raros no Brasil com propriedades e características pessoais. Fora de influências, de conferências e de referências. Mas, ainda assim, não digo que seja eterno. Muita coisa quase-eterna é inútil e banal. O grilo tem quatrocentos mil anos. E não atinei com a utilidade do grilo...

SOUZA, Eloy de. *O Calvário das Secas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL; Natal: Fundação José Augusto, 1983.

“Prefácio datado de Natal, outubro de 1938”, p. 11-17.

O Dr. Clodomiro Pereira da Silva, professor da Escola Politécnica na Universidade de S. Paulo, reuniu em livro, que denominou “O Problema das Secas do Nordeste Brasileiro”, artigos esparsos, de várias épocas. A unidade da publicação é meramente espiritual. Obstinadamente combate o autor o processo com que se enfrenta o fenômeno climatérico, revivendo argumentação antiga, ressuscitando o desvio do rio S. Francisco, recusando a açudagem, dizendo-a imprópria, inadequada ao ambiente material. O nome do Dr. Clodomiro Pereira da Silva, sua prestigiosa atuação numa cátedra universitária, o esperado sentimento de imparcialidade e de técnica, transformam o volume em libelo contundente, riscando do quadro das resoluções dos problemas brasileiros a iniciativa trabalhada pela Inspetoria Federal de Obras contra as Secas.

Em uma série de artigos, dia a dia escritos, com auxílios parciais, sem livros quase, sem assistência dos técnicos na espécie, responde a autoridade prática, tradicional e contínua, de um velho debatedor da questão, veterano do assunto, sabedor de todos os segredos, mateiro que se orienta na mata pela memória automática do caminho percorrido – o Dr. Eloi de Souza.

Outorga-lhe incontestável obrigação de protestar a sua ininterrupta atividade de decênios, estudando, sugerindo, propondo, atacando a questão de três séculos, despovoadora de uma região, assassina de dois milhões de brasileiros, empobrecedora de recursos e matadora de alentos. Desde o governo Afonso Pena, o Dr. Eloi de Souza dedicou sua melhor atenção e maior cuidado aos problemas da seca do Nordeste. Dispensou-se de descer, em erudição inútil, à complexidade das causas, mas fixou sua inteligência nos meios de diminuir o efeito, aparar-lhe o golpe tremendo, provendo de recursos e de elementos a terra que o homem defendia com os materiais instintivos de sua coragem e sacrifício.

Dos antigos parlamentos do Nordeste nenhum possui maiores credenciais nem pode reunir soma de mais vulto, em dados, observações e notas. Suas próprias viagens para Europa e África, longe de constituir alegres excursões de turismo despreocupado, foram verdadeiros shorts curses de estudo local, de apurada análise, de carinhoso exame. Neto de vaqueiros, apaixonado pelo folclore matuto, encaneceu sempre enamorado de sua terra convulsa e triste, exaltando-lhe em prosa as figuras emocionais dos cantadores, dos chefes, o amor à família, o ritmo do trabalho, as virtudes perpétuas da honra doméstica, da fé ingênua, as próprias superstições milenares, a paixão pelo cavalo, pela palavra-dada, enfim tudo quanto representa a “constante” em nossa civilização ibero-cristã.

Os artigos num diário provinciano obtiveram repercussão e, do Acre e Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Amazonas, vinham as solidariedades e os aplausos

para que a defesa se ampliasse e sua área não fosse mesma dos leitores d' "A República".

O Governo do Estado mandou reunir em volume os artigos que o Dr. Eloi de Sousa publicou sob o título de "Um livro que nos entristeceu" e apenas desejou dar vida mais longa a uma argumentação segura e polida, uma divulgação maior e mais lógica aos valores de um raciocínio claro e bem-educado, ficando, em linhas meridianas e sólidas, o aspecto da questão e a verdade de sua fórmula resolutive.

Assim, em 1927, fizera o Governo do Estado com a série magnífica de artigos em que o Doutor Des. Felipe Guerra respondia às conclusões pejorativas e antinacionais do Dr. Zenon Fleury Monteiro, mandando imprimir o "Ainda o Nordeste" (Typ. d' "A Republica", Natal. 1927). E espalhando-o como justo revide a uma voz apressada no ataque imprevisto.

Não era possível que o Governo de um Estado mártir das secas aceitasse a cumplicidade do silêncio ou o comodismo de uma defesa inoperante e pueril, limitada aos círculos dos próprios alvejados por tão curiosa crítica desorientadora. O Governo, medularmente interessado na questão-essencial de sua existência econômica e próprio ritmo social, pondo seus recursos aos serviços justamente condenados pelo catedrático paulistano, não podia emudecer, convencido da justiça das acusações, o que seria um contrasenso ou da inidoneidade do acusador, o que constitua uma injustiça.

A réplica do advogado do Nordeste ainda expressa uma homenagem ao inesperado promotor, digno, por sua inteligência e sabedoria, de aceitar melhores causas, pondo-se realce e alto, no mesmo nível mental do custodiador.

Focaliza o Dr. Eloi de Sousa os aspectos na acusação e examina-os pelo confronto e pela experiência. O confronto vem de países como o Egito, a Índia, Argélia, os Estados norte-americanos do oeste. A experiência é dita pela existência dos açudes no Rio Grande do Norte, há tantíssimos anos e suas consequências em durabilidade aquífera, coeficiente de evaporação e de infiltração, regime de rios perenes, medidas pluviométricas, informações verídicas e muitas pessoalmente verificadas.

Os pontos marcantes do debate se referem à ausência de florestas no nordeste, falta de rios correntes para manutenção das barragens, quantidade de chuvas. Os remédios aconselhados, depois da solução heroica de trazer o rio S. Francisco por desvio de um canal de conduto-central até as terras secas, distribuindo a linfa num sistema longuíssimo de canaisinhos irrigadores, são o loteamento das regiões beneficiadas e sua venda, o abandono do pequeno açude além de formas subsequentes e originais.

A obrigatoriedade dos rios contínuos é um mito. Independe desse elemento todo o sistema de barragens com que a Argélia e os Estados do *Far-West* americano

anularam, em percentagem séria, as longas estiagens. Iguais às nossas são essas regiões, com seus rios torrenciais, temperaturas ardentes e alto índice de evaporação. Recusadas, por impróprias, as nossas terras, maior razão condenaria todo o trabalho ciclópico realizado na América. As médias pluviométricas são, para o nordeste brasileiro, mais elevadas que nos Estados americanos assolados pelo estio assim como n' Argélia. Quando o Ceará indica uma média de 902, o Rio Grande do Norte, 897 e a Paraíba, 894 milímetros de altura das chuvas, não há Estado do *Far-west* que ultrapasse 264 e as médias argelinas atingem a 735. Não é, evidentemente, possível duas opiniões ante algarismos desta forma expressivos. O corolário a impor-se é decisivo – se nos Estados Unidos e na Argélia foi possível a resolução do mesmo problema tendo um elemento com menor eficácia, um valor a menos e dos mais ponderáveis, não há de ser fator negativo possuímos um coeficiente mais elevado no quadro pluviométrico de toda a região.

De menor relevância não foram as respostas quanto ao aspecto social da região futuramente liberta do cataclismo terrível.

Podemos dizer, com as nossas e as suas conclusões, que o nordeste recebeu destino mais histórico que econômico. Essa razão não o obrigava a continuar como *officina gentium*, fornecendo homens e energias para o extremo norte e sul do Brasil. Sem corrente emigratória o nordeste apresenta algarismos orgulhadores em seu acréscimo demográfico. Em vinte anos (1900-1920) a media anual de aumento, por mil habitantes, ofereceu o Rio Grande 34,8. São Paulo, com a ilimitação dos recursos, sedução econômica e volume de colonos, passou-nos por pouco, 36,2. De 1895 a 1910 tínhamos assistido partir do Rio G. do Norte 58.837 pessoas, número inferior à verdade, ensina o des. Felipe Guerra, porque milhares saíram por terra, pelo interior, sem possibilidades de dados para uma futura estatística.

As obras, de qualquer vulto, são merecidamente dignas desse povo. Ele está em S. Paulo, no oeste paulista, começando o desbaste das matas, o arroteamento do campo, dando as primeiras vítimas na luta. Depois chega, com as proteções clássicas, o colono italiano. Está em toda Amazônia, varejando florestas e povoando descampados, mudando a toponímia, domando índios, afastando limites, conquistando o Acre, depois de cobri-lo com seu sangue amoroso, num sacrifício de júbilo ardente e patriótico.

No sul a bandeira paulista, preando índios, empurrou o meridiano para oeste. Os plantadores de cidades desenhavam o contorno geográfico da Pátria com seus sapatões incansáveis. O Nordeste, lutando e morrendo, salvou a unidade nacional, a extensão magnífica do Império, o orgulho de um imenso país, íntegro e contínuo, em idioma, lei e costume. A posição holandesa, de Alagoas ao Maranhão, era a gênese de

outra Pátria, batava ou dos vencedores dos batavos, talvez ingleses. Seria um Brasil cujo Oiapoque era a linde do S. Francisco. O cadinho onde se formou essa raça de Hércules-Quasímodos, de homens de bronzes, tem seculares direitos à solidariedade positiva do Brasil.

No âmbito econômico não somos, nem fomos acessórios, parasitas, dando auxílios acidentais. Mesmo não computando o elemento humano, o primeiro e maior, que exportamos, mesmos em cifras de exportação, nada nos envergonhará. Em 1921, para aproveitar dados velhos, em tempo de atraso em nossa aparelhagem, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba exportavam 74.294:920\$000. Cinco outros Estados, Amazonas, Pará, Maranhão, Mato Grosso e Goiás, indicavam conjuntamente, 74.518:895\$400... Nota o des. Felipe Guerra: “Eis aí o parasitismo do Nordeste. Com uma área igual a 3,03 do território nacional, teve o valor de sua exportação igual a de cinco Estados, possuidores de área que representa 76,58 do território, isto é, mais de três quartos da superfície do Brasil”.

No quadro apresentado pelo Dr. Brandão Cavalcanti em sua notável conferência no Clube de Engenharia de Pernambuco (“Boletim de Engenharia”, n.º 7, vol-V, p- 163) expõe-se flagrantemente, a situação do Nordeste quanto à massa dos impostos arrecadados e despendidos.

Nordeste (arrecadados): – 195.442:000\$. Dispendidos: – 125.196:000\$.

A balança de exportação e importação anunciava:

Nordeste (exportação): – 431.648:000\$. Importação: – 323.516:000\$.

Não são despiciendos algarismos para justificar um direito proclamadamente nacional.

Os elogios de cientistas estrangeiros, calculadores frios, geólogos acima de qualquer arrebatamento, como Roderic Crandall, Ralph Sopper, Horatius Small, são bases para uma defesa que se alicerça em afirmativas puramente experimentais.

Com método e viva animação entusiasta dos sinceros, o Dr. Eloi de Souza esbate e estuda todas as faces do problema. Não podia todo esse material diluir-se, passando além do alvo. Necessário era dirigir-se ao cumprimento de sua finalidade exata, honesta e útil.

Expondo as razões, algumas já seculares, que alimentam o incessante entusiasmo de Eloi de Souza, salienta-se que o custo das obras contra as secas nunca será inferior ao mérito da região a que se destina. Foi o critério dos estadistas ingleses quando defendiam o alto preço dos materiais aplicados nas Índias, sempre menos ao que seria necessário para o socorro das populações feridas pelos flagelos climatéricos. Rendimento de verbas invertidas nos trabalhos preventivos, sistemas de irrigação, represas, etc, devia ser muito mais de efeito social que de produção financeira. Mesmo

assim, os açudes pagam, com juros de judeu veneziano, os capitais confiados à sua criação.

Não parece humano nem lógico calcular, ante a possibilidade da morte ou da vida de milhares de criaturas, a média alcançada pelo dinheiro expendido. Seria tabelar o auxílio, antecipar quanto custaria, em juros certos, a salvação pedida por toda uma região.

Os múltiplos lados da questão foram examinados. Uma e outra as teses iam surgindo, com bruscas interrupções, pedindo clareiras enormes que afastavam a homogeneidade do tema. Envolvia-se a ideia de Raça, influência alimentar e mesológica, se o florestamento predispõe ou determina a elevação pluviométrica, emergindo dados curiosos sobre a média da estatura do nordestino o que provocou inteligente carta do capitão José de Figueiredo Lobo, um estudioso legítimo e um soldado espontâneo.

Demorar, revirando as facetas do problema, seria alongar demasiado a tarefa. A ideia única que animou o Dr. Eloi de Souza foi dar um depoimento leal e sereno, depoimento de toda uma vida a serviço duma grande causa.

Natal, outubro de 1938.

Luís da Câmara Cascudo.

MAMEDE, Zila. *O Arado*. (1959). Natal: EDUFRN, 2003.

“Notas de Luís da Câmara Cascudo” datadas de Natal, junho de 1959, p. 123-125.

Nous avons tenu la charrue
avec assezd'honneur
et conquis le terroir
avec cet instrument

Mistral

Frédéric Mistral guardava o refrão da cantiga de trabalho, entoado nos trigais da Camargue e do Crau, levando o lento arado no passo remorado dos bois. Era até certo ponto, cantiga de guerra e de domínio, porque conquistara a terra daquele modo, tornando-a fecunda na multiplicação consciente das sementes, fazendo passar e repassar a força grave do arado, velho de milênios.

ZILA MAMEDE sentiu a voz irresistível da terra, chão de trabalho anônimo onde vivem os *marujos sem mar* dos campos semeados, e encheu-se de versos votivos em louvor do esforço antepassado.

Aqui, como nos antigos poemas de Francis Jammes, o lavrador evoca o mistério augusto da fecundação e mobiliza as forças dispersas do lirismo telúrico.

A moça da cidade, do rio e do mar, foi seduzida pelo silêncio das searas, a labuta do amanhecer, os bois adormecidos, o cavalo branco abandonado, as visões avoengas da casa-grande, plantada no meio do mundo vegetal e resistindo na perpetuação dos invernos e das esperanças.

Todos os poemas nasceram no chão sagrado, com chuva do céu e suor dos rostos vigilantes, surgidos na inspiração provocadora de uma inegável vivência emocional.

Vereis que nesse ARADO as ondas verdes são amarelas e o milharal, nodado pelo rubro das papoulas e o ouro dos girassóis, substitui a vastidão envolvente do Atlântico. Não a sereia, mas o vento da tarde ardente é o cantor, ondulando os níveis fofos das plantações pendoadas como lanças floridas para as justas rurais.

Vereis como essa fuga ao cotidiano levou ZILA MAMEDE, como a menina Alice, de Lewis Carrol, para as surpresas do *Wonderland*, o país das maravilhas, que vive dentro de nós, em memória e vontade, palpitante de sedução mágica. E todas as coisas revistas tinham novas perspectivas porque nelas havia a quinta dimensão da Poesia, ampliando-as na valorização sentimental, ligando-as na teia dos problemas humanos e profundos, indeformados e contínuos na ânsia trágica e criadora.

Apenas esse regresso ao campo, jornada romântica, colhendo pensamentos que a Terra inspira, mas não produz, mergulha a Poetisa na contemplação espantosa das coisas simples e eternas, caminhos feitos pelos pés dos trabalhadores, apanha de algodão, “margens engolidas pelas tabocas”, rio que tinha “mais de estrada que de rio”.

ZILA MAMEDE, cantadora lírica da cidade, do rio e do mar, restituiu ao seu lirismo o encontro com as fontes sussurrantes da paisagem comovedora.

Este livro não é uma experiência e menos um passeio em busca de motivos: é uma viagem legítima ao País do Passado, viagem na quarta dimensão, ressuscitando o Imóvel no fundo da lembrança.

De todas as suas jornadas, ZILA MAMEDE traz versos, testificando a colheita positiva. Mão cheia de sonhos, de folhas, de sal. Agora, fruto da terra sofrida e vencida, eterna e generosa nas dádivas incontáveis. Trouxe este livro, documentando a jornada romântica como quem traz um ramo de árvore úmido de orvalho, tendo na ponta uma flor.

Certo é que a natureza nada vale sem o clarão da sensibilidade humana. Somente alegria, mágoa, decepção, fé, transfiguram montanhas, rios, mar, várzeas e florestas, recriando, no plano da inteligência, as potências sugestivas da forma que vencerá o Tempo.

ZILA MAMEDE reencontra na Terra o encanto informe e concordante com a sua própria vida interior. Os poemas são frutos da terra e das almas, as almas poéticas que

vivem em ZILA MAMEDE, alma lírica, alma irônica, alma sonhadora, alma que espera, alma que confia.

Na velha *Comédia do Bristô* do sec. XVII, dizia-se:

Poetas, são tudo flores

pollo fruyto não espereis...

Este livro evidencia o contrário. Flor e fruto na mesma emoção.

Natal, São João de 1959.

Luís da Câmara Cascudo

MELO, Severino Bezerra de. *Para errar menos: conversa com estudantes*. Natal: DEI, 1963.

Carta-Prefácio "Meu caro Professor Severino Bezerra", p. 9-11.

Meu caro Professor Severino Bezerra,

Natal, 20/IX/1963

Creio que a cultura jamais tem sido uma função integral do Espírito. Tenho a impressão de saber relativamente bem algumas coisas e candidamente ignorar muitas outras. Um desses mundos imediatos e desconhecidos é justamente o idioma que falo, do nascimento, e escrevo há quase sessenta anos.

Vivendo com os livros, viajando pelo mundo, convivendo sempre, surpreende-me a diversidade de nossa linguagem, não na expressão de sua prosódia, mas na parte regulamentar de suas regras, começando pela simples regência.

Seremos presentemente 100.000.000 de vozes falando o português. Numa distancia apenas de três meses, tenho no ouvido a sonoridade do português em Portugal e nas Províncias Ultramarinas, o português de Moçambique, de Angola, do Congo, de Cabinda, de S. Tomé, da Guiné, de brancos e de pretos, analfabetos e letrados, em cujo meio convivi e recordo com saudades.

Convenço-me da eternidade da língua e também da inevitável necessidade de uma reforma, mais substancial que a agrária, interessando áreas desmarcadas de influência,

pondo as leis do idioma ao alcance da lógica, aproximando as normas da linguística no tempo alucinante em que vivemos.

Eu tive professores que foram as glórias do magistério em nossa terra: João Tibúrcio e Pedro Alexandrino. Ambos, naquele tempo, lamentavam o abandono coletivo da higiene vocabular, das bases elementares da sintaxe, acusando a complicada aparelhagem didática como responsável pelo juvenil desamor.

Penso que V. deve ter notado a lenta, obstinada e curiosa formação de uma GRAMÁTICA POPULAR, viva e, pelo uso, acrescida pela velocidade em que vivemos, cada vez mais ampla e conquistadora, ao lado da outra, a GRAMÁTICA que nos foi ensinada e que capitaliza a experiência secular do bem falar. Estamos, pois, reclamando, não uma simplificação gramatical, mas o ensino claro, despido das sonoras armaduras do manejo clássico, possibilitando um estilo natural e nobre, como o de Frei Luís de Sousa ou de Machado de Assis, onde a simplicidade é riqueza e a naturalidade elegância do bom-gosto legítimo.

Para essa campanha, foi para mim uma alegria, ler o seu PARA ERRAR MENOS, com o subtítulo: — “Conversa com estudantes”.

No momento, querido Severino, o difícil é localizar o estudante, porque estamos na fase histórica da ciência espontânea e da cultura nativa, independente das técnicas do cultivo. Estudantes devem ser aqueles que estudam. Para que esses ERREM MENOS, V. dedica uma conversa que é simplesmente uma delícia de oportunidade, finura intelectual, saber inteligentemente posto ao alcance de todos os olhos desejosos de vê-lo.

Um ensaio como o seu é uma aula régia, no plano antigo de modéstia e suficiência magistrais, preciso e na porção da resposta indispensável. Alinhar o texto comum da redação banal de todos os dias, com a gramática “intuitiva” que sabemos sem ter aprendido, mas ouvindo a doutrina popular, e pondo a retificação serena e certa, é o essencial, notadamente no ritmo familiar e tranquilo que preside seu ensaio magnífico.

V. não é apenas e seria o bastante, um grande Mestre de gerações, o professor profissional, a vida inteira, mas um grande pai. Tácito elogiava nos velhos romanos, ao lado da relevância guerreira, administrativa e política, a glória sem rumor de haver educado bem sua família. Essa lição, que V. nos deu, vive na frase secular de quem vive bem, calado prega. V. tem autoridade para ensinar porque sua vida tem sido uma lição incomparável de bem-viver, entidade distante do “viver-bem”. O ERRAR MENOS é esse destino; ensinar aos estudantes, como ensinou aos filhos, o coração falando através da sabedoria compreensível.

PARA ERRAR MENOS atenderá a uma necessidade urgente. Fica seu livro na classe insubstituível da lição fácil, doce e segura, sem bulha e sem matinada. O velho Said Ali de proverbial polidez, quando o consultavam sobre uma concordância impossível, lembrava-se de exemplos anteriores e famosos e respondia, sorrindo: — HÁ QUEM USE...

PARA ERRAR MENOS evidencia o bom uso, a tradição autêntica da linguagem limpa e natural, eficiente e lógica, sem lembrar os andaimes do edifício, como recomenda Bilac.

Muito grato pela leitura. Deus traga o seu ensaio para que eu erre um pouquinho menos.

Cordialmente –

LUÍS DA CAMARA CASCUDO

Anexo II – Prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo para obras de sua própria autoria

CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma Patrícia*. Natal: Atelier Typ. M. Victorino, 1921.

“Em vez de prefácio” datado de Natal, julho de 1921, p. 7-8.

*Amigo leitor, peço-te que leias este Prefação,
para sua satisfação, e minha.*

SÃO FRANCISCO DE SALLES, introd. à *Vida Devota*.

Dado o tempo em que entreguei este livro ao prelo, podias, leitor, esperar trabalho seguro e sem jaça. Há mais de um ano que os jornais anunciaram a sua próxima publicação. A culpa era minha. Com o livro fechado no editor, andei atoando ao léu das viagens recreativas. Agora, que a vida se me aquieta, lanço-o à rua, fria e conscientemente, como meio compungido de quem paga dívidas atrasadas e vultosas.

Mas, é preciso explicar a origem da ALMA PATRÍCIA. Vai nisto a minha desculpa e desobriga. Em 1918, Murillo Aranha e eu resolvemos publicar um livro de crítica, de impressão paciente e forte à vida intelectual do Rio G. do Norte. Com a facilidade dos trabalhos projetados, estendemos a ideia a um verdadeiro inquérito aos mortos e aos vivos. Murillo, creio que não chegou a escrever coisa alguma. Demorando de uns a outros, fui reunindo as minhas velhas opiniões sobre os poetas e jornalistas do pequeno Estado. Julgando as ter que reunir ao contingente crítico de Murillo, pouco se dava às torturas de estilo, de ritmo, de linguagem.

Em junho de 1919, estava no Rio quando Murillo Aranha morreu em Lages. Voltando a Natal trouxe o trabalho que havia feito e mandei o editar. Dali em diante, recomecei

campeando impressões em terras alheias e o livro dormindo na esterilidade das banquetas tipográficas.

Enfim, ei-lo. À proporção que ia revendo as provas, corrigia, argumentava, tirando pieguices menineiras de provinciano, rebatendo, aturdindo, as longas exclamações patéticas. Quem for lendo devagar, notará o estilo arritmico, a falta de conjunto na visão crítica. Vê-se que os estudos sobre Abner de Britto, Othoniel Menezes, Ivo Filho, etc. não são que meros artigos que não foram publicados. Longe d'eles, a calma erudita d'um ensaio crítico.

De todos os trabalhos enfeixados apenas "Segundo Wanderley" é escrito no molde em que plasmarei, de futuro, um razoável livro de crítica.

D'aquí e d'além, andou o lápis apressado das corrigendas da última hora, alterando datas e escrevendo letras de saudades. Não tínhamos ainda um volume de crítica, ao menos que sintetizasse o movimento literário Norte-rio-grandense. Este livro preenche a lacuna? Decerto não. A única coisa nele que existe de bom, é a sua sinceridade e de útil, as notas bibliográficas ao fim do trabalho.

Não quis o Destino que o meu pobre Murillo estivesse ao lado do meu nome na primeira folha do livro.

Não sei, apesar do subtítulo, se isto é livro de crítica. No caso de ser, é crítica impressionista e admirativa.

Quanto aos clássicos erros tipográficos, omissões, lacunas, escorregadelas em gramática, é seguir o conselho de Don Francisco Manuel de Mello "*Da infelicidade da composição, erros da escritura, e outras imperfeições da estampa, não há que dizer-vos:—vós os vedes, vós os castigai.*"

É mais cômodo e mais usável, e, na matéria, tem a superioridade de ser lembrança de clássico.

Vale.

Natal, julho de 1921.

L. da C.C.

CASCUDO, Luís da Câmara. ***Pequeno Manual do Doente Aprendiz. (notas e maginações).*** Natal: EDUFRN, 1998.

"Prefácio" datado de Natal, 26 de abril de 1968, p. 13-14.

**Se tudo que a gente sente
cá dentro, tivesse voz...**
Fado da Mouraria em Lisboa



ONOFRE: conhecemo-nos há uns bons quarenta anos. Antes e depois da sua formatura. A Sociedade de Assistência Hospitalar reuniu-nos na identidade devocional pelo problema social, ao lado e sob a supervisão entusiasta e troante de Januário Cicco, médico de três gerações na minha família. Estávamos, praticamente, juntos todas as semanas. E não seria apenas o conhecimento do médico a razão convincente da amizade, mas as jornadas feitas através de comentários, deduções comuns, aproximativas, em horas de confiança e sublimação.

Quando Januário Cicco faleceu, sem desaparecer do nosso convívio, você herdou esse cliente gratuito e loquaz. Os anos têm capitalizado, em juros de mora, o esplendor da minha dívida. Dedicção, interesse afetuoso, ternura fraternal em todos os momentos angustiosos, psicoterapia maciça, vibração contagiante para a elevação do meu tônus basal, tudo lhe devo. Não posso registrar as distinções que, inconscientemente, lhe mereci.

Vamos ficar juntos nesse ensaio de bom humor, terapêutico e meditativo. Em agosto de 1967 e abril deste 1968, trouxe-me você para este Hospital das Clínicas, sujeitando-me a check-up investigador, e realmente cura de repouso, revigoramento pelo silêncio, conforto, tranquilidade. O ambiente acolhedor é inesquecível. As Superiores Maria Inês e agora Maria Zélia, a Irmã Cleófe Silva, madrinha irresistível, médicos, enfermeiras, serventuárias, da cúpula à base dos serviços hospitalares, trataram-me, não apenas no critério do afeto e do interesse cativantes, mas sob as fórmulas familiares do dengo e da cavilação sentimentais.

Nunca um único deveu a tantos!

Tive a doce impressão de regresso à meninice, carrinho infantil, ama de avental branco, voz de acalento para adormecer-me...

O devotamento incomparável de Dália, minha mulher, companheira inarredável e fiel, atestará, comovidamente, o encanto dessa mobilização atenta e jubilosa, ao derredor deste velho professor de província.

Sua solicitude inesgotável, Onofre, pairava sobre essa movimentação como uma grande égide protetora.

As temporadas no Hospital das Clínicas provocaram o *Pequeno Manual do Doente Aprendiz*. Consta de imagens, sugeridas pelo cenário deslumbrante, reminiscências cujo processo associativo é um mistério psicológico. Frutos velhos da memória, teimando aproveitar o abril, ardente e luminoso. Imagens distantes da dedução melancólica de Horácio, *Velut aegri somnia*, “como os sonhos de um doente...”

Os limites dimensionais da minha mobilidade equacionavam-se na simples triangulação funcional: Janela, Poltrona e Cama! Denominam as três estações nessa *Voyage autor de ma chambre*.

Permita-me, Onofre, oferecer-lhe essa flor legítima da minha roseira hospitalar, presumível *in senectude bona*. É uma homenagem ao Amigo-amigo, ao Médico, ao Magnífico Reitor, ao companheiro dileto, íntimo e fraternalmente agressivo, reunião de todos esses valores, raramente presentes na unidade física de pessoa humana, cultura, bondade, enternecimento, compreensão, ânimo, alegria comunicante, graça divina. Possa o Doente Aprendiz deixar ficar em suas mãos generosas a significação simbólica da gratidão emocional.

Luís da Câmara Cascudo
Hospital das Clínicas

ainda “ensinando” na Faculdade de Filosofia, Instituto de Música, Colégio D. Pedro II, Marista, N. Sra. das Neves. Dei cursos sobre Cultura Popular nas Universidades Federais, em Natal, João Pessoa, Recife, Fortaleza. Excluo conferências de caráter didático. Continuo falando aos rapazes e moças que enchem a minha salinha de livros, ouvindo a voz que ainda não se apagou. Ensino gratuita e recíproca, permitindo perceber a jovem mentalidade contemporânea.

Todos os assuntos, aqui reunidos, rumam complementar a paisagem em que vivi e vivo. Ao fim, páginas de ontem não movem moinhos de hoje...

EU, PROFESSOR, CONFESSO, existir uns dois milhões de livros sobre o Ensino e uma dúzia escassa com o depoimento do Professor, inspirado no ambiente vivido. Os grandes Mestres brasileiros e estrangeiros, profissionais e famosos, não comunicaram suas reações nos longos anos de cátedra, relativamente ao elemento humano, povoador das aulas. Livros sobre o que ensinaram, sim! A quem ensinaram, não! Referências vagas, acidentais, fortuitas, incluem os alunos como surpreendidos numa fotografia de grupo festivo no campo. Delícia ouvi-los evocar a fisionomia dos antigos estudantes, nunca fixados em páginas de emoção. Parece que essas canéforas distribuíram os dons sem grande atenção aos que os recebiam. Maior cuidado na excelência da oferta que na devota aceitação. De todos os professores contemporâneos do meu tempo, unicamente Clementino Câmara (1888-1954) publicou a história do seu devotamento: (Décadas, 1936). Força centrífuga de comunicação e menos centrípeta de recepção. Homens que ensinaram a vida inteira não têm uma página de lembranças demoradas.

Não é possível prever a utilidade dessas confidências nas “reformas” pedagógicas que, quase sempre, foram administrativas, transformando as cadeiras em sofás e multiplicando a mobília “Un vieillard n’est rien, mais l’exemple est quelque chose”, escrevia Victor Hugo, em setembro de 1870. Pela sua quase ausência, o assunto seduzira-me. Com ou sem anuência da “pavorosa deusa Atualidade”, como dizia Unamuno, conto minha pequena história, excluindo todos os problemas e pormenores de louvação pessoal. O tenor não ficará sozinho no palco, com solos e árias, atraindo as palmas da plateia. Todos os motivos registrados convergem para a generalidade educacional. Observações, concordâncias, restrições, memórias, no horizonte da veracidade, participada e cotidiana. Repetindo Charcot, “Faudrait y retourner et y rester”, olhando águas passadas, quando possui um moinho de vento, triste e feliz.

Não sei se recordam a balada do Senhor de Ribbeck, no Havelland, perto de Postdam. Tinha uma pereira e distribuía os frutos aos rapazes e raparigas. Sepultou-se com uma pêra no féretro. Do túmulo, outra pereira surgiu. A fronde coroa-se de frutos dourados no outono. Quando a gente moça passa sob a sua folhagem, a árvore transmite a voz do Senhor de Ribbeck: - “Não querem uma pêra?”... Este livro é a minha pereira...

Sei que “la Vieillesse aime à ruminer le Passé” e mesmo é naturalmente “conteuse”. A velhice dá dimensões líricas às coisas vulgares. Simplesmente, vamos reencontrando os vestígios da nossa passagem nos recantos percorridos e será lógico “qu’on n’y peut faire un pas sans fouler quelque souvenir”, como Mistral nas

ruas de Avignon. Nos anos terminas revistamos a bagagem reunida na jornada e as lembranças vão ditando as identificações do percurso. A Natureza, as entidades convividas, o ambiente social revelam o contato humano consagrador. Reúno uma documentação verídica, intrinsecamente de intenção ética. Quem vive, aprende, e essas notas aparentemente alheias ao plano pedagógico são realidades que a Vida concretizou em atitudes realísticas, pensamentos idos e vividos, formulados pelo cotidiano. Figuras, fatos, idéias foram colhidos na autenticidade brasileira e é natural que exprimam uma pequenina missão orientadora. A memória emocional guarda as pegadas na superfície das águas vivas do Passado. “A simples vida já é demasiadamente interessante”, escreveu G. K. Chesterton, notadamente para quem possa afirmar com Silvestre de Sacy: - “Le même travail a rempli toute ma vie”. Todas as minhas consequências decorrem de premissas normais, humildes, diárias, verificáveis. Às vezes, o resplendor resulta da impenetrabilidade, como a luz no espelho. Vereis a Banalidade vulgar, ensinando a um velho professor...

Cidade do Natal, outubro de 1968, março de 1972.

Luís da Câmara Cascudo

CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu*. Natal: Imprensa Universitária, 1968.

“Prefácio” datado de 01 de novembro de 1967, p. 17-20.

J'ai plus de souvenirs que si j'avais mille ans.

BAUDELAIRE

A simples vida já é demasiadamente interessante.

G. K. CHESTERTON

Tout le Passé, pêle-mêle

Revient à flots dans mon Coeur.

VICTOR HUGO.

O TEMPO E EU é a história de todas as criaturas humanas. Tempocronologia e Tempo-dimensão, nos encontros sucessivos com pessoas e coisas, pensamentos e paisagens, **idos e vividos**, como diria Machado de Assis.

Acredito que, na minha vida, o mais interessante é o que ela me permitiu ver e não o seu desenvolvimento social. Meu patrimônio, transmissível aos netos e amigos queridos, não constará do que fiz, pouco ou muito, mas verificável, mas do que compreendi e senti, vivendo. **O que importa na vida é a vida e não um resultado da vida**, pensava Goethe.

Um êxito econômico, político, literário, é apenas um ato, uma ação, um feito da Vida, uma manifestação que não comporta sua essência total.

Quero contar meus casos individuais na companhia do Tempo. Sem a beca doutoral e o arminho “emérito”. Repetir os versinhos de Goethe:

**Eu enfim, sou o que sou
Se assim te sirvo, aqui estou!**

Trabalhando em jornal e livro, desde outubro de 1918, menino rico, estudante pobre, tive oportunidades, no Brasil e fora dele, de falar com muita gente dimensionalmente grande, interna ou externa: estrelas candentes que se tornaram cadentes, constelações apagadas ou vivas nas lembranças fiéis, cometas resplandecentes de órbita alongada, faróis, pirilampos, elefantes e borboletas. Axel Munthe escrevia: - **“O método mais prático para escrever uma obra sobre si próprio, consiste em pensar nos outros”**.

É o que fiz. Reminiscência dos outros. Proposições minhas. Sem a política inflacionária da inveja ou do Louvor.

Evite dar o sinal para queimar o fogo-de-vista. **Le Moi est haissable**, mas é o falso-eu, o eu empenachado de mentiras, faiscante de imaginações, coberto de guisos, miçangas, espelinhos, gritando para o Cosmos, como o matuto sergipano: - **Mundo, olha eu!**

Todo o “material”, utilizado nessa viagem, foi aparecendo num percurso de setenta anos, **o Tempo e eu**, andando juntos, inseparáveis, vendo a Vida passar com suas multidões.

Pus de lado o pormenor das viagens, acolhimento dos “famosos”, convívio dos “grandes”, distinções recebidas, visitas carinhosas, relação dos trabalhos. Esses passos deixaram rastros na areia.

A curiosidade ausente, o abandono displicente, a fingida ignorância, não anularão a existência vivida. Nem mesmo Deus tem o poder para modificar o Passado.

Lentamente aparei as altitudes vaidosas e as luzes gritantes porque não estou apelando para a credulidade de ninguém. **Notre credulité fait leur renommée**

Essa história, **History and Story**, de um professor de província, valerá unicamente pela simplicidade da exposição. As coisas simples são verídicas. Creio endossar a biografia do “Prof. Afrânio Peixoto, exatamente o meu caso:

**Ensinou e escreveu:
Nada mais lhe sucedeu!**

Cidade do Natal.
Dia de Todos os Santos.
1967.

